

André de Souza Pinto

**GENEALOGIAS E HISTÓRIAS DE ANTEPASSADOS EM
GALILEIA, DE RONALDO CORREIA DE BRITO**

Belo Horizonte
2016

André de Souza Pinto

Genealogias e histórias de antepassados em

***Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literaturas Modernas e Contemporâneas.

Área de concentração: Literaturas Modernas e Contemporâneas

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural (LHMC)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lyslei Nascimento

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais
2016

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

B862g.Yp-g Pinto, André de Souza.
Genealogias e histórias de antepassados em *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito [manuscrito] / André de Souza Pinto. – 2016.
111 f., enc.
Orientadora: Lyslei Nascimento.
Area de concentração: Literaturas Modernas e Contemporâneas.
Linha de Pesquisa: Literatura História e Memória Cultural.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 103-109.

1. Brito, Ronaldo Correia de, 1951- – Galileia – Crítica e interpretação – Teses. 2. Família na literatura – História e crítica – Teses. 3. Genealogia – Teses. 4. Ficção brasileira – História e crítica – Teses. I. Nascimento, Lyslei. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: B869.342



pós-lit
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Faculdade de
Letras - FALE



Dissertação intitulada *Genealogias e histórias de antepassados em "Galileia"*, de Ronaldo Correia de Brito, de autoria do Mestrando ANDRÉ DE SOUZA PINTO, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração: Literaturas Modernas e Contemporâneas/Mestrado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dra. Lyslei de Souza Nascimento - FALE/UFMG - Orientadora

Prof. Dr. Georg Otto - FALE/UFMG

Prof. Dra. Claudia Cristina Maia - CEFET/MG

Prof. Dra. Myriam Corrêa de Araújo Ávila
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 7 de março de 2016.

À minha avó Rosalina (*in memoriam*),
que, por meio de suas histórias
e causos do passado,
me fez ser um homem melhor.

Agradecimentos

Ao CNPq, pela bolsa de estudos que possibilitou a produção deste trabalho.

À Universidade Federal de Minas Gerais, em especial à Faculdade de Letras e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, por toda a estrutura e todo o apoio oferecidos no decorrer do curso.

À Prof^a. Dr^a. Lyslei Nascimento, pela orientação cuidadosa, pelo respeito, pela amizade e pelos ensinamentos transmitidos.

Aos professores da Faculdade de Letras, em especial ao Prof. Dr. Reinaldo Martiniano Marques, cujos ensinamentos e desejo de teorizar sempre ressoaram dentro de mim.

À Prof^a. Dr^a. Adriane Sartori, cuja paixão por ensinar e respeito por seus alunos me fizeram ser um discente melhor na Faculdade de Letras.

Às amigas Ivana e Bruna Ferraz, pelas proveitosas conversas, pelas discussões e por sempre me incentivarem.

À minha grande amiga Késia (K), cujos bilhetes trocados em sala, conversas, estudos, trabalhos realizados juntos e discussões fizeram os meus dias muito mais felizes.

A todos os meus familiares, especialmente à minha mãe, Dirce, e ao meu pai, Adhemar, cujos esforços para me darem uma boa educação, a paciência com os meus estudos e o incentivo ao meu trabalho me fizeram chegar até aqui. Digo, ainda, que tudo isso é pouco, pois irei dar muito mais orgulho a eles.

À Fernanda Cecília, que entrou na minha vida e ficará para sempre ao meu lado.

Resumo

Esta dissertação, ao analisar o romance *Galileia* (2009), de Ronaldo Correia de Brito, tem como principal objetivo estudar a genealogia familiar ficcionalizada pelo escritor. Examina-se, neste trabalho, a história dos Rego Castro, ambientada em *Galileia*, além de outros textos de Brito. Em *Galileia*, o escritor se apropria do texto bíblico, reescrevendo-o e modificando-o. Os mitos do espaço sertanejo, bem como as histórias recuperadas da tradição, conformam a narrativa de Brito e dela são estrutura e urdidura. A análise genealógica da família Rego Castro possibilita, ainda, que se estabeleçam vínculos entre os romances e os contos de Brito, cujas histórias familiares, com seus relatos e casas ou famílias em ruínas, é notável. O romance *Galileia* caracteriza-se, ainda, por deixar vislumbrar a autoconsciência ficcional e a autorreflexividade que, nas referências ao ato de reescrever, assim como na estratégia da apropriação da narrativa bíblica e dos mitos do sertão, cujas referências cruzam-se na narrativa, exibem a construção ficcional das histórias narradas. A reescrita, a citação e a apropriação literária no romance foram estudadas com base nos pressupostos teóricos de Antoine Compagnon, Umberto Eco, Michel Schneider e Ricardo Piglia.

Palavras-chave: Genealogia. Reescrita. Citação.

Abstract

The present dissertation, which analyzes the novel *Galileia* (2009), by Ronaldo Correia de Brito, has as its main objective to study the familiar genealogy fictionalized by the writer. In this work the history of the Rego Castro family is examined, set in *Galileia*, besides other Brito's texts. In *Galileia*, the writer appropriates the biblical text, rewriting and modifying it. The myths of the back country environment, such as the stories recovered from its traditions, are in conformity with Brito's narrative, composing the structure and the warp of it. The genealogic analysis of the Rego Castro family allows us to establish links between Brito's novels and tales, whose familiar stories, with reports, ruined houses or families, are remarkable. The novel *Galileia* is characterized, still, by the possibility of leaving a glimpse of self-awareness and self-reflexivity which, in the references to the act of rewriting, such as the strategy of appropriating a biblical narrative and myths from the backwoods, whose references intersect in the narrative, display the fictional construction of the stories told. The rewriting, citation and literary appropriation in the novel were studied, based on the theoretical assumptions of Antoine Compagnon, Umberto Eco, Michel Schneider and Ricardo Piglia.

Keywords: Genealogy. Rewrite. Citation.

Lista de siglas e abreviaturas

UC Berkeley – Universidade da Califórnia em Berkeley

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

Sumário

Introdução	11
CAPÍTULO 1	
Uma genealogia literária: do deserto hebreu ao sertão brasileiro	20
1.1 Sobre a Galileia bíblica e a fazenda da família Rego Castro	21
1.2 Sobre irmãos que se matam	26
1.3 Sobre o proscrito	34
1.4 Sobre Davi e sua nudez	40
CAPÍTULO 2	
A família Rego Castro: árvores e histórias de antepassados	47
2.1 As árvores dos Rego Castro	48
2.2 Os contadores de histórias da família	54
2.3 Sobre supostas pesquisas científicas e amores no sertão	64
CAPÍTULO 3	
Uma genealogia dispersa: Domísio, Donana e outras relações familiares	72
3.1 Domísio e Donana: um crime em família	73
3.2 Rego Castro: histórias cruzadas, famílias cruzadas	80
3.3 Relatos familiares: um tema recorrente.....	89
Considerações finais.....	94
Referências bibliográficas	103
Bibliografia do autor	103
Bibliografia sobre o autor e sua obra	104
Bibliografia geral.....	109

Introdução

Esta dissertação tem como objetivo principal a análise do romance *Galileia*,¹ de Ronaldo Correia de Brito, abordando, principalmente, as relações familiares nele construídas e ficcionalizadas. Busca-se, assim, examinar a genealogia em *Galileia* e, também, em outros textos do escritor com vistas a perceber como esses laços familiares parecem se repetir e constituir um mote literário contemporâneo.

Brito apresenta, por intermédio da narrativa das histórias da família Rego Castro, uma construção genealógica permeada pela força do espaço sertanejo contemporâneo, repleto de tradições do passado e do discurso bíblico. A linhagem dos moradores da fazenda Galileia vai sendo desfiada em meio a mistérios e segredos, tecendo, no mesmo movimento, uma ficção da história familiar dos Rego Castro.

No romance de Brito, os primos Adonias, Ismael e Davi, da família Rego Castro, viajam pelo sertão e vão ao encontro do avô, aniversariante e moribundo. Essa viagem leva-os a descobrir os mistérios da fazenda, em que se evidencia a experiência de Adonias, que, confrontado pelos fantasmas familiares, procura compreender as relações existentes na casa da família. Sua tarefa de elaborar uma biografia familiar se torna infrutífera, visto que nem todas as informações estão acessíveis ao narrador, ou ele não se interessa em descobri-las.

Ao analisar as diversas invenções familiares, as fabulações genealógicas já elaboradas pelos antepassados, Adonias cria outra história, outra versão para a história da família Rego Castro. Buscando o esplendor da narrativa familiar, ele modifica a narrativa, descartando tudo aquilo que não é, para ele ou para a família, interessante e, assim, escolhendo aquilo que lhe interessa, arremata: “[M]e envergonhei de conhecer as misérias do primo. É melhor para a família imaginá-lo apenas um músico”.²

Vê-se, dessa maneira, que, ignorando o fato de Davi ter-se entregado aos prazeres ao lado de outros homens, o narrador julga que essa informação não seria boa para a família e que o melhor seria desconsiderar esse aspecto familiar. Adonias descarta as novas informações acerca do parente, conforme visto no fim do romance, ao

¹ BRITO, Ronaldo Correia de. *Galileia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

² BRITO, 2009, p. 212.

.....

atirar pela janela do carro em movimento a carta de seu primo Davi – e ficcionalizar a genealogia dos Rego Castro.

Acerca do escritor, cuja obra é vasta, mas ainda pouco conhecida e estudada, será traçada uma breve biografia. Ronaldo Correia de Brito³ nasceu em Saboeiro, no Ceará, em 1º de outubro de 1950, mas em seu registro civil consta a data de 2 de julho de 1951, erro corrigido anos após o nascimento. Seu nome, escolhido pela família, causou alguma confusão no dia do batismo, porque o padre acreditava ser “Ronaldo” um nome pagão, e, assim, para a cerimônia na igreja, foi escolhido o nome “José”.

A família dos pais de Brito possuía ascendência de cristãos-novos, judeus sefarditas oriundos de Portugal. Vê-se, ainda, que um dos bens mais preciosos de Ritinha Brito, mãe do escritor, era um caixote com livros, antologias e textos bíblicos do Primeiro e do Segundo Testamentos, cujas narrativas auxiliaram o menino, que viria a se tornar médico e escritor, na tarefa de aprender a ler. Segundo o texto biográfico disponível em seu site, “a Bíblia sempre representou para ele o mais extraordinário livro de contos e iria marcá-lo por toda a vida”, refletindo, assim, as referências textuais utilizadas por ele em seus textos.

Ao se examinar a biografia do escritor, é possível ver uma aproximação entre ficção e vida. A mudança do nome, de “Ronaldo” para “José”, acatando a recusa do padre em batizá-lo, faz com que a história de Brito se assemelhe muito à narrativa de Raimundo Caetano, em *Galileia*, visto que o padre também se recusou a batizar o patriarca da família com o nome “Abraão”. Na vida do escritor, o nome considerado pagão, Ronaldo, é substituído por um nome bíblico, José. Na narrativa ficcional, o nome judaico, Abraão, é trocado por um nome tido como cristão, Raimundo Caetano. Invertidos, os nomes serão índices de histórias que se cruzam, tradições e religiões que, em meio aos poderes públicos e privados, vão constituindo a malha ficcional. Além desse jogo de nomes, o caixote da mãe do escritor se assemelha ao baú de Maria Raquel, no mesmo romance, um lugar repleto de memórias ou ensinamentos.

Brito, radicado em Recife e médico formado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é dramaturgo, contista e romancista. Um dos escritores contemporâneos mais vigorosos da literatura brasileira, ele possui uma vasta produção literária, que pode ser vislumbrada pelos vários textos teatrais ou em prosa por ele

³ Informações retiradas do site do escritor. Disponível em: <www.ronaldocorreiaebrito.com.br>. Acesso em: 6 dez. 2015.

publicados. Em 2007, foi escritor residente na Universidade da Califórnia em Berkeley (UC Berkeley) e assina, atualmente, uma coluna no jornal cearense *O povo*.⁴

Com o romance *Galileia*, Brito ganhou o prêmio São Paulo de Literatura na categoria de melhor livro do ano. Foi, também, premiado pela Biblioteca Nacional, por *Retratos imorais*.⁵ Além disso, o escritor foi semifinalista do Prêmio Jabuti e do Prêmio Portugal Telecom.

Entre as obras de Brito destacam-se os textos teatrais *Retratos de mãe* (1995), *O malassombro* (1996), *Os desencantos do Diabo* (2001), *Ópera do fogo* (2003), *O reino desejado* (2003), *Nascimento da Bandeira* (2007), *Baile do Menino Deus* (2011), *Arlequim de Carnaval* (2011), *Bandeira de São João* (2011) e *Duas mulheres em preto e branco* (2012); os livros de prosa infantil, *Baile do Menino Deus* (1996), *Bandeira de São João* (1998), *Arlequim* (1999) e *O pavão misterioso* (2005).

Entre outros textos, principalmente os que irão ser abordados neste trabalho, ressaltam-se os livros de contos *Três histórias na noite* (1989), *As noites e os dias* (1997), *Faca*,⁶ *Livro dos homens*,⁷ *Retratos imorais* e *O amor das sombras*,⁸ assim como o livro *Crônicas para ler na escola*⁹ e os romances *Galileia* e *Estive lá fora*.¹⁰ *Faca* foi traduzido para o francês, pela editora Chandeigne, com o nome *Le jour où Otacilio Mendes vit le soleil* (2013).

Para a investigação empreendida nesta dissertação, será analisado, primeiramente, o conceito de genealogia literária, tal como estudado por Glauber Pereira Quintão em *Genealogia literária em A estranha nação de Rafael Mendes, de Moacyr Scliar*,¹¹ que abordou o caráter inventivo das histórias familiares na literatura.

⁴ Jornal *O Povo*. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/colunas/ronaldocorreiaдебrito/>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

⁵ BRITO, Ronaldo Correia de. *Retratos imorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

⁶ BRITO, Ronaldo Correia de. *Faca*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

⁷ BRITO, Ronaldo Correia de. *Livro dos homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

⁸ BRITO, Ronaldo Correia de. *O amor das sombras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

⁹ BRITO, Ronaldo Correia de. *Crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

¹⁰ BRITO, Ronaldo Correia de. *Estive lá fora*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

¹¹ QUINTÃO, Glauber Pereira. *Genealogia literária em A estranha nação de Rafael Mendes, de Moacyr Scliar*. 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

.....

No romance de Brito, percebe-se que as histórias familiares são múltiplas e variadas e, ainda que haja semelhanças entre elas, são elaboradas por um genealogista que censura, emenda e remenda as histórias, demonstrando o estatuto da narrativa como artefato ficcional. O surgimento dos Rego Castro, assim como a gênese do sertão, é abordado pelo narrador, que, apontando as várias versões acerca desse povo sertanejo, mistura histórias e antepassados, constitui e destitui poderes, trama e destrama as genealogias.

O passado sefardita é, aos poucos, contraposto a outra origem sertaneja, isto é, tem-se a indicação de uma descendência de mestiços, filhos de homens brancos com mulheres indígenas. Buscando uma linhagem nobre, os narradores de Brito, contadores de histórias responsáveis pela propagação do mito do surgimento desse povo, romanceiam o passado da família, inventando, remendendo histórias, fabulando relatos familiares e do sertão e, ao mesmo tempo, descartando versões menos honrosas do surgimento familiar.

Ao se estudar, nesta dissertação, o tema da genealogia no romance *Galileia*, principalmente a criação de narrativas acerca da família Rego Castro, procura-se explicitar um possível perfil da literatura contemporânea que exhibe as contradições e os artifícios das genealogias literárias. Para tal análise, serão utilizadas, como referencial teórico, as reflexões sobre a citação de Antoine Compagnon, as noções de genealogia de Umberto Eco, a teoria da paródia de Linda Hutcheon e os estudos sobre as apropriações literárias de Michel Schneider e Ricardo Piglia.

Assim, o ato de recortar e colar, remendendo histórias, presente no romance de Brito, bem como a citação de episódios, bíblicos ou de histórias locais, parece apontar para a necessidade de se ter um leitor que, atento à intertextualidade e à metalinguagem, possa perceber a riqueza da urdidura do texto.

Além disso, conforme visto em Eco, “os livros falam sempre de outros livros e toda história conta uma história já contada”.¹² O passado, portanto, “deve ser revisitado; com ironia, de maneira não inocente”.¹³ Essa revisão parece caracterizar-se como uma estratégia narrativa contemporânea da literatura, da qual o texto de Brito é um

¹² ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Trad. Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 20.

¹³ ECO, 1985, p. 56.

.....

expoente. No romance de Brito, a revisitação como estratégia narrativa apontará para a escolha de um passado idealizado e heroico, que é ruído e desfiado, assim como para a utilização das referências bíblicas que poderiam endossar a nobreza dos personagens, mas que, ao contrário, deixarão entrever uma genealogia textual, tramada e destramada, tecida e retorcida. Assim, a reencenação dos episódios bíblicos ligará a narrativa de Brito ao texto das Escrituras, mas acrescentando características nada idealizadoras aos antepassados dos personagens.

Michel Schneider, em *Ladrão de palavras*,¹⁴ afirma que

Cada livro é eco dos que o anteciparam ou o presságio dos que o repetirão. Cada um, peça imprópria e aleatória de um conjunto sem fim, dá para o precedente e para o seguinte, como essas enfiadas de quarto que povoam os pesadelos, sonhos do inatingível.¹⁵

Compagnon, Eco e Schneider evidenciam, assim, a existência de uma tradição da escrita em que o passado e o futuro poderiam ser vistos como reescrita. Os vestígios do passado seriam, assim, encontrados nos textos do presente e, este, por sua vez, funcionaria como uma parte da tradição que o texto seguinte poderá usufruir. Ao mesmo tempo, esse eco de textos do passado ganhará novos contornos a cada vez que ocorrer sua repetição, isto é, é o mesmo, mas de forma diferente, pois, no momento da sua repetição, a leitura conformará um deslocamento, atualizando, desse modo, o vestígio, o fio e a marca do passado, conforme será visto na repetição da história dos personagens Domísio e Donana.

Segundo Ricardo Piglia,¹⁶ “[a] memória tem a estrutura de uma citação, uma citação que não tem fim, uma frase que se escreve com o nome de outro e que não se pode esquecer”.¹⁷ Assim, a ficção narraria essa memória e faria as ligações dela com a tradição e a identidade. Existiria, dessa maneira, uma rede de narrações básicas – inclui-se aí a narrativa bíblica – que seriam remontadas, reorganizadas e reconstruídas pelo romance atual.

¹⁴ SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras*: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Trad. Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

¹⁵ SCHNEIDER, 1990, p. 100.

¹⁶ PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: _____. CONGRESSO ABRALIC, 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SEGRAC, 1991. P. 60-66.

¹⁷ PIGLIA, 1991, p. 64. (Tradução nossa)

.....

De acordo com Linda Hutcheon,¹⁸ a utilização da ironia e da paródia na reescrita cria novos sentidos para a narrativa, e isso, conforme será analisado nesta dissertação, é uma das estratégias narrativas utilizadas por Brito ao citar e reescrever os episódios bíblicos. Ao repetir com diferença, Brito acaba por se posicionar criticamente a esse texto resignificando-o.¹⁹

A fim de se estudar o romance *Galileia*, a dissertação será dividida em três capítulos. No primeiro, busca-se analisar as referências bíblicas citadas no romance e a reencenação de alguns episódios bíblicos específicos. Vê-se que o romance apresenta inúmeras referências à Bíblia, que foram reescritas e recontextualizadas por Brito. Cita-se, por exemplo, quando da morte do personagem Benjamim, a fala de Raimundo Caetano, cuja “imitação da Escritura”, refazendo o mesmo comportamento adotado pelo rei Davi após perder o filho, caracteriza essa ligação do romance com a narrativa bíblica.

Galileia apresentaria, assim, no ato dessa “imitação da Escritura”, sugerida no episódio mencionado, uma relação intrínseca com a Bíblia, tal como o escritor com essa tradição literária. Procura-se, assim, ao se analisarem os nomes dados por Brito aos seus personagens e a fazenda Galileia, homônima ao espaço citado na Bíblia, verificar como o escritor reescreve e modifica o discurso bíblico.

Busca-se, dessa forma, fazer a análise de três episódios específicos: a reencenação de Abel e Caim; a reescrita de Ismael, o proscrito, filho de Abraão²⁰ e Agar, ressaltando as diferenças entre o romance e a narrativa bíblica; e a comparação entre o Davi do Primeiro Testamento e o Davi do romance de Brito. Além disso, será feita a análise do personagem Raimundo Caetano, equivalente ao patriarca Abraão.

No segundo capítulo, destinado à análise da genealogia dos Rego Castro, será estudado o discurso dos membros da família que, inconformados com a linhagem que possuíam, elaboravam narrativas e genealogias idealizadas. Seus antepassados seriam, assim, fruto de uma fabulação dos genealogistas da família.

¹⁸ HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*: ensinamentos das formas de arte do século XX. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

¹⁹ Embora “repetição e diferença” sejam termos usados pela psicanálise, não será essa a abordagem realizada neste trabalho.

²⁰ Nesta dissertação, a fim de não confundir o leitor, será utilizado apenas o nome “Abraão” para se referir ao patriarca bíblico, ignorando a mudança de nome ocorrida no capítulo 17 de *Gênesis*. Ressalta-se, todavia, que a forma “Abrão” será mantida nas citações tiradas integralmente da *Bíblia*.

.....

A habilidade de contar histórias, característica peculiar dos membros desse grupo familiar, facilitaria a elaboração de uma narrativa que pudesse, ainda que precariamente, satisfazer os membros da família. Cada personagem, moldado por aquilo que viveu e pelos anseios de fazer parte desse grupo, elaboraria uma história que justificasse o seu pertencimento à família Rego Castro e que, principalmente, apresentasse um relato heroico e idealizado do surgimento desses homens.

Se a memória no romance de Brito se caracteriza de distintas formas, em diferentes personagens, a história familiar também muda dependendo do personagem. Enquanto tio Salomão guarda o saber sertanejo e, pretensamente, científico das genealogias, haja vista que suas pesquisas e achados genealógicos baseiam-se na tradição oral e nos textos produzidos pelos pesquisadores do sertão, cujo método de investigação seria, supostamente, não-científico, e do próprio espaço habitado – uma casa antiga e cheia de histórias, assim como repleta de livros, isto é, uma pequena biblioteca do sertão –, tio Natan traz consigo a memória bruta da experiência.

Seguindo essa caracterização, Adonias, por sua vez, aparece como alguém que é visitado pelos fantasmas do tempo – por exemplo, como vislumbrado no diálogo com o falecido tio João Domísio – e como detentor de um saber moderno, porém incapaz de superar seus traumas e alcançar o que seria a verdadeira história dos Rego Castro. Afinal, a genealogia tradicional da família, dos nomes, do espaço, parece destoar da crônica familiar ficcionalizada e construída por ele. Já Ismael, desejando ser aceito, enfim, pela família, abre mão de suas raízes indígenas, justificando a dizimação do povo *kanela* e, assim, elaborando a sua gênese do sertão e da família cujo pertencimento vive a implorar.

No terceiro capítulo, será analisada, principalmente, a narrativa sobre Domísio e Donana, antepassados da família Rego Castro, cuja história perpassa parte da obra de Brito, sendo mencionada, inicialmente, no livro de contos *Faca* (2003) e retomada em *O livro dos homens* (2005), *Galileia* (2009), *Estive lá fora* (2012) e *O amor das sombras* (2015).

A partir do estudo da relação entre esses textos, busca-se fazer, aqui, também uma aproximação entre os dois romances de Brito, visto que a família apresentada por ambos é a mesma, isto é, nos dois textos, os Rego Castro estão presentes, mas representando espaços diferentes e tempos distintos da narrativa.

.....

Partindo desse pressuposto do indício familiar, o sobrenome, de que as duas famílias são a mesma, busca-se analisar como se dá essa construção narrativa, apontando, assim, para o fato de a obra de Brito se caracterizar por ser uma série literária, ou quase o que poderia ser visto como uma saga literária familiar, tal como apontado por Eco.

Procura-se, ainda, apontar outras relações familiares na obra de Brito, utilizando, para isso, contos de *Faca*, *O livro dos homens* e *O amor das sombras*. A partir dessa reflexão, será possível perceber a existência de um tema recorrente na obra do escritor, a saber: a família e, por consequência, a casa familiar.

A casa, símbolo da família, conforme visto em “Faca”,²¹ é o lugar do aprisionamento para Domísio, que anseia se casar com outra mulher, mas é, também, o santuário de Anacleto Justino, que dá abrigo ao irmão após o crime cometido. Da mesma forma, outros contos do escritor apresentam a casa, ou seja, a família, como um espaço em ruína, uma prisão, o local onde a identidade, se é que ainda sobrevive, é filigranada e alia-se, em vários momentos, a outros discursos, como o da culinária, por exemplo, com suas receitas familiares, ou a casa estéril, cujas paredes nunca irão ouvir crianças correndo, tal como em “Brincar com veneno”.²²

Também serão analisadas, na obra de Brito, outras relações familiares importantes, cujos enredos tratam, por exemplo, da relação entre mãe e filho, como em “Redemunho”;²³ de um marido inválido e uma mulher furiosa por não poder gerar outra vida, como em “Brincar com veneno”, já mencionado; e de uma história em que o espaço da casa é o lugar da memória, das lembranças da antiga terra da família e, também, do sentimento de não pertencimento, como em “Mellah”.²⁴

Das referências bíblicas às relações familiares e entre textos, procura-se, nesta dissertação, estudar, na obra de Ronaldo Correia de Brito, a partir do romance *Galileia* e de outros textos selecionados da obra do escritor, o tema da genealogia, bíblica e ficcional, tendo como hipótese de investigação a conformação de um traço importante

²¹ BRITO, 2003, p. 22-33.

²² BRITO, 2005, p. 40-54.

²³ BRITO, 2003, p. 34-51.

²⁴ BRITO, 2015, p. 87-91.

.....

da literatura contemporânea e sua construção/desconstrução de histórias e narrativas de antepassados.

CAPÍTULO 1

Uma genealogia literária: do deserto hebreu ao sertão brasileiro

O romance *Galileia* inicia-se com os três primos, Adonias, Ismael e Davi, empreendendo uma viagem rumo à Galileia, fazenda da família, espaço “de férias, de meninice”,²⁵ conforme revela o narrador Adonias. Ali, na casa do patriarca, Raimundo Caetano, vários mistérios familiares resistem, subterrâneos, nas dobras da memória, ao passar do tempo.

A volta do narrador ao interior do sertão, a Arneirós, representa, para ele, uma cisão com o mundo civilizado, pois, ali, os laços com o resto da humanidade parecem ser cortados. Ele, médico, além de retornar a um lugar de sofrimento – visto que, no passado, presenciou a cena do primo ensanguentado, Davi, correndo após o estupro sofrido –, parece querer remediar as relações familiares que se encontram em ruína, auxiliar os ajudantes da família, Esaú e Jacó, a cuidar do patriarca, já muito doente, e elaborar, por meio de uma espécie de biografia, a história da família Rego Castro.

A volta à fazenda indica, também, o retorno aos mitos familiares, construídos pela família e ressignificados pelo narrador, que, ao descrever cada um dos parentes e situações específicas ou cometer um ato pecaminoso – como será visto adiante –, ao se repetir o episódio de Caim e Abel, dá novos significados ao espaço ocupado pela família no sertão.

Assim, neste capítulo, serão estudadas a relação do sagrado com o profano e a reencenação de episódios bíblicos, tais como o de Caim e Abel, o de Ismael e o de Davi. Espera-se, nessa análise, reler as histórias mencionadas à luz da compreensão da narrativa como a criação de uma genealogia textual, em que os personagens de Brito se assemelhariam aos homens bíblicos, mas que, ao mesmo tempo, seriam, no romance, recontextualizados.

²⁵ BRITO, 2009, p. 72.

1.1 Sobre a Galileia bíblica e a fazenda da família Rego Castro

Em sua viagem para o interior, rumo à fazenda Galileia, os primos, enquanto o carro se move pelas estradas do sertão, escutam uma música que toca ao fundo e que parece dar o tom da travessia do sertão. A “letra de ‘Paranoid Android’ [...] repetia o pânico, o vômito, o pânico, o vômito”²⁶ que a viagem trazia. O silêncio solicitado pela canção se torna cada vez mais distante, e, ainda que a música termine dizendo que Deus ama os próprios filhos, os sons que ressoam no carro se parecem apenas com vozes “vindas de uma barca, dos tenebrosos autos medievais [dizendo]: ‘– Ao inferno! Ao inferno!’”²⁷.

Para os primos, a ida para a fazenda da família representa um caminho trilhado rumo ao inferno, em direção a uma terra de mistérios e sofrimentos. Natanael, no capítulo 1 de *João*, afirma: “De Nazaré pode sair algo de bom?”²⁸ Se o questionamento feito aponta para uma duplicidade de significados, ao se referir ao tamanho desse vilarejo na região da Galileia ou à bondade de seus moradores, vê-se, também, que a Galileia de Brito deixa essa duplicidade em cena.

O local bíblico foi o cenário da infância de Jesus e de vários milagres, pois o “princípio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galileia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele”.²⁹ No entanto, como será visto, a casa em ruínas apresentada por Brito não tem, tal como na Bíblia, a manifestação do poder divino de Jesus.

Conforme afirma Viviane Stringhini,

Na Galiléia original, nasceram Jesus e os apóstolos, com exceção de Judas Escariotes, natural da Judéia. Das tantas cidades da região, inclusive Nazaré, foram poucos os habitantes que acreditaram nos milagres, na Ressurreição ou mesmo na existência do Cristo. Por outro lado, na obra *Galiléia*, uma antiga fazenda encravada no sertão, a família Rego Castro prefere crer no que não vê, dialogar com os

²⁶ BRITO, 2009, p. 19.

²⁷ BRITO, 2009, p. 20.

²⁸ BÍBLIA. Hebraico. *Bíblia de Jerusalém*. Trad. Euclides Martins Balancin [et al.]. São Paulo: Paulus, 2012, p. 1.846.

²⁹ BÍBLIA DE JERUSALEM, 2012, p. 1.846.

.....
mortos, ocultar os estupros, esconder os assassinatos e cultuar o
adultério e consequentes bastardos.³⁰

Assim, diferentemente da Galileia bíblica, a fazenda do romance é repleta de mistérios, memórias de crimes e transgressões e parece responder ao questionamento de Natanael com um “não”. Ao contrário do espaço citado na Bíblia (Segundo Testamento), a Galileia de Brito não conhece nem reconhece os milagres de um profeta, uma possível redenção, pois, ali, o único capaz de ressuscitar alguém, realizar um grande feito, é o fantasma de Domísio, em seu diálogo com Adonias, conforme será visto mais adiante. No romance, uma cena de um pacto com um morto dá um novo significado ao espaço habitado pelos Rego Castro. Mistura-se, aqui, o sagrado ao profano, pois a ressuscitação de Lázaro, conforme visto no capítulo 11 de *João*,³¹ irá se diferenciar do pacto que Adonias faz com o tio: dar metade dos dias de vida que ainda lhe restam em troca da vida de Ismael, ressuscitado dentre os mortos após ter sido atingido por uma pedra atirada por Adonias.

A narrativa de Brito, ao fazer falar as vozes do sagrado e do profano, dos textos bíblicos e das referências ficcionais, se constrói ligando antigas narrativas familiares a histórias presentes na Bíblia judaico-cristã. Forma-se no romance, conforme Eli Brandão e Isabelly Cristiany Chaves Lima³² salientam, “uma complexa rede de histórias abertas e cruzadas”,³³ pois esse relato trabalha com o “já dito, a tradição, o legado [...] [e] deixa transitar o novo, o inédito”.³⁴

Ricardo Piglia aponta, na literatura contemporânea, para a existência de “uma rede de narrações básicas”,³⁵ e o escritor, na tarefa de trabalhar com essa tradição, com aquilo que já foi dito, buscaria “construir uma memória pessoal, que sirva, ao mesmo tempo, como ponte com a tradição perdida”.³⁶ O relato de *Galileia*, ao elaborar uma

³⁰ STRINGHINI, Viviane C. M. Galileia. *Revista Travessias*. v. 4. n. 2. 2010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4198>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

³¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 1.871.

³² BRANDÃO, Eli; LIMA, Isabelly Cristiany Chaves. Histórias cruzadas e abertas em *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito. *Revista Colineares*, n. 1, v. 2, jul./dez. 2014, p. 52-63. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/colineares/article/view/956>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

³³ BRANDÃO; LIMA, 2014, p. 53.

³⁴ BRANDÃO; LIMA, 2014, p. 53.

³⁵ PIGLIA, 1991, p. 66. (Tradução nossa)

³⁶ PIGLIA, 1991, p. 66. (Tradução nossa)

.....

narrativa que se utiliza de uma rede de histórias abertas e de certa tradição, põe em cena, lado a lado, o sertão e a fazenda familiar e o deserto hebreu, cruzando suas histórias por intermédio das referências feitas à narrativa bíblica.

Galileia, de acordo com Elizabeth Ribeiro, “desenvolveu ao lado do sertão de Inhamuns, no Ceará, o sertão mítico que faz ligação com o deserto bíblico hebreu. Há um diálogo intertextual entre a *Galileia* e a *Bíblia*”.³⁷ Tem-se, assim, um contato muito próximo entre as duas narrativas, resultando na reencenação de alguns episódios bíblicos, na utilização de nomes bíblicos, incluindo-se aí os nomes dos personagens – Esaú e Jacó, Tobias, Salomão e Josafá, por exemplo – e a denominação da própria fazenda – Galileia.

Piglia assinala a possibilidade de se usarem “todas as palavras como se fossem nossas, fazê-las dizerem o que queremos dizer”,³⁸ e, dessa maneira, ficcionalizar uma história familiar em que os personagens, presentes no sertão brasileiro, são remetidos, a partir de referências e por intermédio da reescrita, à narrativa bíblica. Assim, esse sertão dos Inhamuns imbricado com a Galileia bíblica, assim como as citações diretas feitas pelo escritor, indica a apropriação, por parte de Brito, da tradição narrativa, especialmente do relato bíblico.

A tradição, conforme aponta Piglia, se caracteriza por ser esse rastro do passado a que o escritor se filia e utiliza. Assim, Brito, em *Galileia*, retomando o discurso bíblico, cria uma relação genealógica que vai além dos laços sanguíneos entre os membros familiares, pois a genealogia ficcional do romance faz sutis ligações com personagens e acontecimentos presentes na narrativa das Escrituras.

A palavra “genealogia” retrataria, segundo a *Catholic Encyclopedia*,³⁹ uma proposição básica, uma fórmula inicial das listas familiares – “estas são as gerações”, ou “este é o livro da geração” –, ou seja, tal palavra se referiria a uma biografia rudimentar, traduzida pela expressão “esta é a história”. Dessa maneira, o romance de Brito é um livro de gerações, tanto dos Rego Castro quanto de personagens que podem ser encontrados na Bíblia judaico-cristã, desdobrando-se a afirmativa de que “[o]s nomes

³⁷ RIBEIRO, 2011, p. 2.

³⁸ PIGLIA, 1991, p. 60. (Tradução nossa)

³⁹ MAAS, Anthony. Genealogy (in the Bible). *The Catholic Encyclopedia*. v. 6. New York: Robert Appleton Company, 1909. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/06408a.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

encontrados nas genealogias bíblicas nem sempre denotam pessoas, mas podem significar uma família, uma tribo ou nação, ou até mesmo o país”.⁴⁰

O romance apresenta diversos episódios bíblicos, ora reencenando algum acontecimento, ora apontando semelhanças entre os personagens das narrativas. Dos membros familiares, citam-se Natan, forte e imponente, descrito como Golias, semelhante em força, mas reduzido na sua virilidade, visto que seria, segundo Ismael, um homem de “rola pequena”;⁴¹ Davi, filho de Natan, um príncipe para os familiares, mas com uma vida repleta de segredos; Salomão, aquele que traz consigo a sabedoria e, ao mesmo tempo, os mistérios de um amor renegado; e Tobias, apresentado, ao que parece, tanto como o filho pródigo quanto como o filho que permanece na casa de seu pai, pois, ao mesmo tempo em possui semelhanças com aquele que vai embora da fazenda, se aproxima, também, do outro filho, por não concordar com a partilha do rebanho com o irmão. Contudo, do que retorna, Tobias, com seu aspecto sombrio e personalidade cruel, só aparece na fazenda para se livrar dos laços familiares e não voltar mais.

Por fim, dentre os vários personagens de Brito que se assemelham às figuras bíblicas, Raimundo Caetano tem papel fundamental, pois a narrativa de *Galileia*, a história dos Rego Castro, incluindo a relação familiar com a narrativa bíblica, tem seu início nesse patriarca, que agoniza na fazenda, à espera dos netos que para ali se dirigem. A morte como espaço que referenda e dá autoridade a essa narrativa produzida na velhice, como afirma Walter Benjamin nas primeiras frases de “Experiência e pobreza”,⁴² é desconstruída por Brito, pois o leito de morte ocupado por Raimundo Caetano não confere nenhuma autoridade à narrativa, mas, ao mesmo tempo, *Galileia* confirma a proposição de Benjamin, pois o patriarca familiar é incapaz de “contar histórias como elas devem ser contadas”⁴³ e de comunicar “palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração”;⁴⁴ resta, então, ao

⁴⁰ MAAS, 1909, p. 2. (Tradução nossa)

⁴¹ BRITO, 2009, p. 93.

⁴² BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

⁴³ BENJAMIN, 1987, p. 114.

⁴⁴ BENJAMIN, 1987, p. 114.

.....

narrador do romance, nesse espaço em que a hierarquia se encontra ausente, ficcionalizar a história dos Rego Castro.

Se “as ações da experiência estão em baixa”,⁴⁵ conforme afiança Benjamin, o narrador de Brito, ao não se encontrar preso ao discurso do patriarca, ficcionaliza, por intermédio das versões acerca da genealogia dos Rego Castro, “uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo”.⁴⁶ Desse modo, escapa à fadiga da vida diária da fazenda Galileia, mas, ao mesmo tempo, sendo permeada por Raimundo Caetano, cuja doença, além de ser o motivo da viagem dos primos, é, também, o reflexo da própria casa em ruínas.

Raimundo “escolheu os nomes de todos os filhos e netos nas páginas de uma velha História Sagrada”,⁴⁷ mas ele próprio fora proibido de ser batizado com um nome bíblico, pois o nome Abraão não era cristão, conforme a justificativa do padre. O nome de um patriarca, escolhido pelos pais de Raimundo, representaria o desejo de uma descendência numerosa, assim como a de Abraão, mas, para o padre, parecia significar um passado remoto, em que a família se aproximaria da sombria história dos cristãos-novos, os judeus convertidos à força ao catolicismo.

O pai de Isaac e Ismael, patriarca bíblico, teve a sua descendência tão numerosa quanto as estrelas do céu, pois era digno da promessa de Iahweh. De acordo com o relato bíblico, a promessa de Deus era a seguinte: “Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção!”⁴⁸ Semelhantemente, o chefe da família Rego Castro, cujo nome deveria ter sido Abraão, teve vários filhos, embora não tenha conseguido povoar a fazenda Galileia, visto que quase todos foram embora desse ambiente sertanejo e arcaico.

No entanto, a partir da figura de Raimundo Caetano, aniversariante e homem doente, três outras histórias são relatadas e desvendadas, pois, por intermédio do relato de um dos netos, Adonias, tem-se, no retorno à casa do patriarca, a revelação de crimes e transgressões familiares e, também, de ressignificações que as Escrituras, tão lidas pelo avô, podem trazer para a narrativa de *Galileia*.

⁴⁵ BENJAMIN, 1987, p. 114.

⁴⁶ BENJAMIN, 1987, p. 119.

⁴⁷ BRITO, 2009, p. 28.

⁴⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 49.

.....

Adonias, narrador do romance, também tem a sua importância para a narrativa de Brito. Além de ser o responsável por elaborar a história familiar dos Rego Castro, ele se apresenta como um personagem que possui, por intermédio do seu nome, uma ligação com o deserto hebreu.

Na Bíblia, de acordo com o segundo livro de *Samuel*,⁴⁹ Adonias foi um dos filhos de Davi, apto, caso seus irmãos morressem, a assumir o trono de Jerusalém, mas acabou sendo rejeitado, e Salomão tornou-se rei. Teria sido ele, também, um levita, conforme está escrito em *II Crônicas*, capítulo 17.⁵⁰ Por fim, segundo o capítulo 10 de *Neemias*,⁵¹ outro Adonias teria sido um dos chefes do povo judeu após o cativo na Babilônia.

O personagem de Brito, ao ser comparado com seus homônimos do texto bíblico, indica dois aspectos que parecem ser importantes: a impossibilidade de suceder a Davi, filho, sobrinho e neto querido dos Rego Castro, e a perda da importância do conhecimento acadêmico face ao saber sertanejo de Salomão, que lhe sucede, ainda que metaforicamente, no valor que os conhecimentos de ambos possuem, sendo, assim, quem teria mais importância no sertão.

Serão analisados a seguir três acontecimentos bíblicos descritos e reencenados na narrativa de *Galileia*: a reescrita do episódio de Caim e Abel, por Adonias e Ismael; a narrativa do filho proscrito de Raimundo Caetano, filho e neto, ao mesmo tempo, e que se caracteriza por ser o Ismael bíblico, filho de Abraão e da escrava Agar; e a história da vida de Davi, rei na Bíblia e vítima de um crime no romance.

1.2 Sobre irmãos que se matam

Os primos, semelhantes a personagens bíblicos, com suas histórias ressignificadas por Brito, ao mesmo tempo em que gravitam em torno da fazenda Galileia e da figura do patriarca Raimundo Caetano, com suas lembranças dos tempos de infância, suas personalidades e histórias secretas – sexuais, violentas ou apenas a incapacidade de viver no espaço sertanejo –, permitem que o leitor desvende a intrincada narrativa de *Galileia*.

⁴⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 435.

⁵⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 602.

⁵¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 654.

Adonias, Ismael e Davi retomam, em suas vidas, cada um ao seu modo, a história bíblica, ainda que essa narrativa não se equipare, totalmente, ao relato primeiro. O regresso à fazenda se caracteriza, assim, por ser, também, um retorno ao passado familiar, incluindo todos os seus mistérios, e à tradição judaico-cristã. Dentre os vários episódios bíblicos, um incidente, envolvendo os primos Adonias e Ismael, é fundamental na trama: a reencenação do relato de Caim e Abel.

A reescrita desse episódio possibilita, ao leitor, reconhecer as referências bíblicas acerca do fratricídio cometido por Caim e entrar no quarto escuro da Casa Grande do Umbuzeiro, isto é, permite que ele se aproxime dos fantasmas dos Rego Castro, Domísio e Donana, e do primeiro sangue derramado na família – um prenúncio dos crimes que se repetem na família.

Andrea Lombardi, em seu artigo “Onde está o *nosso* irmão Abel?”,⁵² ao apontar aquilo que ele chama de “O complexo de Abel” e examinar a existência de “muitas variações do conflito entre irmãos”,⁵³ seja no Primeiro Testamento, seja na teogonia grega, menciona a compulsão por repetição desse episódio, pois, segundo ele, “o conflito entre Caim e Abel foi destinado a ser repetido nas gerações posteriores. Compulsivamente”.⁵⁴ Inclusive no romance de Brito.

A análise empreendida por Lombardi, após reconhecer a existência dessa “compulsão por repetição”, centra-se em uma leitura freudiana. Segundo ele, “a falta de trabalho de luto pela morte de Abel”⁵⁵ tem como resultado a melancolia e “distúrbios, elementos patológicos dolorosos voltados contra o sujeito e contra os objetos de suas relações afetivas”.⁵⁶ Todavia, as conclusões de Lombardi, assim como essa leitura freudiana, não serão objeto dessa dissertação, ficando apenas a ideia de repetição como algo que se quer analisar neste trabalho, visto que Adonias repete o crime cometido pelo personagem bíblico.

O narrador Adonias, sujeito que se reconhece dentro de um movimento cíclico, observa a existência de uma pergunta que parece persegui-lo no romance: “O que vim

⁵² LOMBARDI, Andrea. Onde está nosso irmão Abel? In: _____. *História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003, p. 211-227.

⁵³ LOMBARDI, 2003, p. 215.

⁵⁴ LOMBARDI, 2003, p. 217.

⁵⁵ LOMBARDI, 2003, p. 217.

⁵⁶ LOMBARDI, 2003, p. 217.

fazer aqui?”⁵⁷ Logo após, o narrador, com pesar, responde: “Apenas cometer o crime que a família premeditou há anos. Ser o Caim eleito, o que desfere a pedrada contra o irmão”.⁵⁸ Assim, a história premeditada havia anos, incluindo a do relato bíblico, é evocada no romance *Galileia*. O crime cometido contra o irmão, reencenado e reescrito, a partir da tradição bíblica e dos conflitos familiares, se concretiza, com pequenas diferenças, na figura dos personagens Adonias e Ismael.

Philippe Sellier, no verbete “Caim”, do *Dicionário de mitos literários*,⁵⁹ atesta a presença do “ódio de um irmão, o derramamento de sangue, a agonia e as andanças do culpado”⁶⁰ nas literaturas ocidentais. Segundo ele, “[o]s primeiros relatos que serviram de mitos à cultura judeu-cristã abordam dois temas centrais: a grandeza da Criação e a revolta narcísica do homem”,⁶¹ e um desses mitos seria, então, o assassinato cometido por Caim contra o seu irmão.

Conforme está registrado na Bíblia, no capítulo 4 de *Gênesis*,

Caim apresentou produtos do solo em oferenda a Iahweh; Abel, por sua vez, também ofereceu as primícias e a gordura de seu rebanho. Ora, Iahweh agradou-se de Abel e de sua oferenda. Mas não se agradou de Caim e de sua oferenda, e Caim ficou irritado e com o rosto abatido.⁶²

O primogênito, aquele que cultivava o solo, não obtém a aprovação de Deus e, por isso, “se lançou sobre seu irmão Abel, [o pastor de ovelhas], e o matou”.⁶³ O ciúme, a inveja e o ódio, que entremeiam a narrativa dos primeiros irmãos, apontam para o conflito e seu desdobramento ou evolução ao crime.

No romance, esses desdobramentos podem ser vistos no mesmo espaço em que tia Donana foi assassinada, onde Adonias, tomado pela fúria, se lança contra o primo Ismael. Assim, relata o narrador:

⁵⁷ BRITO, 2009, p. 142.

⁵⁸ BRITO, 2009, p. 142.

⁵⁹ SELLIER, Philippe. Caim. In: _____. BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind... [et al.]. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p. 138-145.

⁶⁰ SELLIER, 2000, p. 138.

⁶¹ SELLIER, 2000, p. 138.

⁶² BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 39.

⁶³ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 39.

.....

O sol a prumo na cabeça cegou meus olhos. Procurei com que matá-lo, e só achei uma pedra. Não sei de onde tirei força para arremessá-la, possuía o braço inerte, a pontaria sem prumo. Vi quando ele tombou, sangrando como nossa tia Donana, esfaqueada pelo marido Domísio.⁶⁴

Logo, se memória é tradição, como afiança Piglia, a ficção narraria um rastro do passado, uma tradição que é incluída numa rede de narrações fundacionais, principalmente a bíblica, que são desconstruídas e remontadas, reorganizadas e reconstituídas, em outro contexto, nesse caso, no romance de Brito.

Para Compagnon,⁶⁵ a reescrita, enquanto citação, direta ou indireta, o “fragmento escolhido”,⁶⁶ “converte-se ele mesmo em um texto” e seu sentido – ao ser inserido e reinscrito em outro contexto – se expande, se desmonta e se dispersa.

A repetição do fratricídio modifica o sentido do relato bíblico, visto que a sua reincidência na contemporaneidade, na ficção, diferentemente da cena bíblica, tem outra motivação. A inveja de Adonias é visível, mas, aqui, não se trata mais da oferenda que foi feita e aceita por Deus, pois o ciúme da relação entre Ismael e sua madrasta, Marina, é o mote desse crime. Além disso, tem-se a morte de um primo, ao contrário de um irmão, ou seja, vê-se, aqui, uma relação de parentesco que já se desvia do relato primeiro.

O assassinato cometido por Adonias, repetição do ato praticado por Caim, funciona como uma citação do episódio bíblico, haja vista a referência direta à narrativa de *Gênesis*, conforme pode ser visto em: “Terei de ocultar-me longe de tua face e serei um errante fugitivo sobre a terra”,⁶⁷ mencionado no romance e transcrito fielmente do relato do primeiro livro da Bíblia.⁶⁸

O corpo estranho, de acordo com Compagnon para a citação,⁶⁹ é, assim, parte fundamental da narrativa de Brito, pois tanto a reescrita do fratricídio quanto a leitura que Adonias faz do livro de *Daniel*,⁷⁰ dentre outros episódios, revelam que o escritor se

⁶⁴ BRITO, 2009, p. 141.

⁶⁵ COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

⁶⁶ COMPAGNON, 2007, p. 13.

⁶⁷ BRITO, 2009, p. 142.

⁶⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 39.

⁶⁹ COMPAGNON, 2007, p. 37.

⁷⁰ BRITO, 2009, p. 123-124.

.....

apropriada da tradição bíblica, ressignificando-a, tomando-a como uma memória de textos do passado e uma narrativa fundacional, tal como salientou Piglia.

De acordo com Eco, o passado, portanto “deve ser revisitado; com ironia, de maneira não inocente”.⁷¹ Essa revisitação do texto bíblico, no romance de Brito, insere as histórias e os personagens bíblicos Caim e Abel no sertão, modificando-os, mas, também, narrando, mais uma vez, o assassinato dentro da própria casa, dentro da própria família.

O romance *Galileia*, dessa forma, evidencia, o trabalho do romancista, que se vale da narrativa bíblica e, também, das histórias presentes na tradição sertaneja local. Brito afirma que: “Os outros escritores se antecipam a mim, escrevem o que gostaria de ter escrito”.⁷² Logo, resta ao autor, nessa tarefa impossível de escrever algo que, para além do desejo de ser original, busca visitar os textos antigos, seja o passado mítico/bíblico, seja as histórias orais do sertão, construir sua narrativa, modificando-a, ou apenas reencenando-a, observando, no entanto, que toda repetição já opera uma mudança no sentido inicial do texto.

Os personagens de Brito possuem semelhanças com os irmãos descritos na Bíblia, no entanto a reescrita e a construção ficcional parecem impor diferenças que poderiam ser, de acordo com Linda Hutcheon, marcadas pela utilização de vários recursos na narrativa. Dessa maneira, a “[i]ronia e paródia tornam-se os meios mais importantes de criar novos níveis de sentido – e ilusão”.⁷³ Assim, uma “repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança”,⁷⁴ é uma das características de *Galileia*.

Ribeiro afirma que: “Observou-se que *Galiléia* traça paralelo com o modelo bíblico, ao nível das personagens e do enredo, mas trata-se de um cotejo marcado pela ironia”.⁷⁵ Após a morte de Ismael, Adonias, em sua narrativa, insere a ironia no que diz respeito ao assassinato cometido: “Na Galileia os homens portam armas de fogo. Eu

⁷¹ ECO, 1985, p. 56.

⁷² BRITO, 2009, p. 84.

⁷³ HUTCHEON, 1989, p. 46.

⁷⁴ HUTCHEON, 1989, p. 17.

⁷⁵ RIBEIRO, 2011, p. 89.

utilizo um método mais arcaico para matar: apanho pedras no chão e arremesso contra as vítimas”.⁷⁶

Por serem primos, Adonias e Ismael compartilham lembranças da infância vivida na fazenda Galileia. A relação de amor, praticamente uma relação incestuosa entre irmãos, aparece no romance muito sutilmente, mas insinua um envolvimento afetivo mais profundo entre o narrador e seu primo.

Adonias confessa um sentimento que talvez ultrapasse a relação fraternal: “Beije-me, Ismael, você não recusa ninguém. Beije-me do jeito que beijaram seu irmão Davi, antes que o sangrassem como um cordeiro de Páscoa”.⁷⁷ A citação do episódio envolvendo Davi, vítima de um possível estupro na fazenda, sugere, dessa forma, um relacionamento afetivo mais intenso entre os primos.

Esse relacionamento também remete à amizade entre Davi e Jônatas, conforme visto no capítulo 18 do primeiro livro de *Samuel*, pois “Jônatas apegou-se a Davi. E Jônatas começou a amá-lo como a si mesmo”.⁷⁸ Assim, o personagem bíblico se assemelha a Adonias, que, em uma relação muito mais intensa que a fraternal poderia supor, se despe de tudo que tem, afinal “Jônatas fez um pacto com Davi, porque o amava como a si mesmo”.⁷⁹

Confirmando a semelhança entre a relação vivida pelos primos de *Galileia* e o relacionamento de Davi e Jônatas, Brito afirma em uma entrevista que:

Não podemos falar que a relação de Adonias e Ismael é uma relação homoerótica, numa leitura atual do que é homossexualidade, mesmo considerando que são dois personagens contemporâneos. Eles estão ligados por vínculos amorosos sim, como o rei Davi e seu amigo Jônatas, filho do rei Saul, conforme está escrito na *Bíblia*. Construí essa relação cerimonial e contida, para diferenciá-la de formas mais explícitas de exercer a sexualidade, como é o caso do personagem Davi, do romance.⁸⁰

⁷⁶ BRITO, 2009, p. 163.

⁷⁷ BRITO, 2009, p. 144.

⁷⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 415.

⁷⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 415.

⁸⁰ BRITO, Ronaldo Correia de. *Ronaldo Correia de Brito: Galileia, Ruínas e Labirintos do sertão*. Entrevista concedida a José Inácio Vieira de Melo. Disponível em: <<http://jivmcavaleirodefogo.blogspot.com.br/2009/08/o-codigo-do-livro-dos-homens.html>> Acesso em: 02 fev. 2015.

.....

Ressalta-se, no entanto, que Adonias, consumido pela culpa de ter matado aquele a quem amava, desperta e ouve o ressoar da história bíblica, lembrando as leituras feitas pelo avô e o destino de Caim: “Terei de ocultar-me longe de tua face e serei um errante fugitivo sobre a terra”.⁸¹ Brito, desse modo, especularmente, reitera a aproximação de Adonias a Caim, no desejo de ocultamento, na fuga e na errância, como um castigo ao crime cometido.

Observa-se, contudo, que a narrativa se distancia da Bíblia, em outros níveis, pois Brito, ao reencenar o episódio, inverte os papéis representados por seus personagens, modificando os valores que cada um deles recebe da família. Adonias, o “Caim” do romance, ainda que tenha cometido um crime contra seu “irmão”, é, pode-se dizer, aquele que traz a oferta que mais agrada a Deus, a que mais agrada à família Rego Castro.

Médico, possível escritor da biografia familiar, Adonias pode ser culpado apenas por ter abandonado a fazenda Galileia, mas goza de todas as outras honrarias oferecidas pelos familiares, ao contrário de Caim, que não soube responder à pergunta de Iahweh: “Onde está teu irmão Abel?”.⁸² Pode esconder um assassinato, segundo a fala do narrador em: “Reúno os tios e digo a eles que você está morto. Que caiu de uma árvore e fraturou o crânio”,⁸³ ou, de acordo com ele: “Se quiser me tornar respeitado, digo a verdade. Matei e pronto”.⁸⁴

Ismael, por sua vez, assassinado por seu “irmão” Adonias, não desfruta de nenhum privilégio junto à família, junto ao poder dominante da fazenda. Ele torna-se, dessa maneira, um “Abel” que não agrada a Deus, pois ali, na fazenda Galileia, sua vida não tem nenhum valor.

Para Sellier, “[t]odo homem vive sob o olhar de um Deus exigente (que interdita o homicídio) e misericordioso (que não abandona o assassino)”,⁸⁵ mas o personagem Ismael poderia representar uma relação entre homem e Deus diferente da exposta pelo teórico, pois o primo mestiço vive sob o olhar exigente da família Rego

⁸¹ BRITO, 2009, p. 142.

⁸² BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 39.

⁸³ BRITO, 2009, p. 144.

⁸⁴ BRITO, 2009, p. 144.

⁸⁵ SELLIER, 2000, p. 139.

.....

Castro, e, ali, esse grupo familiar é capaz de perdoar o homicídio, acolhendo o assassino e abandonando a vítima, já que a violência é marca do herói nessa narrativa.

Eco afirma que “para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores”,⁸⁶ porém, têm-se, sempre, ecos de intertextualidade, pois outros livros são, durante a narrativa, retomados, e, com isso, um mundo anterior, um passado, é sempre revisitado, mas com outros olhos. Assim, no romance de Brito, o tempo bíblico, citado e revisitado, é evocado, e a narrativa ficcional, permeada pelas referências bíblicas, fala sobre o passado, ao mesmo tempo em que revela as sombras das histórias e lança outra perspectiva acerca do sangue derramado contra o irmão.

O crime cometido por Adonias leva-o para o mesmo caminho trilhado por Domísio, conforme afirma o tio-fantasma: “Além de repetir o meu crime, como se não bastasse a semelhança, correu para a mesma casa, e procurou se ocultar no quarto em que me escondo”.⁸⁷ O sangue derramado pelo narrador, além de remeter ao delito do antepassado, remontaria, na referência ao episódio de Caim e Abel, a um tempo e a um passado mais remoto.

A relação de amor entre os primos, vítimas, talvez, dos mistérios familiares – uma das poucas semelhanças entre eles –, não é o bastante para que não repitam o assassinato. Contudo, além da inversão dos valores recebidos por eles – inocente por ter matado, no caso de Adonias; ou culpado, mesmo após ter morrido, quando se refere a Ismael –, a narrativa de Brito não cobra de nenhum dos personagens o exílio, pois a errância já está presente em cada um dos primos, visto que não há, na fazenda, um lugar para eles.

Entre o amor e a morte, tem-se um sacrifício. Adonias, num gesto redentor e, ao mesmo tempo, egoísta, afirma: “Não sou exemplo de generosidade. Quando peço a vida de Ismael, penso em meu próprio ganho. Não suportarei viver, depois do que fiz”.⁸⁸ O personagem faz, então, imaginariamente, um pacto com o espírito do tio, e, em troca da metade dos dias a que teria direito sobre a terra, o primo volta à vida e ao mundo sertanejo que o despreza.

⁸⁶ ECO, 1985, p. 21.

⁸⁷ BRITO, 2009, p. 151.

⁸⁸ BRITO, 2009, p. 153.

.....

A ficção, ao reencenar o episódio bíblico, coloca em cena papéis que são intercambiáveis: Ismael, que pode ser visto como “Abel”, é encarnado na figura de um rejeitado “Caim”, e o inverso também se confirma, ou seja, tem-se, também, um “Caim” na pele de “Abel” quando se trata de Adonias. A reescrita da Bíblia, pela ficção, no caso do romance, insere o escritor numa tradição importante da literatura, que reelabora os textos bíblicos e deles toma partido ficcional.

1.3 Sobre o proscrito

Ismael, além de representar o “Abel” na história familiar de Brito, encena outro personagem de mesmo nome, o filho proscrito de Abraão e Agar. O personagem bíblico é filho, então, de um patriarca e de uma escrava. No romance de Brito, ao se reescrever a narrativa de *Gênesis*, o personagem é fruto de uma relação entre Natan, filho do patriarca da família Rego Castro, e Maria Rodrigues, uma índia.

A história do personagem de *Galileia* muito se assemelha ao texto bíblico, mas, também, se distancia desse relato presente no Primeiro Testamento. O Ismael de Brito atualiza a narrativa das Escrituras, se assemelha, se diferencia, cria outras possíveis histórias para o homem, filho de uma empregada, uma escrava, que recebe as bênçãos do Senhor, como é possível inferir da promessa do Anjo de Iahweh: “Eu multiplicarei grandemente a tua descendência, de tal modo que não se poderá contá-la”.⁸⁹ Tal promessa de prole abençoada que se anuncia no relato bíblico, no sertão de Brito, ao contrário, encontra os obstáculos impostos pela família, e Ismael se torna, assim, um borrão na árvore genealógica dos Rego Castro, pois, apesar dos laços sanguíneos, não é reconhecido, e na fazenda não há lugar para ele.

Como no relato bíblico, Ismael é fruto de uma relação extraconjugal. Natan, comerciante e um dos filhos de Raimundo Caetano, em uma viagem pelo sertão, se envolveu com Maria Rodrigues, uma índia, e teve um filho mestiço. Ao contrário de Abraão, que obteve permissão de Sarai para se deitar com a empregada, Natan trai Marina, sua esposa, e traz ao mundo um filho indesejado.

No entanto, Natan não assume a criança, e cabe ao tio Josafá, a pedido da mãe de Ismael, revelar toda a verdade a Raimundo Caetano, que o adota, dando-lhe um

⁸⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 54.

nome e um destino de lutas. O personagem de Brito enfrenta, dessa maneira, os homens que o confrontam, impondo-lhe obstáculos e obrigando-o a conquistar o seu lugar na família Rego Castro e na fazenda Galileia.

O primo mestiço não foi, desde o princípio, merecedor de nenhum amor dos familiares. Raimundo Caetano, pai e avô de Ismael, após tê-lo adotado, parece ser o único, além de Adonias, a valorizar o filho/neto. Contudo, o patriarca já se encontra próximo da morte.

O filho fora do casamento, apesar de ter sido concebido por Natan, encontra seu semelhante bíblico no momento em que é adotado pelo patriarca da família Rego Castro, retomando, a partir de referências que o próprio narrador vai trazendo para o leitor, a figura do proscrito.

O capítulo 16 de *Gênesis* diz:

A mulher de Abrão, Sarai, não lhe dera filho. Mas tinha uma serva egípcia, chamada Agar, e Sarai disse a Abrão: ‘Vê, eu te peço: Iahweh não permitiu que eu desse à luz. Toma, pois, a minha serva. Talvez, por ela, eu venha a ter filhos.’ E Abrão ouviu a voz de Sarai. Assim, depois de dez anos que Abrão residia na terra de Canaã, sua mulher Sarai tomou Agar, a egípcia, sua serva, e deu-a como mulher a seu marido, Abrão. Este possuiu Agar, que ficou grávida.⁹⁰

Assim, Agar, serva de Sarai, deu a Abraão, com consentimento de sua mulher, um filho, que fora chamado de Ismael.

Raimundo, se assemelhando a Abraão, aumenta ainda mais os seus filhos após a adoção do neto. Porém, tal reconhecimento de paternidade apenas busca corrigir um desvio cometido no casamento, pois sua empregada, Tereza Araújo, semelhantemente à serva Agar, teria se deitado com o patrão e concebido dois filhos. Os descendentes do patriarca com a empregada, porém, são dados para a adoção e não encontram lugar no seio da família.

A história do filho de Maria Rodrigues e a do filho de Agar, apesar de eles terem o mesmo nome, são diferentes entre si. Marina, esposa de Natan, não é aquela que cede outra mulher para o marido, assim como Maria Raquel não permitiu que Raimundo Caetano se deitasse com Tereza Araújo.

⁹⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 53-54.

.....

Diferentemente dos filhos naturais de Marina com Natan, Elias e Davi, e dos vários filhos de Raimundo, Ismael é filho dos dois e, ao mesmo tempo, não possui vínculo algum que o ligue à família sertaneja, exceto a própria vontade de querer fazer parte desse mundo, pois, segundo ele, “[o] sertão a gente traz nos olhos, no sangue, nos cromossomos. É uma doença sem cura”,⁹¹ e, assim, também é o desejo de se filiar aos Rego Castro.

O narrador Adonias, ao relatar a chegada de Ismael à fazenda, afirma:

O avô trouxe você do Maranhão. Tio Natan remoía-se de ódio porque ele o registrou como filho. E eu não compreendia como você se tornara irmão do próprio pai. O avô tentava me explicar. Você passava fome com seu povo kanela. Não estudava, não sabia ler ainda. Natan não o reconheceu. Como filho. Pra ele, filhos eram Elias e Davi, do casamento com Marina. Você era um estorvo, o fruto das brincadeiras com uma índia. Só isso.⁹²

Ismael torna-se, assim, irmão do próprio pai e, mais ainda, um estorvo para os outros membros da família Rego Castro.

Verifica-se, ainda, a presença de dois aspectos a serem analisados nessa reencenação bíblica do episódio do filho proscrito. Em primeiro lugar, tem-se o personagem Ismael, que, diferentemente do relato bíblico, ao ser construído ficcionalmente por Brito, ultrapassa a narrativa inicial e, no sertão nordestino, suplementa a história de *Gênesis*. Ele possui uma descrição ampla, tanto psicológica quanto física.

O primeiro livro da Bíblia traz “a descendência de Ismael, o filho de Abraão, que lhe gerou Agar, a serva egípcia de Sara”.⁹³ A descrição da prole do proscrito é, assim como delineado pela *Catholic Encyclopedia* ao abordar a genealogia, uma apresentação de gerações, e, assim, são expostos, conforme visto no livro de *Gênesis*,

os nomes dos filhos de Ismael, segundo seus nomes e sua linhagem: o primogênito de Ismael, Nabaiot, depois Cedar, Adbeel, Mabsam, Masma, Duma, Massa, Hadad, Tema, Jetur, Nafis e Cedma. Esses são os filhos de Ismael e esses são os seus nomes por aduares e acampamentos: doze chefes de clãs.⁹⁴

⁹¹ BRITO, 2009, p. 19.

⁹² BRITO, 2009, p. 43-44.

⁹³ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 66.

⁹⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 66.

.....

Dessa forma, enquanto a geração do personagem de Brito é pequena, visto que só existe, conforme aponta o texto, uma filha, que seria fruto do primo mestiço com uma mulher na Noruega, a descendência do Ismael bíblico é mais numerosa, assinalando, assim, uma diferença entre o personagem de *Gênesis* e o sujeito do romance de Brito.

O personagem bíblico, conforme as Escrituras, viveu por

cento e trinta e sete anos. Depois ele expirou; morreu e foi reunido à sua parentela. Ele habitou desde Hévila até Sur, que está a leste do Egito, na direção da Assíria. Ele se estabeleceu defronte de todos os seus irmãos.⁹⁵

Contudo, o personagem de Brito, filho e irmão do próprio pai, apesar da numerosa família dos Rego Castro, não tem lugar para se estabelecer após a morte, pois não há lugar para Ismael na fazenda Galileia tampouco na vida dos Rego Castro.

Ao mesmo tempo em que se diferencia do papel desempenhado por Ismael na Bíblia, isto é, não poder se estabelecer perante os irmãos e membros da família, o personagem de Brito se aproxima do relato bíblico por possuir em seu ser a errância, pois, mesmo atravessando os sertões do Inhamuns e as vastidões geladas da Noruega, o filho proscrito não encontra o seu lugar de direito.

Ismael sofre por ser um mestiço e por não ser reconhecido pelo pai. Os pais de Adonias recomendavam “cuidado com Ismael, pois embora fosse filho de Natan, pertencia a outra gente, uma tribo diferente da nossa”.⁹⁶ Dessa forma, dentre os vários motivos que o fazem ser desprezado pela família, a diferença cultural entre um mestiço *kanela* e a família Rego Castro, representada nas árvores genealógicas, pode ser considerada um deles.

A vida que o filho de Natan levava também fazia aumentar o ódio de alguns familiares por ele, pois, ainda que não trouxesse nenhum perigo para os Rego Castro, suas atitudes seriam questionáveis.

Adonias, na viagem rumo à Galileia, elege Ismael como o guia, santificado e abençoado pelo Senhor:

No meu ouvido ressoa a voz de um antigo profeta, voz solene como a de todos os que nascemos por aqui. Vá, Ismael, nos guie! Santificado seja o teu nome. Um anjo do Senhor veio em teu socorro. O filho da

⁹⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 66.

⁹⁶ BRITO, 2009, p. 46.

.....
escrava não será desamparado, uma fonte jorrará no deserto. Do proscrito também nascerá uma grande nação.⁹⁷

Adonias também reconhece em Ismael a existência de uma figura controversa. Ainda que o ame, ele não consegue deixar de expor os crimes e as máculas do mestiço, filho de outra tribo, conforme o pai do narrador.

Ismael sempre fora um bom primo, dedicado e preocupado. Segundo o narrador, o primo “foi apenas um suspeito, o menos condenável de todos”, em relação ao estupro de Davi, mas outros motivos sempre o conduziram ao ódio familiar.

Além da diferença cultural e sanguínea, pequenos delitos cotidianos, conforme a perspectiva de Adonias, evidenciavam um modo de vida diferente e, para alguns membros familiares, errado de Ismael. O narrador aponta as transgressões do primo: “Ismael acendeu um novo baseado. O cheiro da erva aumenta minha náusea. Desço os vidros do carro. O proscrito assumiu o comando da expedição, sem nos consultar se desejamos segui-lo”.⁹⁸ O caráter criminoso e socialmente incorreto de Ismael, pois, para Adonias, médico e pai de família, revela que a vida que o primo levava era o oposto daquilo que seria considerado certo.

O primo mestiço, na época em que morava na Noruega, já fora condenado à prisão por agredir a mulher e, assim, perdera a guarda da filha. No entanto, perante o incesto com a esposa de seu pai, Marina, tais delitos cometidos anteriormente parecem não ter tanta relevância.

Adonias, tão afastado da família, nunca soube os motivos que levavam os familiares a odiar Ismael. Contudo, em suas conversas com o primo, começa a entender o motivo. Assim, ele reflete:

Tento compreender o ódio que Natan, Elias, Davi, os tios e tias nutrem por você. Imagino que o ódio começou depois de sua adoção por Raimundo Caetano, contra a vontade de todos, até mesmo da avó Raquel. [...] Agora conheço o outro motivo do ódio.⁹⁹

O narrador descobre, enfim, o motivo do ódio familiar e, temendo “estar contaminado do mesmo sentimento irracional da família”,¹⁰⁰ insulta Ismael: “Você é um cachorro,

⁹⁷ BRITO, 2009, p. 42.

⁹⁸ BRITO, 2009, p. 18.

⁹⁹ BRITO, 2009, p. 140.

¹⁰⁰ BRITO, 2009, p. 140.

.....

que deita com a esposa do pai, a mãe de seus irmãos”.¹⁰¹ Ainda que Ismael se defenda: “Confesso que sofro de uma agonia por sexo. Mas a cadela era Marina, que arrastava um rapazinho sem experiência pra dentro de seu corpo”.¹⁰² A briga com Adonias define a vida do mestiço, pois, odiado por todos os familiares, tem o seu destino traçado no momento em que o narrador derrama o seu sangue, reencenando, como já se viu, o episódio de Abel e Caim.

O segundo aspecto a ser apontado aqui refere-se ao confronto entre Tereza Araújo, “uma negra acolhida como cria desde os nove anos, e que assumiu um lugar que Raquel muitas vezes negligenciou, o de mãe e patroa”,¹⁰³ e Maria Raquel, isto é, a reencenação do conflito entre Agar e Sarai. O filho não eleito, Ismael, trará, assim, consequências para os seus pais, seja para o pai adotivo, Raimundo Caetano, seja para Tereza Araújo, figura que se aproxima de Agar, e Maria Raquel, esposa legítima do patriarca dos Rego Castro.

No relato bíblico, após o nascimento de Ismael, Agar

começou a olhar sua senhora com desprezo. Então Sarai disse a Abrão: ‘Tu és responsável pela injúria que me está sendo feita. Coloquei minha serva entre teus braços e, desde que ela se viu grávida, começou a olhar-me com desprezo. Que Iahweh julgue entre mim e ti!’ Abrão disse a Sarai: ‘Pois bem, tua serva está em tuas mãos; faze-lhe como melhor te parecer.’ Sarai a maltratou de tal modo que ela fugiu de sua presença. O anjo de Iahweh a encontrou perto de certa fonte no deserto, a fonte que está no caminho de Sur. E ele disse: ‘Agar, serva de Sarai, de onde vens e para onde vais?’ Ela respondeu: ‘Fujo da presença de minha senhora Sarai.’ O Anjo de Iahweh lhe disse: ‘Volta para a tua senhora e sê-lhe submissa.’¹⁰⁴

Semelhantemente, no romance, Tereza Araújo se torna submissa a sua senhora mesmo após ter perdido o primeiro filho: “Arrancaram o recém-nascido do peito de Tereza, antes que completasse um mês, e o entregaram a uma família caridosa, que o levou para longe, e nunca mais deu notícias”.¹⁰⁵ A empregada, destituída do filho, cuida da prole de Raimundo Caetano e Maria Raquel.

¹⁰¹ BRITO, 2009, p. 140.

¹⁰² BRITO, 2009, p. 140.

¹⁰³ BRITO, 2009, p. 61.

¹⁰⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 54.

¹⁰⁵ BRITO, 2009, p. 61.

.....

Contudo, “Tereza apareceu grávida novamente”,¹⁰⁶ e o segundo filho indesejado foi, mais uma vez, dado para outra família. Tal atitude transformou Tereza, que, afrontando sua senhora, passou a exigir que Raimundo assumisse “para toda Arneirós a sociedade com ela no comércio das redes, sem jamais revelar sua parte nos lucros”.¹⁰⁷

Assim, “[d]eclarou-se a guerra entre Raimundo e Raquel”¹⁰⁸ e, ao mesmo tempo, caracterizou uma das diferenças entre o relato bíblico e o romance de Brito. Se, para Ribeiro, ao mencionar o trabalho de Brito e a revisitação da narrativa bíblica, “as mesmas personagens são mencionadas e a mesma postura moral sugerida, mas as relações com elas são ironicamente diferentes”,¹⁰⁹ vê-se que, aqui, a serva não será mais submissa. Tereza irá, ao contrário daquilo que seria esperado, tomar parte dos bens do patriarca, concorrendo abertamente com Maria Raquel, a esposa e senhora.

1.4 Sobre Davi e sua nudez

Dos três episódios bíblicos selecionados de *Galileia* para análise, a vida de Davi, personagem semelhante e homônimo ao rei de Israel, também será pautada pela repetição com diferença, estratégia utilizada por Brito na reescrita das outras narrativas já analisadas. Apesar das várias referências feitas por Adonias à “realeza” do personagem, verifica-se que o primo possui inúmeros segredos e participa, ainda que indiretamente, das várias tramas e mistérios familiares.

Na Bíblia, o primeiro livro de *Samuel* relata o surgimento de Davi, escolhido por Samuel, após a manifestação de Deus para que o profeta buscasse outro rei para substituir Saul, que fora rejeitado por Deus. Nem Eliab, Abinadab, Sama e os outros filhos de Jessé foram os escolhidos, pois somente “o menor, que estava tomando conta do rebanho”,¹¹⁰ Davi, seria ungido pelo profeta.

¹⁰⁶ BRITO, 2009, p. 62.

¹⁰⁷ BRITO, 2009, p. 62.

¹⁰⁸ BRITO, 2009, p. 62.

¹⁰⁹ RIBEIRO, 2011, p. 89.

¹¹⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 411-412.

.....

Saul, ao receber o filho de Jessé, antes mesmo de se dar conta de que ali estava o seu sucessor, “sentiu grande afeição por ele, e Davi se tornou seu escudeiro”.¹¹¹ No romance de Brito, observa-se, também, a admiração e o respeito que o personagem Davi tinha junto aos familiares.

Em *Galileia*, Adonias nutre por Davi carinho e afeição que são transformados em repulsa após os mistérios da vida do primo serem revelados e o narrador descobrir que esses segredos não condizem com aquilo que seria esperado de um homem correto, um descendente dos Rego Castro.

Se Davi, no romance, não representa um modelo de homem, conforme a visão de Adonias, para Sellier,¹¹² o rei Davi assume o poder porque este lhe foi confiado por Deus. Dessa maneira, para o crítico,

[o] que nos parece ser o fundamento do poder da imagem que se investiu em Davi e o inscreveu na literatura, é sua extrema e falível humanidade, mesmo se em diferentes episódios ele nos pareça um sobre-humano, como por exemplo em sua indulgência com Saul, seu assassino em potencial. Do ponto de vista literário, achamos que o poder de um tema está no fato de ele não poder ser dito até o fim.¹¹³

Sendo assim, apontando as semelhanças entre os dois relatos, vê-se que Davi, enquanto personagem literário, tem sua história ressignificada e atualizada por Brito. Entre semelhanças e diferenças, a humanidade frágil, passível de erros, presente no texto bíblico, permanece em Davi, o personagem da ficção.

O personagem bíblico, aquele que apascentava ovelhas, é configurado, desde o início, como um herói, pela sua coragem e força. Se aparecia um animal feroz, “o perseguia e o atacava pela juba, o feria e matava,¹¹⁴ tal como fora feito contra o filisteu Golias. Sempre em meio a guerras e conflitos, Davi sai vitorioso de todos os embates, evitando a morte, fugindo de Saul e, por fim, sendo coroado rei de Israel. Alguns episódios controversos também fazem parte da vida de Davi, incluindo a morte indireta, mas premeditada, de Urias, compondo, assim, uma imagem complexa do rei de Israel.

¹¹¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 412.

¹¹² SELLIER, Philippe. Davi ou Do itinerário. In: _____. BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind... [et al.]. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000, p. 212-216.

¹¹³ SELLIER, 2000, p. 213.

¹¹⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 414.

.....

No romance de Brito, a construção ficcional do personagem Davi se aproxima em alguns pontos do relato bíblico, mas também se distancia em diversos aspectos. O Davi bíblico é amado pelo povo de Israel e de Judá. O personagem de Brito tem o amor de todos na fazenda Galileia, conforme pode ser visto em: “Minguadas carícias, uns dedos que tocam os cachos dos cabelos, outra mão que arruma o colarinho da camisa, um tio que envolve a cintura do primo com o braço. Todos amam Davi”.¹¹⁵

A história contada por Davi sobre a sua vida retrata momentos de glória nos bares de Nova Iorque, como um músico importante que está sempre dando orgulho para a família Rego Castro. Discos renomados, bares famosos e um conhecimento musical extenso permitem que a farsa continue. Importante lembrar que o rei Davi também é, na origem, músico, autor de inúmeros salmos e musicista, tocando harpa para, inclusive, afastar os maus espíritos que atormentavam Saul.

Conforme o narrador, a viagem de Davi à fazenda Galileia não tem relação alguma com a saúde frágil do avô, ou a companhia do irmão, Ismael, ou do primo, Adonias. Segundo o narrador, o primo veio “para alimentar o culto que os tios celebram à sua falsa imagem de gênio”,¹¹⁶ reforçando, assim, a simbologia que o nome já carrega, um indivíduo cheio de glórias, um homem da realeza.

Uma das histórias que definem bem o personagem de Brito e, ao mesmo tempo, distanciam o relato familiar da história bíblica diz respeito ao estupro sofrido por Davi. O episódio constitui-se como um delito familiar central e perpassa todo o romance. Adonias insiste em lembrar a cena do primo correndo ensanguentado, conforme o trecho: “Observo as carnaúbas, esguias como o corpo do primo Davi, e revejo a tarde dolorosa, ele fugindo nu, coberto apenas por uma camisa branca, o sexo à mostra, o sangue escorrendo entre as pernas”.¹¹⁷

Esse crime continua sendo um segredo que os membros da família não querem revelar. Como um pacto de silêncio, nenhum membro da família, exceto a vítima, Davi, fala sobre o episódio, pois “[t]odos na Galileia preferem vagar pelo resto dos tempos a desvelar algum dos segredos que nos mantêm presos às mais sórdidas tramas”.¹¹⁸

¹¹⁵ BRITO, 2009, p. 92.

¹¹⁶ BRITO, 2009, p. 185.

¹¹⁷ BRITO, 2009, p. 7-8.

¹¹⁸ BRITO, 2009, p. 182.

.....

Ismael, além do papel desempenhado na reencenação de Abel e Caim, assim como na atualização da história do filho proscrito, também será importante na narrativa de Davi, visto que foi considerado o culpado pela violação do irmão. Ainda que Davi confesse a existência de uma “armadilha” e, com isso, aponte para a inocência do irmão mestiço:

era capaz de investir contra ele com a posse das boas razões, do bem, da luz e da necessidade de justiça. Foi uma armadilha, em que também caí. Hoje, temo por ele. No fundo o considero um pobre-diabo. Eu o amo.¹¹⁹

A culpa, assim, recai sobre o filho não eleito, independentemente daquilo que possa ser descoberto acerca desse episódio.

Diferentemente do relato bíblico, a narrativa produzida por Davi e entregue a Adonias apresenta um “rei” muito distinto daquele mencionado nas Escrituras. Vê-se que a farsa criada por Davi se ancora em uma imagem cristalizada na mente dos parentes, não destoando “do personagem Davi que todos se habituaram a imaginar”.¹²⁰

Sellier define o rei Davi como “a emergência, o homem ao mesmo tempo superado e assumido em suas fraquezas”.¹²¹ No romance, uma carta escrita pelo sobrinho mais querido dos Rego Castro tenta exportar as nuances de sua vida e denuncia, ao mesmo tempo, essa fraqueza do personagem de Brito, cuja “realeza” pode ser desfeita se o seu relato autobiográfico se tornar público.

A farsa criada por Davi não incluía a sua relação amorosa com Jean-Luc, seu amante francês, nem todas as suas outras aventuras sexuais. Seus escritos poderiam dar a Adonias uma visão clara do primo, uma resposta certa acerca do culpado do estupro, mas o narrador é incapaz de prosseguir na busca da exatidão da história narrada, pois não consegue continuar a leitura das páginas escritas por Davi.

Dessa maneira, a história de Davi permanece oculta, e, segundo Adonias, é “melhor para a família imaginá-lo apenas um músico”.¹²² A partir das proibições no

¹¹⁹ BRITO, 2009, p. 232.

¹²⁰ BRITO, 2009, p. 185.

¹²¹ SELLIER, 2000, p. 214.

¹²² BRITO, 2009, p. 212.

.....

livro de *Levítico*, o narrador justifica seu silêncio com a seguinte frase: “Não descobrirás a nudez do teu pai, nem a nudez da tua mãe”.¹²³

Assim, ao contrário do Davi bíblico, o personagem do romance não pode ter uma descendência numerosa. Sua vida é uma farsa, e seus parceiros sexuais, os homens com quem se relaciona, não podem lhe dar, evidentemente, uma filiação.

Davi assume, no final e apenas para o primo Adonias, a sua realidade. Ele expõe e assume suas fraquezas, sua verdadeira história, oferecendo

por suas contradições e por sua coragem diante delas, sua sinceridade e suas qualidades de coração, assim como sua lucidez. Uma figura da qual ‘nada podemos dizer’ pois sempre se diz muito mas não o bastante.¹²⁴

Assim, permanece, sempre, uma figura ambígua, cuja vida, sujeita a versões, está continuamente envolta no mistério.

Desse modo, o romance de Brito apresenta uma rede complexa de narrativas que remontam aos textos bíblicos, mas que, ao mesmo tempo, atualizam o relato apresentado, pois recriam, em novas versões, os personagens e suas tramas. Dessa maneira, Adonias, Ismael e Davi, apesar de serem nomeados e se assemelharem, em algumas de suas atitudes, aos personagens das Escrituras, recebem, assim, com a tinta romanesca, novos significados.

Ribeiro afirma, ao fazer uma ligação entre o modelo bíblico e o romance, principalmente no que diz respeito aos personagens e ao enredo, que:

Os paralelismos com Abraão, Davi, Ismael bíblico indicaram a distância crítica. Não se trata apenas de uma inversão na estrutura, trata-se também de uma mudança no alvo da paródia. Embora a Bíblia não seja escarneada ou ridicularizada; ela se apresenta como um ideal ou, pelo menos, uma norma, da qual *Galiléia* se afasta. Não visa o desrespeito, embora assinala um intervalo irônico.¹²⁵

Assim, a reescrita empreendida por Brito, além de alocar o romance numa rede de narrações básicas, “mais profundas com a identidade cultural, a memória e as tradições”,¹²⁶ como afirma Piglia, sobre a narrativa contemporânea, se assemelha à

¹²³ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 186.

¹²⁴ SELLIER, 2000, p. 215.

¹²⁵ RIBEIRO, 2011, p. 89.

¹²⁶ PIGLIA, 1991, p. 66. (Tradução nossa)

narrativa bíblica, mas não a repete, pois o escritor, de acordo do Hutcheon, “marca a diferença em vez da semelhança”.¹²⁷

Ainda segundo Hutcheon, é possível perceber que “a ironia e a paródia tornam-se os meios mais importantes de criar novos níveis de sentido e de ilusão”.¹²⁸ Brito, assim, ao parodiar o texto bíblico e ao reescrever a narrativa das Escrituras, principalmente os episódios que se referem à reencenação de Abel e Caim, do filho proscrito ou de Davi, estabelece “uma citação que não tem fim, uma frase que se escreve com o nome de outro e que não se pode esquecer”,¹²⁹ pois os novos níveis de sentido são criados, mas é possível, no romance, reconhecer a narrativa bíblica fundacional.

A árvore genealógica dos Rego Castro, desse modo, para além de uma conformação sanguínea entre os personagens, dá-se, também, na filiação textual. Assim, pode-se afirmar a existência de referências entre os personagens de Brito e os sujeitos presentes na narrativa bíblica. O que se pode inferir, pelas repetições e pelos desvios, no entanto, é que a “filiação” aos textos bíblicos não confere ao romance de Brito uma relação de dependência.

Tanto o episódio de Caim e Abel quanto o de Davi e os demais personagens bíblicos encenados no romance constituem elementos de uma narrativa que ora se atualiza, ou é suplementada por uma situação mencionada no romance, ora se repete a partir da diferença. Três episódios tiveram maior relevância nessa análise, mas a presença da narrativa bíblica, recriada pela literatura, permite uma leitura genealógica do próprio ato de narrar, pois, além da história familiar dos Rego Castro, as gerações de Adonias, Ismael e Davi são, também, uma espécie de evidência de uma ascendência textual dos personagens do romance, que se assemelham ou se diferenciam do relato bíblico.

O romance propõe, assim, desconstruções, rearranjos, outras possibilidades narrativas e, principalmente, uma filiação do escritor à tradição literária, sem contudo ser a ela submisso. A insubmissão que é possível vislumbrar em *Galileia* dá-se, pois, sobretudo na reescrita dos textos bíblicos, pela utilização das Escrituras como matéria

¹²⁷ HUTCHEON, 1989, p. 17.

¹²⁸ HUTCHEON, 1989, p. 46.

¹²⁹ PIGLIA, 1991, p. 64. (Tradução nossa)

.....

textual. Assim, ele segue os rastros das narrativas fundacionais e, também, da sua própria escrita, pois ela se liga ao passado nesse movimento de desconstrução e criação de um novo texto, mesclando, assim, o espaço bíblico hebreu ao sertão nordestino brasileiro.

CAPÍTULO 2

A família Rego Castro: árvores e histórias de antepassados

Emendava uma história noutra, como se fosse uma
Sherazade sertaneja.

Ronaldo Correia de Brito, *Galileia*

No romance *Galileia*, Brito ficcionaliza histórias de antepassados, criando para a família Rego Castro uma árvore genealógica que abarca trezentos anos. Além de fazer referências e reescrever episódios bíblicos, conforme visto no capítulo anterior, os personagens do romance contam e recontam as histórias familiares, dando a elas uma nova versão, fabulando origem e atuação.

Assim, neste capítulo, busca-se examinar a genealogia da família Rego Castro, reconhecendo, no espaço sertanejo, o mote para uma escrita que utiliza as árvores do sertão como metáfora dessa memória local que não pode ser esquecida, pois constitui os homens desse espaço.

Vê-se, ainda, que a família é, no romance de Brito e embasado pela proposição de T. S. Eliot,¹³⁰ o canal de transmissão da cultura e da sabedoria do espaço sertanejo. Assim, em *Galileia*, o saber sertanejo de Salomão é, ao contrário do conhecimento científico de Adonias, valorizado pelos membros familiares, cuja habilidade de contar histórias é responsável por transmitir as narrativas da família.

É a partir dos contadores de histórias que a genealogia da família Rego Castro é examinada e apresentada nesse estudo. Observa-se, no romance, a fabulação das histórias familiares como estruturantes da narrativa, pois os membros da família, conforme será apontado posteriormente, não satisfeitos com a ascendência que possuem, ficcionalizam e criam novas versões para o surgimento dos Rego Castro e do sertão.

¹³⁰ ELIOT, T. S. *Notas para a definição de cultura*. Trad. Eduardo Wolf. São Paulo: É Realizações, 2011.

2.1 As árvores dos Rego Castro

Adonias, puxando assunto com os primos, durante a viagem para a fazenda Galileia, diz: “–Vocês lembram os nomes das árvores do sertão?”.¹³¹ Davi não conhece nenhuma, e Ismael se lembra apenas da floresta maranhense. As espécies nomeadas, durante a conversa, no entanto, parecem transportar os primos para um passado distante, às vezes desconhecido, mas que, para muito além da narrativa familiar, também está permeado pela história sertaneja.

Em meio às conversas e às confidências trocadas durante a viagem e, também, após a chegada à fazenda Galileia, vê-se que a genealogia no romance ultrapassa a conotação sanguínea, ancorando-se na narrativa bíblica e nas histórias do sertão nordestino. Contudo, as relações de sangue e parentesco ainda se caracterizam como um aspecto importante da obra de Brito.

Se a genealogia é entendida, primeiramente, como a história de alguém, a definição de pertencimento de uma geração a um grupo específico, – e, nisso, observa-se uma relação existente entre os personagens do romance *Galileia* e alguns episódios específicos presentes na *Bíblia* judaico-cristã, reescritos e atualizados pelo escritor, já analisada no capítulo 1 desta dissertação –, pode-se verificar que esse vínculo também é de parentesco entre os personagens de Brito, tanto aqueles presentes no livro analisado quanto os personagens do outro romance ou de livros de contos do mesmo autor, assim como de relações intertextuais presentes na narrativa.

O romance de Brito, se comparado a uma árvore, insere em seus galhos a história da família Rego Castro, seus antepassados, e, também a ligação, em suas raízes, com a narrativa bíblica e, por fim, com a própria genealogia do sertão, seu surgimento. *Galileia*, conforme visto anteriormente, ao reescrever o texto bíblico, atualiza episódios presentes nas Escrituras e, ao mesmo tempo, apresenta a fabulação genealógica da família Rego Castro, operando, assim, por desvio e por diferença na referência que faz à Bíblia.

O símbolo da “árvore” genealógica, uma imagem de catalogação, talvez a mais fácil para representar um grupo familiar, retrata não somente a família, mas, também, uma memória sertaneja que parece ser inútil, mas constitutiva dos Rego Castro apresentados por Brito.

¹³¹ BRITO, 2009, p. 12.

.....

A árvore é citada pelo narrador: “Meu pai exigia que eu memorizasse as plantas da caatinga, por mais insignificantes que me parecessem. Eu recitava os nomes, mas era incapaz de reconhecer as árvores”.¹³² Como se pode observar, a referência, como uma metáfora da literatura de Brito, retoma as espécies de árvore e trabalha com a memória de um sertão que já não é mais reconhecido pelos personagens.

Assim, o “recitar” dessa memória decorada parece representar o reflexo de um rastro do passado ou, conforme Adonias afirma: “[a]travesso os sertões vislumbrando sombras negras, os restos vegetais dessa memória. Carreguei esses nomes como se fossem fantasmas, sentindo-me culpado se os esquecia”.¹³³

As árvores do sertão parecem, desse modo, representar esse resto da memória, uma espécie de genealogia do sertão, uma memória que poderia ser vista como inútil para aquele que já saiu do espaço sertanejo, mas que, por ser inerente ao seu ser, constitui-se como um fantasma do passado assombrando o presente, impedindo o esquecimento total.

Sigrid Weigel¹³⁴ afirma que “a árvore genealógica, como ícone pictórico e esquema formativo das representações genealógicas, pode ser rastreada até uma cena mítica, até a história bíblica da Queda do Homem”.¹³⁵ Para Weigel, a existência da Árvore da Vida e da Árvore do Conhecimento indicaria, desse modo, a presença do que seria uma primeira árvore genealógica.

Se, conforme aponta Weigel, pode-se recuperar a primeira aparição desse esquema representativo, ao se analisar a narrativa bíblica, vê-se que as plantas da caatinga, enquanto representação do conhecimento do sertão, seriam, durante o processo de recitar e elencar os nomes das árvores, conforme menciona Adonias, esse retorno a um passado mítico sertanejo e da história familiar dos Rego Castro.

A aparente árvore genealógica de Brito, para além dessa memória sertaneja, no entanto, parece se constituir também como um labirinto, isto é, “uma rede, na qual cada

¹³² BRITO, 2009, p. 12.

¹³³ BRITO, 2009, p. 12.

¹³⁴ WEIGEL, Sigrid. *Genealogy: on the iconography and rhetorics of an epistemological topos*, 2006. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/sweigel/>> Acesso em: 18 jul. 2014.

¹³⁵ WEIGEL, 2006, p. 4. (Tradução nossa)

ponto pode ter conexão com qualquer outro ponto”,¹³⁶ e, por isso, poderia ser, assim, possível apontar a presença de outras genealogias em Brito – citam-se, principalmente, os livros *Faca*, *Livro dos homens*, *Retratos imorais*, *Estive lá fora* e *O amor das sombras* – que se aproximam da genealogia narrada em *Galileia*, tocando-a ou introduzindo, no universo narrativo do escritor, uma nova versão acerca de uma história de antepassados.¹³⁷

A formação da árvore genealógica dos Rego Castro parece, assim, ser fruto de fabulações, invencionices que permeiam a narrativa, pois

[i]nconformados com a crônica medíocre da nossa trajetória para o Brasil, sem heróis nem bravatas no além-mar, nós romancemos as vidas comuns da família, inventamos personagens e remendamos neles pedaços de narrativas, dramas e farsas da tradição oral e dos livros clássicos. Os parentes letrados e genealogistas muito contribuíram com as suas leituras. Sempre fomos uma família de mentirosos e fabuladores.¹³⁸

A memória é, pois, uma ficção, uma estratégia de constituição do sujeito, de desconstrução de uma genealogia heroica e idealizada – uma tradição que pode também ser analisada como uma invenção inicial – e que, ao mesmo tempo, efetua, por intermédio de genealogistas fabuladores, uma construção imaginária de uma linhagem pessoal.

O romance *Galileia* pode, dessa forma, apontar para a afirmativa: “Esta é a história”¹³⁹ dos Rego Castro, “escrita em três séculos de isolamento [e guardada] em baús que não arejam nunca, por mais que debandemos em busca de outros mundos civilizados”.¹⁴⁰ Trata-se de um relato incompleto e cheio de lacunas, abandonado, tal como a fazenda em ruínas, em um baú cheio de poeira guardado pela avó Maria Raquel e entrecruzado por inúmeras versões acerca do surgimento desse núcleo familiar.

¹³⁶ ECO, Umberto. O antiporfírio. In _____: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 338.

¹³⁷ A existência de versões, principalmente para os antepassados Domísio e Donana, a ligação entre as genealogias dos Rego Castro, mencionados nos dois romances do autor, e, também, outras relações familiares presentes na obra de Brito, caracterizando, assim, uma espécie de “rede”, conforme Umberto Eco, serão vistas mais detalhadamente no terceiro capítulo: “Uma genealogia dispersa: Domísio, Donana e outras relações familiares”.

¹³⁸ BRITO, 2009, p. 26-27.

¹³⁹ MAAS, 1909, p. 1. (Tradução nossa)

¹⁴⁰ BRITO, 2009, p. 9.

.....

Assim, atravessando o sertão do romance e adentrando o espaço árido dos livros de contos, os personagens de Brito atuam na reencenação de episódios bíblicos e se apresentam, também, como membros da família do patriarca Raimundo Caetano. No entanto, no sertão, as histórias parecem não ter fim – narradas, recontadas e emendadas em outras, as mil e uma noites de *Galileia* são vividas por personagens que, mesmo não percebendo, vivem em um mundo de histórias e farsas.

No romance, os primos Adonias, Ismael e Davi viajam pelo sertão e vão ao encontro do avô, já muito debilitado pela doença e pela idade. Eles empreendem uma viagem pela memória, num “movimento que implica na [*sic*] animação da imagem, fazendo-a se deslocar no tempo – de pretérito para o presente”.¹⁴¹ Como num filme, o narrador do romance, Adonias, rebobina o passado, paralisa alguns trechos, censura outros, tem medo de acessar os extras, isto é, as informações cruciais da família – incluindo aí o que seria a verdadeira história de um suposto estupro de Davi.

Além disso, o narrador procura, acima de tudo, avançar e encerrar logo o enredo, terminar com a história dos Rego Castro, retornar para Joana, sua esposa, e “refazer os laços com o mundo”,¹⁴² visto que o espaço da fazenda Galileia representa, para Adonias, o rompimento com o espaço moderno e urbanizado, preso a antigas tradições e mistérios familiares.

Cada quilômetro rodado leva-os para mais perto de memórias esquecidas por um – Adonias –, impregnadas e tatuadas na pele de outro – Ismael – e indiferentes para o último – Davi. O passado visto nessas memórias sobrepõe-se ao presente, mas não o nega.

A contraposição dos dois tempos mostra-se evidente com a explícita mudança dos mitos, isto é, “o vaqueiro macho, encourado, e o cavalo das histórias de heróis, quando se puxavam bois pelo rabo”,¹⁴³ são substituídos pela “[m]ulher em motocicleta [que] carrega uma velha na garupa e tange três vacas magras”.¹⁴⁴ Caracterizam-se, assim, a mudança e a ressignificação do sertão na obra de Brito.

¹⁴¹ SOUZA, Raquel. Memória e imaginário. In _____: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 257-258.

¹⁴² BRITO, 2009, p. 11-12.

¹⁴³ BRITO, 2009, p. 8.

¹⁴⁴ BRITO, 2009, p. 8.

.....
De acordo com Mônica dos Santos Melo,¹⁴⁵

[a]o longo da viagem em direção à fazenda Galileia, os personagens dão-se conta de um cenário transformado. A imagem de um sertão arcaico dá lugar a um ambiente sertanejo globalizado, afetado pelas mudanças engendradas pelo capitalismo transnacional. A fazenda Galileia reflete conflito de duas culturas: tradição *versus* modernização; misticismo *versus* materialismo. A presença do moribundo Raimundo Caetano representa a resistência do patriarcalismo, em processo de franca dissolução.¹⁴⁶

Logo, conforme Melo, têm-se, aqui, as mudanças trazidas pelo progresso do espaço sertanejo, substituindo os mitos tradicionais por novos costumes dessa sociedade urbana. O sertão de Brito, repleto de suas tradições e referências aos mitos locais, assim como a narrativa bíblica, a partir da ficcionalização da história dos Rego Castro, insere, por intermédio da doença do patriarca, uma metáfora da ruína da fazenda Galileia, a casa da família nesse mundo globalizado. Contrapondo, ainda que temporariamente, o arcaico ao moderno, observa-se que a decadência dessa família e dos seus costumes é visível.

O progresso representado pelo asfalto, conforme visto em “uma ferida preta, cortando as terras”,¹⁴⁷ aponta para a transformação do sertão, que se modifica e passa a representar um espaço urbano. Isto é, a chegada da modernidade ao ambiente do interior e do “desenvolvimento” ao espaço sertanejo concretiza a destruição de um modelo do passado, das antigas estradas e dos velhos costumes.

A ligação de Adonias, narrador do romance, com Arneirós, espaço sertanejo representado, é, em certo sentido, frágil, e os únicos pontos que o ligam à fazenda Galileia residem na sua relação com os companheiros de viagem. Os laços familiares, que na infância tinham muito valor, não se sustentam nessa fazenda em ruínas, e, por isso, a memória comum entre os primos se torna o elo que os liga na viagem e na chegada à fazenda.

O conhecimento advindo dessas memórias parece se enquadrar em uma das proposições de T. S. Eliot acerca da cultura, isto é, uma sabedoria acumulada do

¹⁴⁵ MELO, Mônica dos Santos. *A ressignificação do sertão em Galileia, de Ronaldo Correia de Brito: Problematização da dimensão regional do romance no contexto da contemporaneidade*. 2014. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

¹⁴⁶ MELO, 2014, p. 12.

¹⁴⁷ BRITO, 2009, p. 8.

passado. Para o crítico, “[o] canal mais importante de transmissão da cultura [...] continua sendo, de longe, a família”.¹⁴⁸ Em *Galileia*, os parentes são os responsáveis por comunicar aos mais jovens a história dos Rego Castro, transmitir o conhecimento familiar, elaborando genealogias e narrativas envolvendo os antepassados. Mas qual seria essa história?

Se a família transmite a “cultura”, a história do espaço habitado, percebe-se que, conforme Adonias, “[a] farsa [os] mantém unidos”,¹⁴⁹ e, por isso, ele nunca sabe “o que é verdade na Galileia”,¹⁵⁰ pois a genealogia familiar, repleta de versões que se complementam, ou se distanciam, passa pelo crivo dos homens Rego Castro, que determinam, segundo suas vontades, o passado aceito pela família.

A origem familiar é motivo de discórdia entre os homens Rego Castro, e até mesmo as marcas que indicam o seu pertencimento a um grupo específico parecem ser algo que eles não desejam enxergar, apesar dos vários sinais contrários a tal posição. Assim, Ismael, filho de uma índia jucá, evita, apesar das marcas e das tatuagens do corpo, sinais da antiga tribo *kanela*, a sua ascendência. Segundo Adonias, o primo

fica calado. As referências a sua origem o irritam, embora seja impossível escondê-la. Não se envergonha do povo de Barra do Corda, por mais degradado que esteja, porém não suporta o desprezo da família cearense. Esquecem que também são mestiços de índios jucás.¹⁵¹

As marcas presentes no corpo de Ismael, impossíveis de se esconderem, representam a sua ligação com os índios *kanela*, mas sinais muito sutis também apontam para a existência de uma conexão dos Rego Castro com os índios jucás.

A avó Maria Raquel, representada em uma fotografia escondida no baú que guardava em seu quarto, aparenta também pertencer a outro povo e, apesar de não possuir as marcas no corpo, como Ismael, mantém uma postura que a liga aos jucás. Segundo Adonias,

Raquel olha para frente, um riso aberto, os cabelos repartidos ao meio, presos atrás das orelhas. É tão linda a visão que meus olhos demoram a enxergar o avô logo atrás, vestindo um paletó claro, o pomo de adão

¹⁴⁸ ELIOT, 2011, p. 48.

¹⁴⁹ BRITO, 2009, p. 28.

¹⁵⁰ BRITO, 2009, p. 159.

¹⁵¹ BRITO, 2009, p. 9.

.....
sobressaindo no pescoço, o bigode fino, o riso de quem posa para foto.
Por que a avó escondeu o retrato? Por que fez questão de aparecer de
pés descalços, como as suas antepassadas jucás?¹⁵²

Assim, o passado é selecionado, e alterado, pelos narradores familiares, que, como com tesoura e a cola, conforme apontado por Compagnon, constroem um mundo à imagem de si próprios, no qual haja pertencimento, mesmo que ilusório, a um mundo de fantasia e desejo, que represente os anseios familiares.

Com isso, constata-se a tarefa empreendida pelos homens da família Rego Castro, cuja identidade é construída por meio do corte e do recorte dos seus discursos. Os narradores da família, conforme será visto na seção seguinte, descartam o que poderia ser considerado desprezível e selecionam aquilo que é importante para constituir a árvore genealógica da família, idealizando uma ascendência familiar.

2.2 Os contadores de histórias da família

A ficcionalização do relato biográfico dos Rego Castro e a construção ficcional de histórias de antepassados, imbricadas com fatos possivelmente inverossímeis, conforme pode ser visto na história de Domísio e Donana, cujas várias versões perpassam parte da obra de Brito, ou o mistério familiar acerca do estupro de Davi, parecem ser possíveis graças à capacidade dos homens da família de contar histórias e à presença do caráter inventivo, imaginativo, dessas mesmas narrativas acerca dos familiares do passado.

Segundo Adonias, “[t]odos os homens da família possuem as qualidades dos narradores. Cada um inventa seu jeito próprio de narrar, os movimentos de corpo, inflexões de voz, pausas e ritmo. Mas todos revelam um traço em comum: o magnetismo que fascina e arrebatam”.¹⁵³ Assim, por meio da voz, a família vai narrando, criando e inventando uma biografia sem fim.

Paul Zumthor afirma que, “quando um poeta ou seu intérprete canta ou recita (seja o texto improvisado, seja memorizado), sua voz, por si só, lhe confere

¹⁵² BRITO, 2009, p. 214-215.

¹⁵³ BRITO, 2009, p. 204.

.....
autoridade”.¹⁵⁴ Dessa maneira, o ato de utilizar a voz, isto é, falar, narrar, contar notícias recentes e histórias passadas, pelo intérprete, nesse caso um contador de histórias do sertão, concede a ele autoridade para compartilhar essa tradição, essa memória coletiva.

Segundo Zumthor,

[a]voz poética assume a função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver. Paradoxo: graças ao vagar de seus intérpretes – no espaço, no tempo, na consciência de si –, a voz poética está presente em toda a parte, conhecida de cada um, integrada nos discursos comuns, e é para eles referência permanente e segura.¹⁵⁵

A voz poética desses narradores, apesar das várias diferenças entre algumas versões acerca da origem dos Rego Castro, pretende unir o núcleo familiar e conservar a memória, retratando sempre um passado de glórias e uma ascendência “digna” da família. Vale observar que as mulheres estão quase excluídas dessa construção imaginária da história familiar. Conceder voz às mulheres da família seria, mais do que conceber uma narrativa a contrapelo, construir um tecido mais filigranado do que os homens poderiam fazer. No empreendimento de Brito, a voz masculina serve, portanto, para delinear uma função narrativa que mina e desconstrói o discurso patriarcal. O quase silêncio das mulheres no romance, portanto, sugere a estratégia do autor implícito de desconstruir a voz masculina revelando-lhe as imposturas e as simulações.

Adonias procura narrar a história da família, a memória coletiva da fazenda, mas é incapaz, conforme aponta Davi, de desvendar as feridas familiares:

Pretende escrever sobre nós, mas não sabe de nada. É incapaz de tocar feridas, sujar-se de sangue. Nem parece médico, lembra mais um cineasta por trás das lentes de uma câmera. Adonias, você filma panorâmicas, grandes angulares. Os pequenos enquadramentos, os quartos escuros não lhe interessam.¹⁵⁶

Embora seja médico, tenha uma formação acadêmica que lhe permita tratar as feridas do corpo, Adonias não consegue adentrar os mistérios da casa familiar nem cuidar dos ferimentos que ali existem, pois o sangue que jorra não pode ser estancado. A ferida é profunda e marca a história dos Rego Castro, incapacitando, assim, que o narrador, que

¹⁵⁴ ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A “literatura” medieval*. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 19.

¹⁵⁵ ZUMTHOR, 1993, p. 139.

¹⁵⁶ BRITO, 2009, p. 80.

.....

tem medo de desvendar as histórias da família, toque as marcas e o sangue dos parentes, assim como também não foi capaz de desvendar a nudez do irmão, já analisado no capítulo 1 desta dissertação.

O sangue, retomado várias vezes durante o romance, por meio da rememoração da cena de Davi correndo nu e sangrando, após o estupro sofrido na fazenda, é algo que o narrador não esquece. Incapaz de traçar uma biografia crível da família, projeto que lhe fora incumbido, Adonias encontra outra maneira de contar a história dos seus antepassados e, por consequência, a sua. O cinema, metáfora tão utilizada pelo narrador no decorrer do romance, é, então, o meio pelo qual Adonias concebe a família, pois permite que ele escolha o ângulo e o roteiro que pretende filmar, isto é, a narrativa familiar e genealógica que mais lhe interessa.

Dentre os outros contadores de histórias do sertão de Brito, ressalta-se que esta é uma história masculina, feita e protagonizada por homens, por exemplo, Salomão, detentor de um saber sertanejo e de uma pretensa genealogia do povo sertanejo, e Natan, que carrega o conhecimento rústico do sertão. Além dos tios, Ismael relata suas desventuras, tanto no espaço de Galileia quanto na sua vida fora do sertão.

Davi é outro narrador que merece destaque. O jovem, querido por todos os membros da família, narra suas aventuras sexuais para o primo Adonias, talvez o relato mais “sincero” de algum membro dos Rego Castro. Ao revelar, em uma carta, a inocência do irmão Ismael, livra-o, enfim, da culpa por um estupro que não teria cometido.

No entanto, Adonias, novamente, renuncia ao conhecimento do sertão, à história da família, e descarta a narrativa de Davi, conforme diz em: “Amasso o papel e jogo longe. Uma chuva e as palavras virulentas retornarão ao pó de onde vieram”.¹⁵⁷ Assim, a narrativa de Davi se perde, já que Adonias joga as cartas do primo pela janela do carro em movimento.

Júlia parece escapar a esse destino masculino de contar histórias, a natureza dos Rego Castro, pois ela se caracteriza como uma “Sherazade sertaneja”,¹⁵⁸ “um baú sem fundo, [que] não esgotava nunca; emendava uma história noutra”,¹⁵⁹ transmitindo

¹⁵⁷ BRITO, 2009, p. 232.

¹⁵⁸ BRITO, 2009, p. 122.

¹⁵⁹ BRITO, 2009, p. 122.

relatos diversos, “exemplos, histórias religiosas, de encantamento, de animais, de adivinhação e morte”,¹⁶⁰ e, quem sabe, a narrativa acerca do surgimento do sertão e das famílias que ali habitam.

De acordo com Adonias, o ato de contar histórias, efetuado por Júlia, tem papel fundamental. Para o narrador, ela distrai a família “com histórias até o amanhecer”,¹⁶¹ e, assim, a morte de Raimundo Caetano é adiada, tal como a ruína da Galileia. As histórias narradas não têm fim e vão sendo transmitidas para todos da família, pois, conforme aponta Adonias: “Muitas das narrativas de Júlia eu contava a Pedro e Marília. De outras, lembrava apenas fragmentos, corpos sem pé nem cabeça”.¹⁶² Tudo que é dito por Júlia ressoa, sem pé nem cabeça, vale ressaltar, na vida do narrador.

Dessa maneira, a figura da contadora de histórias, de certa maneira desvalorizada pelo narrador, aparenta ser aquilo em que se transformará todo o relato de Adonias: uma morte inevitável, mas que, por intermédio de várias histórias e da transmissão dessa memória familiar/cultural, é adiada indefinidamente, ao mesmo tempo em que as novas versões vão criando uma genealogia fragmentada e não confiável.

A construção de Júlia como narradora, portanto, demonstra que “o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências, talvez, seja um dos poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo”,¹⁶³ como afirma Georges Didi-Huberman.¹⁶⁴ Ou, conforme salienta Walter Benjamin:¹⁶⁵ “É como se nós tivéssemos sido privados de uma faculdade que nos parecia inalienável, a mais segura entre todas: a faculdade de intercambiar experiências”.¹⁶⁶ A troca de experiências, pelo ato de contar histórias, só é possível, no entanto, se este se caracterizar como uma forma de resistência ao esquecimento, pois os

¹⁶⁰ BRITO, 2009, p. 122.

¹⁶¹ BRITO, 2009, p. 123.

¹⁶² BRITO, 2009, p. 122.

¹⁶³ DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 73 *apud* AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 21.

¹⁶⁴ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Ver. Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

¹⁶⁵ BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

¹⁶⁶ BENJAMIN, 1987, p. 198.

.....

narradores erguem, entre as ruínas da casa familiar e a fragilidade das narrativas orais do sertão, a memória familiar e a genealogia do sertão, possibilitando, por meio da figura dos contadores de histórias, a sobrevivência da tradição narrativa do espaço sertanejo.

A contadora de histórias do romance de Brito, portanto, ao lado de Adonias, o narrador, se aproxima do escritor em sua tarefa, ao mesmo tempo em que o prefigura, visto que o trabalho empreendido pelo autor parece intentar a transmissão de histórias e de uma memória cultural do sertão, mas como uma Sherazade, contando para fazer sobreviver as histórias. O fato de Brito inserir elementos biográficos, como a relação entre a sua família e o antepassado Domísio Justino, conforme será visto no capítulo 3, indicaria a existência de uma cultura sertaneja que, teimando em desaparecer, se se pensar a modernização do sertão e a perda dessa habilidade de trocar experiências, resiste, por intermédio da literatura, nos romances e nos contos do escritor diante de um mundo em escombros.

No romance de Brito, vê-se, assim, que, além da narrativa, num primeiro plano, feita por Adonias – um inquérito acerca da família e das histórias escondidas ou esquecidas –, há a presença de narradores secundários. A contadora Júlia seria paradigma desses outros narradores, a contraluz da narrativa principal.

Dentre todas as narrativas do romance, a história do surgimento da família que habita a fazenda Galileia parece querer se estabelecer como a mais importante. Ultrapassando as referências bíblicas, a imitação das Escrituras, o “catolicismo pagão” do patriarca familiar, a chegada da família ao Nordeste brasileiro, a história é construída, estabelecendo-se, no texto, o imaginário familiar e sertanejo por meio de teorias acerca da gênese do espaço árido do sertão.

Ismael acredita na “povoação dos sertões por uma raça mestiça, mais resistente ao clima, feito o gado pé-duro que os antigos traziam”,¹⁶⁷ e seu discurso, conforme Adonias, aponta para a destruição dos índios em benefício dos homens brancos. No entanto, a posição de Ismael parece contrária à do narrador do romance, conforme visto em: “Você é mais sabido do que eu, primo. Fez doutorado na Inglaterra (...)”.¹⁶⁸ Isso se justifica, segundo ele, porque sua sabedoria vem da própria cultura sertaneja, e ele diz:

¹⁶⁷ BRITO, 2009, p. 17-18.

¹⁶⁸ BRITO, 2009, p. 17.

.....
“eu aprendi como os antigos da família, sozinho, por esforço próprio. Li os livros que você nunca se interessou em ler”.¹⁶⁹

O primo mestiço, ignorando as raízes indígenas, cria toda uma narrativa para a chegada dos antepassados ao sertão. As escolhas de vocabulário feitas por Ismael denunciam o caráter inventivo do seu relato, pois, segundo ele,

[i]magino os antepassados chegando aqui. Homens, mulheres e crianças, no lombo de animais ou a pé. Havia pasto nos anos de inverno e corriam muitos bichos. Pense no medo que sentiam das flechas dos índios, de cobra, de onça. De noite, nosso povo deitava no chão e olhava as estrelas.¹⁷⁰

Assim, Ismael, ao ficcionalizar a povoação do espaço sertanejo, descarta a cultura indígena, seu pertencimento à tribo *kanela* e a luta que seus antepassados tiveram contra a destruição, colocando-se junto dos homens brancos, “nosso povo”, que chegaram ao sertão.

A versão de Ismael para o surgimento do sertão e do povo que ali habita indica a incorporação dos índios, embora Adonias mencione que eles foram dizimados, segundo o trecho: “Escondemos a barbárie da colonização, os massacres, e criamos atenuantes românticas. Propagamos a perfeita mistura de raças”.¹⁷¹ As duas versões apresentadas colocam em cena dois grupos distintos, homens brancos e índios, que, apesar da resistência de Ismael, fazem parte da ascendência da família Rego Castro. No entanto, o que mais se observa é a existência de uma potencialidade narrativa, inventiva, e, assim, novas versões vão sendo construídas.

Segundo Adonias, “[o]s mascates libaneses chegados ao Ceará não tinham parentesco de sangue com os Rego Castro, de Raimundo Caetano”,¹⁷² e a explicação mais aceitável viria dos antigos patriarcas da família, que afirmavam que a “ânsia por terras e o desejo contrário de abandonar tudo e correr mundo afora”¹⁷³ vinham do sangue que herdaram de cristãos-novos. Assim, os habitantes da fazenda criavam para si

¹⁶⁹ BRITO, 2009, p. 17.

¹⁷⁰ BRITO, 2009, p. 16.

¹⁷¹ BRITO, 2009, p. 17.

¹⁷² BRITO, 2009, p. 23.

¹⁷³ BRITO, 2009, p. 23.

genealogias, excluindo uns e acrescentando outros membros, buscando, principalmente, uma genealogia idealizada da família.

Salomão, tio do narrador, insistia, então, que o povo dos Rego Castro seria inacabado, “em permanente mobilidade, adaptando-se aos lugares distantes, às culturas exóticas”.¹⁷⁴ Por isso, Adonias afirma que: “[a] errância e o nomadismo, o gosto pelo comércio e as viagens alimentam o nosso imaginário, o sentimento de que pertencemos a todos os recantos e a nenhum”.¹⁷⁵ Dessa forma, a mistura de etnias e as várias histórias sobre o surgimento da família caracterizariam essa ideia acerca do povo inacabado, presente em cada pedaço do sertão e do mundo.

A fala de Adonias denuncia a possibilidade de os Rego Castro, representados no romance *Galileia*, pertencerem a vários lugares, a vários grupos de antepassados e, ao mesmo tempo, não terem uma filiação “verdadeira”, isto é, não terem uma ascendência que possa ser alcançada e elaborada com exatidão pelos narradores do presente, pois abarca uma ligação mítica, conforme apresentado anteriormente, além de libaneses, índios, ciganos, pastores e cristãos-novos.

Tio Salomão, parafraseando a proposição de Benjamin acerca dos tipos de narradores, conforme visto em *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, apresenta também a existência, no romance *Galileia*, de

duas categorias de homens, os viajantes e os sedentários. Os primeiros percorrem terras distantes e relatam as histórias de outras gentes, quando voltam ao lugar de origem. Os segundos, artesãos, pastores e agricultores, ouvem as histórias dos viajantes e, enquanto trabalham, pensam nelas.¹⁷⁶

A existência desses narradores pode ser exemplificada por duas vozes do romance: Ismael e Salomão. Por um lado, o primeiro conta as histórias vividas na Barra do Corda, junto a sua família jucá, e as peripécias vividas na Noruega, comparando, inclusive, o povo do sertão aos moradores do país nórdico. Por outro lado, Salomão utiliza os livros e as histórias que eles contam para elaborar uma nova narrativa. Com isso, os narradores de Brito, após pensarem nas histórias, modificam-nas e “adaptam os

¹⁷⁴ BRITO, 2009, p. 23.

¹⁷⁵ BRITO, 2009, p. 23.

¹⁷⁶ BRITO, 2009, p. 24.

nomes desconhecidos ao vocabulário local, os princípios alheios aos seus, e de palavra em palavra recriam as narrativas”,¹⁷⁷ inventam uma nova história familiar.

De acordo com Salomão, a família elaborou e ficcionalizou “as lendas da família Rego Castro, sobretudo as que se referem ao [...] passado ibérico e holandês”.¹⁷⁸ Assim, uma versão acerca do passado familiar é, conforme afiança Salomão, transmitida pelo sangue ibérico e holandês. Recontada por Adonias, a história afirma que

[m]uitos judeus sefarditas que fugiram da Ibéria para a Holanda mudaram-se para Pernambuco na comitiva do conde Maurício de Nassau, e ali viveram a salvo de perseguições, com rua de comércio e sinagoga, até serem expulsos com os flamengos. [...] Porém, nos interiores cearenses, contava-se como verdade inabalável que muitos cristãos-novos fugiram a essa expulsão, embrenhando-se sertão adentro, dando origem a dezenas de famílias com sobrenomes Pinheiro, Nunes, Castro, Álvares, Mendes e Fonseca [...].¹⁷⁹

A possibilidade de uma ascendência ibérica e holandesa, homens que vieram da Europa para o sertão nordestino, incentivou os genealogistas sertanejos, que, ao contrário dos “historiadores [que] recusam essa diáspora pernambucana”,¹⁸⁰ encontraram, segundo o narrador, “um antepassado no décimo grau, de quem se conhecia não apenas a cidade de origem em Portugal, como os detalhes de suas andanças e sofrimento. Tratava-se de Francisco Álvares de Castro, nascido em Bragança [...]”.¹⁸¹

No entanto, o narrador adverte que o “imaginário fértil dos sertanejos reinventou a história desse homem, semelhante a milhares de outros judeus que chegaram à Península Ibérica por volta do século onze”.¹⁸² Francisco se torna mais uma das teorias acerca do passado familiar dos Rego Castro, fruto, conforme Adonias, de “conjecturas, sem fundamento”,¹⁸³ típicas da “formação apressada”¹⁸⁴ da família. Por fim, o narrador afirma: “Levantamos hipóteses sobre tudo, teorizamos, fazemos história

¹⁷⁷ BRITO, 2009, p. 24.

¹⁷⁸ BRITO, 2009, p. 24.

¹⁷⁹ BRITO, 2009, p. 24.

¹⁸⁰ BRITO, 2009, p. 24.

¹⁸¹ BRITO, 2009, p. 24.

¹⁸² BRITO, 2009, p. 25.

¹⁸³ BRITO, 2009, p. 25.

¹⁸⁴ BRITO, 2009, p. 25.

.....

e sociologia empíricas, confundimos fabulação com ciência”.¹⁸⁵ Desse apanhado de citações é possível vislumbrar que também são essas as tarefas e as estratégias do narrador do romance, que vai reinventando o reinventado, conforme conjecturas, fazendo história, confundindo fabulações.

Embrenhado em sua biblioteca e sedento pelo conhecimento genealógico do sertão, tio Salomão desvenda o mistério acerca de Francisco Álvares Castro, suposto antepassado da família, pois descobriu que:

A narrativa fantasiosa do nosso antepassado nada mais era do que a história real de um ilustre personagem da comunidade judaica de Amsterdã: Baltazar Álvares de Castro, que mudou o nome para Isaac Oróbio de Castro após chegar à Holanda e judaizar.¹⁸⁶

Assim, embora houvesse “pontos em comum entre as duas histórias, [...] Salomão garantia ser impossível tratar-se da mesma pessoa”.¹⁸⁷ Com isso, a fantasia que envolve o personagem Francisco Álvares Castro, elaborada pelos membros da família Rego Castro, vai se configurando como uma narrativa possível.

Nas ruínas existentes no monte Alverne – mesmo nome do local onde fora enterrado Domísio Justino, após ter sido encontrado morto –,¹⁸⁸ “alguns achados misteriosos excitaram os genealogistas da família”¹⁸⁹ Rego Castro. Afinal, lá foi encontrada

uma escultura talhada em um bloco de calcário, que ficou conhecida como a Pedra de Jacó. Uma figura humana masculina, com a cabeça coroada de folhas e frutos, olhava para baixo, com a expressão carregada de dor. Aos pés, a frase escrita em holandês – *Jacob Bem Ick Genaemt* –, que foi traduzida por *eu me chamo Tiago*.¹⁹⁰

No entanto, ainda que a escultura e a frase em holandês confirmassem, segundo os Rego Castro, um possível passado sefardita e holandês, tio Salomão continuava insistindo

¹⁸⁵ BRITO, 2009, p. 25.

¹⁸⁶ BRITO, 2009, p. 26.

¹⁸⁷ BRITO, 2009, p. 26.

¹⁸⁸ A história de Domísio Justino e Donana, assim como a possível morte de Domísio e o seu enterro na cidade de Monte Alverne, será abordada no terceiro capítulo desta dissertação.

¹⁸⁹ BRITO, 2009, p. 27.

¹⁹⁰ BRITO, 2009, p. 27.

.....
numa versão menos honrosa, a de que os cristãos-novos chegados aos Inhamuns provinham do Norte português, eram homens solteiros, sem vínculos com as origens, que buscavam enriquecer no comércio mascate, e que deixaram uma prole numerosa de bastardos, nascidos de transas ligeiras com as índias jucás.¹⁹¹

Assim, segundo Adonias, talvez se justificasse que os Rego Castro, insatisfeitos com a ascendência de sua família – “Cadê as glórias do passado sertanejo, exaltadas por genealogistas e historiadores?” –,¹⁹² enxertassem “aventuras na vida insignificante dos antepassados, na louca esperança de nos engrandecermos”,¹⁹³ de acordo com o narrador, pois “[o]nde não existe esplendor, inventa-se”.¹⁹⁴

Se a versão apresentada, inicialmente, por Ismael é fruto daquilo que ele aprendeu sozinho, em livros que o primo “letrado” nunca leu, percebe-se que a história contada por tio Salomão também se vê ancorada na existência de livros desconhecidos para o narrador do romance, obras que contêm a genealogia do sertão, as heráldicas do passado.

Salomão “ergueu a sua Alexandria sertaneja dentro da velha casa, construindo um labirinto de estantes onde gostava de se imaginar desgarrado como um minotauro”,¹⁹⁵ e, ali, investigou o passado da família Rego Castro. Adonias reconhece que

[a] maioria dos livros só interessa a Salomão. Ele coleciona tudo o que se refere ao mundo sertanejo, folclore e cultura popular. Possui dezenas de tratados genealógicos, a única produção literária de algumas cidades.¹⁹⁶

No entanto, foi a partir da leitura de seus livros que o tio descobriu aquilo que Eco havia mencionado: “os livros falam sempre de outros livros e toda história conta uma história já contada”.¹⁹⁷ Salomão, em meio aos seus livros, se encontra rodeado, ainda que não saiba, pelas palavras de Schneider quando este afirma, em *Ladrão de palavras*, que

¹⁹¹ BRITO, 2009, p. 28.

¹⁹² BRITO, 2009, p. 74.

¹⁹³ BRITO, 2009, p. 27.

¹⁹⁴ BRITO, 2009, p. 27.

¹⁹⁵ BRITO, 2009, p. 55.

¹⁹⁶ BRITO, 2009, p. 159-160.

¹⁹⁷ ECO, 1985, p. 20.

.....

Cada livro é eco dos que o anteciparam ou o presságio dos que o repetirão. Cada um, peça imprópria e aleatória de um conjunto sem fim, dá para o precedente e para o seguinte, como essas enfiadas de quarto que povoam os pesadelos, sonhos do inatingível.¹⁹⁸

Ou Ricardo Piglia, em “Memoria y tradición”, que afirma que, para um escritor, a memória é a tradição e, por isso, observa-se que “um escritor trabalha no presente com os rastros de uma tradição perdida”.¹⁹⁹ Ainda segundo Piglia, “[a] memória tem a estrutura de uma citação, uma citação que não tem fim, uma frase que se escreve com o nome de outro e que não se pode esquecer”.²⁰⁰

Assim, a história já contada é sempre retomada, ou atualizada, pelo narrador em primeira instância, que prefigura, por extensão, o escritor, no presente. Sendo assim, o personagem Salomão, em meio a sua biblioteca e aos vários tratados genealógicos colecionados, encontra-se rodeado desses ecos intertextuais que cada livro, ali, possui. As páginas escritas pelos genealogistas do sertão trazem os rastros dessa tradição local.

Os livros lidos por Salomão apresentam uma tradição literária e uma genealogia sertaneja que se transformam na memória cultural e familiar em que o genealogista do sertão se ancora. Todos os ecos dos livros do passado, segundo Schneider, ou as histórias que já foram contadas e, hoje, são recontadas, correspondem à memória familiar e ao passado que são revisitados por esse investigador da história familiar e que serão, posteriormente, reatualizados pelo leitor.

2.3 Sobre supostas pesquisas científicas e amores no sertão

A genealogia dos Rego Castro, muito além das invenções feitas pelos familiares, foi também alvo de uma pesquisa científica empreendida por Marina Carelli Rossi, que viria a ser esposa de Natan e mãe de Elias e Davi, cuja tese de doutorado era sobre “a presença da família Rego Castro no sertão dos Inhamuns”.²⁰¹

Se Salomão, a partir do conhecimento dos livros, tentava elaborar uma narrativa acerca do desenvolvimento do sertão e das famílias que ali viviam, constatando, inclusive, que “o número de habitantes de sangue negro, nos Inhamuns,

¹⁹⁸ SCHNEIDER, 1990, p. 100.

¹⁹⁹ PIGLIA, 1991, p. 61. (Tradução nossa)

²⁰⁰ PIGLIA, 1991, p. 64. (Tradução nossa)

²⁰¹ BRITO, 2009, p. 115.

.....

excedia o de habitantes de sangue branco, e que os negros foram importantes para a formação sertaneja”,²⁰² Marina, com o seu método científico, “munida de gravador, máquina fotográfica, papéis e fitas cassete”,²⁰³ adentrou a casa de Raimundo Caetano e Maria Raquel e investigou as árvores genealógicas dos Rego Castro.

Marina representava o saber científico, e seu correspondente, tio Salomão, abarcaria aquilo que seria um saber sertanejo. Para este, “[a] tese da socióloga justificava o esforço de anos de pesquisa do tio, e o dinheiro gasto comprando livros e papéis velhos, sem valor aparente”.²⁰⁴ Assim, Marina, examinando a biblioteca dos Rego Castro, em visita “à parentela, principalmente aos velhos guardiões da memória da família”,²⁰⁵ empreendeu a sua pesquisa genealógica acerca da família que habitava a fazenda Galileia.

No entanto, as árvores genealógicas, que “foram desenroladas diante de um colecionador, orgulhoso dos seus achados, e de uma estudante deslumbrada, como se acabasse de avistar as terras do Novo Mundo”,²⁰⁶ tiveram a sua suposta análise científica abreviada em virtude do romance da pesquisadora com Natan e, assim, a doutoranda se encontrou “gastando metade do estoque de fitas cassete em entrevistas que nunca foram transcritas para a tese de doutorado”,²⁰⁷ inviabilizando uma versão mais apurada da genealogia dos Rego Castro.

Após o fim das pesquisas e dos estudos realizados ao lado de Marina, Salomão, que havia ficado apaixonado pela estudante, que viria a ser esposa do irmão, encontra em Adonias o interlocutor de suas disputas intelectuais acerca da importância da história do surgimento do sertão e da genealogia dos habitantes desse espaço.

Para Salomão, o conhecimento a respeito das famílias é fundamental para se conhecer a história de Inhamuns, conforme afiança em: “– Essas genealogias possuem valor, são os rudimentos de nossa história”.²⁰⁸ O surgimento dos antepassados, assim

²⁰² BRITO, 2009, p. 114.

²⁰³ BRITO, 2009, p. 115.

²⁰⁴ BRITO, 2009, p. 116.

²⁰⁵ BRITO, 2009, p. 116.

²⁰⁶ BRITO, 2009, p. 116.

²⁰⁷ BRITO, 2009, p. 117.

²⁰⁸ BRITO, 2009, p. 160.

.....

como a gênese do sertão, a partir do saber sertanejo, pode ser alcançado, de acordo com o tio, por intermédio desses tratados genealógicos.

No entanto, Adonias não vê importância alguma nesses antigos tratados genealógicos e afirma: “Não perdoo sua segurança, o orgulho que sente da heráldica sertaneja, dos brasões, ferros de marcar boi, histórias familiares, coisas de pouco valor para mim”.²⁰⁹ Confirma-se, desse modo, a valorização do saber científico por Adonias em detrimento do conhecimento sertanejo de Salomão.

Dessa maneira, Adonias, representante de um saber científico, assim como Marina, busca elaborar uma história, uma genealogia dos Rego Castro, mas os tratados genealógicos, as árvores familiares e todos os outros materiais guardados por tio Salomão não têm valor algum para o narrador.

O tio, em meio aos livros de sua biblioteca, tem a sua reputação rebaixada por Adonias, que, detentor do saber moderno e institucionalizado pela universidade, acredita que Salomão preencha

a falta de sexo com delírios míticos sobre a mistura dos ibéricos, índios e negros, dando origem ao povo do sertão. Julga-se um intérprete da cultura brasileira, porta-voz dos pobres e desvalidos, sem abrir mão das regalias de um nobre.²¹⁰

Logo, se os anos de pesquisa foram justificados, inicialmente, pelos estudos de Marina, o celibato de Salomão também é fruto desse amor não correspondido, pois a tarefa de elaborar uma genealogia dos Rego Castro e a gênese do sertão ocupou esse espaço deixado pela pesquisadora na vida do personagem.

No entanto, no que concerne a tio Salomão, Adonias afirma perceber

seu esforço em busca do que é permanente e sobrevive ao furor das mudanças. E admirava o quanto ele insistia numa consciência regional, procurando desenvolver um pensamento e uma prática cosmopolita. Separado de um passado mítico e irrecuperável, esforçava-se por achar no presente um caminho para ele e o seu mundo sertanejo.²¹¹

Assim, Salomão tenta estabelecer, a partir dos seus estudos e da elaboração de uma genealogia do sertão, uma possibilidade de resistência ao esquecimento, ao

²⁰⁹ BRITO, 2009, p. 160.

²¹⁰ BRITO, 2009, p. 161.

²¹¹ BRITO, 2009, p. 162.

.....

apagamento dos costumes e das tradições, pois, a partir dos genealogistas familiares, contadores de histórias do sertão, vê-se “o poder específico das culturas populares, para reconhecer nelas uma verdadeira capacidade de resistência histórica, logo, política, em sua vocação antropológica para a sobrevivência”.²¹²

Adonias, mesmo não aderindo ao pensamento genealógico de tio Salomão, se esforça para elaborar aquilo que seria a história familiar. Médico formado, com estudos na Inglaterra, e supostamente um homem moderno, ir para a fazenda, para Arneirós, ainda que a saúde do avô seja o motivo principal, é seguir um caminho onde, conforme o narrador: “Tudo se assemelha ao passado, até os caminhos repetidos e o silêncio dos mortos, fantasmas que andaram como ando, ansioso e de humor deprimido”.²¹³ Nessa trilha, ao seguir pequenos indícios da história familiar, que vão sendo dados durante o romance, e por temer, muitas vezes, aquilo que pode descobrir, Adonias vai investigando, desvendando e cavando a história familiar.

Os genealogistas do sertão, assim como arqueólogos em busca de um tesouro, cavam a história familiar em busca de um passado grandioso, e, assim, Adonias procura encontrar a origem familiar e suas glórias. Contudo, o narrador adverte para a dificuldade da empreitada, pois, conforme diz:

Meu saber fragmentou-se como um vaso de argila sumério. O justo seria tornar-me um arqueólogo à procura de cacos de ânfora, tentando recompô-la como a memória da família de que me dizem herdeiro e guardião.²¹⁴

A história familiar está, assim, nas mãos de Adonias, que precisa, ainda que seja difícil, examinar cada aspecto constitutivo da família Rego Castro.

Em meio à dificuldade de se restabelecer o conhecimento completo e verdadeiro da história familiar, Adonias, como já foi dito, ficcionaliza o relato dos Rego Castro. Responsável pela narrativa da família, o narrador divaga em meio aos “livros da biblioteca do avô Raimundo Caetano”²¹⁵ e, assim, pode dizer:

Ouçó, distraio-me, os cupins roem papéis e neurônios, uma página se estraga, uma lembrança se oculta, leio mais, as traças roem, roem,

²¹² DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 32-33.

²¹³ BRITO, 2009, p. 7.

²¹⁴ BRITO, 2009, p. 37.

²¹⁵ BRITO, 2009, p. 39.

.....
roem, salto buracos com nada escrito, invento pedaços de romances,
escuto.²¹⁶

Vê-se, aqui, que a fala de Adonias começa a apontar para o caráter inventivo do seu relato, aproximando-se daquilo que Quintão estabelece como uma genealogia literária, “está intimamente ligado à valorização da imaginação e da fantasia”.²¹⁷

A ficcionalização das histórias envolvendo os Rego Castro e o surgimento do sertão parecem ser um dilema para o narrador, pois fica incomodado com a tradição da escrita, conforme visto em: “Os outros escritores se antecipam a mim, escrevem o que gostaria de ter escrito. Já pensaram tudo, nada sobrou que eu possa inventar”.²¹⁸ Adonias não reconhece que o próprio ato de narrar a história familiar também já se caracteriza como a invenção de um passado da família, afinal, a história contada pelo narrador é perpassada pelas suas impressões acerca dos familiares e pelo recorte que faz, tal como a metáfora do cinema, em que Adonias escolhe aquilo que deseja filmar e relatar a respeito dos Rego Castro.

A história construída por Adonias, e por ele modificada, é permeada pela tradição literária, pois o narrador se utiliza tanto das referências bíblicas quanto das referências genealógicas adquiridas por meio de seus estudos, ou por aquilo que pôde ser apreendido acerca da história familiar com a ajuda dos parentes mais próximos, principalmente Ismael e tio Salomão.

Assim, retomando Compagnon, une-se “o ato de leitura ao de escrita. Ler ou escrever é realizar um ato de citação. A citação representa a prática primeira do texto, o fundamento da leitura e da escrita: citar é repetir o gesto arcaico do recortar-colar”,²¹⁹ e, dessa maneira, Adonias lê o mundo a sua volta, as informações obtidas com os familiares e, em um ato de recortar e colar, constrói uma nova narrativa.

O narrador “cita” o texto primeiro, isto é, aquilo que passou a conhecer acerca da família, e esse pequeno fragmento de história “escolhido converte-se ele mesmo em

²¹⁶ BRITO, 2009, p. 39.

²¹⁷ QUINTÃO, 2011, p. 121.

²¹⁸ BRITO, 2009, p. 84.

²¹⁹ COMPAGNON, 2007, p. 41.

.....

um texto”,²²⁰ e seu sentido – ao ser inserido e reinscrito em outro contexto, a biografia familiar produzida por Adonias – se expande.

A genealogia tradicional da família, dos nomes, do espaço, parece destoar da crônica familiar ficcionalizada e construída pelo genealogista do presente. A biografia da família Rego Castro pode ser remontada até os antepassados Domísio e Donana e suas respectivas famílias, Justino e Miranda, mas com ecos de um passado mítico mais remoto, o da narrativa bíblica.

As histórias do surgimento do sertão, os primeiros homens que habitaram os Inhamuns, os descendentes dos antepassados, o desenvolvimento da família até os dias atuais e mais alguns dos vários anos perdidos no baú de Maria Raquel são inacessíveis a Adonias, o escritor dessa memória do passado, desse modo, o leitor depara-se, ao final do texto, com uma história familiar, uma genealogia, repleta de lacunas. Em três séculos de histórias dos Rego Castro, poucas certezas existem. A família do presente é mais facilmente biografada por Adonias, mas, ressalta-se, toda história contada pelo narrador pode ser definida como uma versão, pois muitas são as dúvidas, os desvios que torcem e fazem emergir um relato de sobras e construções fabulatórias.

Adonias tem como projeto literário a escrita de uma biografia, mas é confrontado por tio Salomão: “Por que menospreza os autores de genealogias e se julga superior a eles?”.²²¹ O narrador, assim, parece não compreender a história da família e a importância que o passado teria para os Rego Castro.

O narrador do romance se vê tentado a “perguntar a razão das pessoas de se preocuparem tanto com a origem das famílias”,²²² mas essa questão permanece sem resposta. Ainda que não saiba a importância dos antepassados, o médico Adonias – agora não mais o primo, neto, sobrinho ou qualquer outra denominação familiar – também elabora, no momento do seu relato, a sua catalogação genealógica dos Rego Castro e, segundo ele, uma “[f]amília grande lembra um compêndio médico, com as neuroses classificadas ao lado de cada ramo genealógico”.²²³

²²⁰ COMPAGNON, 2007, p. 13.

²²¹ BRITO, 2009, p. 164.

²²² BRITO, 2009, p. 160.

²²³ BRITO, 2009, p. 178.

.....

Assim, não abandonando o saber, ou o jargão, científico que lhe é característico, a única forma encontrada pelo narrador para elaborar a genealogia dos Rego Castro é inseri-los dentro daquilo que se enquadraria como um conhecimento institucionalizado, um compêndio médico, tal como os estudados por Adonias em sua formação acadêmica, e que indica, além do nome, os males, os vícios, as mentiras e os delitos que cada ramo genealógico, isto é, cada membro da família, possui.

“[P]ara que serve a memória dos nomes de árvores e pássaros?”,²²⁴ Adonias, aparentemente, mesmo após a sua jornada na fazenda Galileia, é incapaz de responder, e, se sua catalogação familiar perpassa o discurso médico, vê-se que as árvores, representação metafórica da memória sertaneja e familiar, apontam o único conhecimento que o narrador de Brito parece não ser capaz de acessar: a história dos seus antepassados, do surgimento da Galileia e, também, das pessoas que residem ali.

De acordo com Glauber Quintão, “a genealogia literária [é] farsante, múltipla, provisória, sem hierarquia”,²²⁵ e é isso que pode ser observado no romance de Brito, pois verifica-se a existência de várias versões para o surgimento da família e do sertão, contrapondo o discurso sertanejo, em si já multifacetado, ao científico, também colocado sob suspeita, assim como a tradição oral dos Rego Castro ao pensamento crítico do genealogista da família, Adonias.

Brito, em *Galileia*, desconstrói, portanto, os saberes, tanto o sertanejo quanto o científico, ou acadêmico, ao mesmo tempo em que constrói versões, elabora narrativas em que o tema da genealogia delinea um traço importante em sua obra. Tem-se, no romance, a construção de histórias ficcionais de antepassados, confirmada pelo narrador, que, próximo ao fim de sua viagem, revela ao leitor o caráter inventivo da obra: “Inventei essa história. Consultem uma cartomante, se desejam conhecer o final”.²²⁶ A confissão da invenção da história que foi narrada, seu caráter de construção, vem seguida do imperativo “consultem”, não os compêndios ou manuais, mas uma cartomante. Essa referência, além de apontar para aquele que adivinha o passado, presente e futuro pela interpretação das cartas de baralho, sugere outras relações intertextuais importantes: Machado de Assis e Clarice Lispector.

²²⁴ BRITO, 2009, p. 233.

²²⁵ QUINTÃO, 2011, p. 123.

²²⁶ BRITO, 2009, p. 233.

.....

No conto “A cartomante” (1884), de Machado de Assis,²²⁷ um triângulo amoroso e a consulta a uma cartomante prenunciam um crime. Antes, porém, a ambiguidade do discurso da personagem do título deixa entrever o caráter irônico do texto machadiano. No romance *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector,²²⁸ uma traição também põe em movimento a máquina narrativa. Após consultar uma cartomante, Macabeia é atropelada, tornando-se desse modo, e só nesse momento, objeto das atenções.

Tanto a cartomancia, com sua sugestão de farsa e engano, quanto a ideia da traição, nos textos de Machado e Lispector, aliam-se na construção do sentido no romance de Brito. O discurso do narrador é, portanto, colocado em xeque, suas verdades são desconstruídas e postas sob suspeita, além de se confessar, explicitamente, como mentiras e falsificações. Na enunciação, o escritor se inscreve numa tradição importante da literatura brasileira.

²²⁷ ASSIS, Machado. A cartomante. In: _____. *Contos*: seleção de Deomira Stefani. 6 ed. São Paulo: Ática, 1977, p. 75-80.

²²⁸ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CAPÍTULO 3

Uma genealogia dispersa: Domísio, Donana e outras relações familiares

Além de apontar para a referência aos episódios bíblicos, conforme mencionado no capítulo 1, e criar/ficcionalizar uma genealogia literária, a partir dos narradores/contadores de histórias dos Rego Castro, como analisado no capítulo 2, elabora-se uma genealogia literária que se encontra dispersa entre os contos e os romances de Ronaldo Correia de Brito. Os relatos familiares e a casa da família são, muitas vezes, tema reiterado pelo escritor e por seus personagens, que, com sutis diferenças, migram pelas páginas de vários de seus livros.

Alguns personagens são retomados e, a cada nova versão, são recriados em uma nova história, conflitante, às vezes, com a anterior. Entre essas histórias encontram-se as figuras de Domísio e Donana, que, assim como a família Rego Castro, que tem o seu sobrenome mencionado no romance *Estive lá fora*, apontam para a possibilidade de o mesmo grupo familiar de *Galileia* estar presente em outros textos do escritor.

Brito reelabora, ainda, diversas histórias familiares em seus textos. Muito além da ligação existente entre algumas delas, as brigas familiares e as casas que se encontram em ruínas também são importantes na obra do escritor. Em seus textos, ele ficcionaliza histórias dispersas de famílias que parecem, em muitos casos, estar em busca de uma origem, investigando uma genealogia, às vezes, desconhecida.

Assim, este capítulo busca apresentar uma leitura acerca dos personagens Domísio e Donana, assim como a tentativa de fazer a ligação entre os romances *Galileia* e *Estive lá fora*, por meio da família Rego Castro, citada em ambos os textos. Procura-se analisar essa conexão familiar por meio dos conceitos de série e saga, conforme por descrição de Umberto Eco em “A inovação do seriado”,²²⁹ a fim de tentar traçar um perfil da obra do escritor.

Por fim, será feita uma análise aproximando o romance *Estive lá fora* de *Galileia*, apontando para as semelhanças entre as histórias relatadas nos romances de

²²⁹ ECO, Umberto. A inovação no seriado. In: _____. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 120-139.

.....

Brito e em seus demais contos. Apresentam-se, ainda, outras histórias familiares dispersas nos textos do escritor, abordando, também, a figura da casa, isto é, o espaço habitado por outras famílias.

3.1 Domísio e Donana: um crime em família

O conto “Faca”, já nas suas primeiras linhas, apresenta ao leitor a arma do crime: uma faca, achada por ciganos que já reconheciam os mistérios que a cercavam e o medo do objeto amaldiçoado. Perdida no tempo após Francisca Justino, filha de Domísio, tê-la jogado longe, a faca, que matou Donana, permaneceu no imaginário do sertão, na vida da família Rego Castro e impregnou as páginas de Brito.

O crime cometido por Domísio Justino contra Donana teve, no conto, sua primeira aparição, mas as marcas do sangue derramado se espalharam por vários outros textos de Brito, por séculos de histórias da família ficcionalizada, e chegaram, até mesmo, a se ancorar na tradição familiar do escritor.

A obra de Brito retrata, assim, em pelo menos cinco momentos distintos, incluindo romances e contos, esses dois personagens específicos, Domísio e Donana, inserindo-os em situações diferentes e dando-lhes biografias semelhantes, mas que, no entanto, divergem em alguns pontos, apontando para o desdobramento ficcional do tema familiar.

A apresentação da história de Domísio e Donana é descrita de maneira diversa, mas o argumento principal permanece: o esposo que, atraído pela vida ao lado da jovem que encontrara em suas viagens, mata, com um punhal, a esposa. Conforme o trecho do conto, “todos sabiam de uma mulher bonita e jovem com quem Domísio acertara casamento, passando-se por solteiro. Estava perdidamente apaixonado”,²³⁰ a paixão do marido por outra mulher é a causa para o assassinato familiar.

As versões do crime ora apresentam uma nova perspectiva acerca do assassinato, ora expõem novas informações acerca dos personagens desse homicídio. Pai de treze filhos, defendido pela filha Francisca, escondido dentro de um quarto da casa do irmão, santo de um vilarejo, um fantasma do passado, Domísio é, ao mesmo

²³⁰ BRITO, 2003, p. 30.

.....

tempo, personagem dos contos “Faca” e “O que veio de longe”²³¹ e dos romances *Galileia* e *Estive lá fora*. Além disso, também é feita uma referência ao tio assassino no conto “Lua”,²³² presente no último livro publicado pelo escritor.

A história da transgressão, do sangue familiar derramado, poderia ser, assim, desdobrada em pequenos aspectos que se repetem nessas obras. Além dos personagens, a arma do crime, uma “faca”, simboliza um objeto de má sorte, conforme o conto de mesmo nome, podendo ser vista, também, como a pedra atirada contra o irmão em *Galileia*, um desdobramento de uma vingança, segundo a história narrada no conto “O que veio de longe”, ou, ainda, um motivo de vergonha de um passado que até hoje traz consigo um preço a ser pago pela família, conforme Cirilo em *Estive lá fora*.

No conto “O que veio de longe”, Domísio se torna São Sebastião dos Ferros, um santo que tem a sua biografia ficcionalizada pelos moradores da vila onde o corpo foi encontrado, após ter sido carregado pelo rio Jaguaribe. Desfigurado e furado por balas, o corpo de João Domísio é enterrado sob a árvore dos Ferros e, ali, passa, segundo os habitantes da região, a falar e curar os que se colocam frente à árvore.

Do mesmo modo que Francisca defendera o pai, no conto “Faca”, os habitantes de Monte Alverne criam uma história para o homem que foi encontrado morto, boiando no rio, e defendem-no, dizendo se tratar de um santo. Assim, a história de João Domísio, tal como dito no romance *Galileia* – “Onde não existe esplendor, inventa-se”²³³ –, é ficcionalizada pelos moradores, que, de acordo com o romance: “Construíam para o santo uma vida cheia de juventude, atos generosos e feitos heróicos”.²³⁴

Impedido de efetuar inicialmente a vingança da irmã, no conto “Faca”, Pedro respeita aquilo que o irmão de Domísio, Anacleto Justino, pede no trecho: “Eu compreendo o ódio de vocês [...]. Mas respeitem a casa e as leis da hospitalidade. Sobretudo, quando esta hospitalidade é para um irmão”.²³⁵ No entanto, quando o assassino da esposa abandona a casa onde procurara refúgio, o irmão de Donana já o esperava.

²³¹ BRITO, 2005, p.6-14.

²³² BRITO, 2015, p. 205-219.

²³³ BRITO, 2009, p. 27.

²³⁴ BRITO, 2005, p. 11.

²³⁵ BRITO, 2003, p. 33.

.....

Assim, aquele que nunca mais havia sido visto, após ter entrado na casa de seu irmão, tem seu desfecho desvendado nos dois contos citados. Afinal, Pedro Miranda, irmão de Donana, confessa-se assassino de Domísio, ainda que isso tenha-lhe custado a vida, perante os moradores de Monte Alverne.

De acordo com Juliana Santini,²³⁶

Domísio Justino é aquele “que veio de longe” e, sem identidade, funciona como signo vazio, cujos significados serão preenchidos pelas vozes que compõem a narrativa [...]. Note-se que o que serve de material para o conto o “O que veio de longe” é justamente aquilo que permanecia carente de significação em “Faca”, de modo que o que se tem é um movimento constante de atribuição de novos significados a um mesmo elemento ou objeto.²³⁷

Assim, o corpo anônimo, encontrado boiando no Jaguaribe, permite que uma história seja ficcionalizada para ele, uma genealogia idealizada e heroica ganha vida. A identidade de Domísio é ignorada pelos moradores, ainda que Pedro Miranda, irmão da mulher assassinada, afirme para os residentes de Monte Alverne que o santo idolatrado por eles é, na verdade, um criminoso.

A memória coletiva e a sabedoria do povo que habita o local onde o corpo de Domísio foi encontrado são construídas, assim, pelas escolhas narrativas dos residentes do vilarejo, que, ao adotarem a história já criada a respeito de São Sebastião dos Ferros, escolhem esse relato em detrimento da narrativa de Pedro Miranda, cuja informação dada, confrontando a história criada para o morto, faz com que o seu destino seja o mesmo que o de Domísio e, dessa maneira,

a sugestão de que o rio carregaria mais um corpo naquela noite encerra a narrativa e silencia a ameaça de destruição da imagem que se desenhara em torno do outrora desconhecido corpo. Esse mesmo silêncio, ofuscado apenas pelos sons das águas cheias do Jaguaribe, impõe que se faça uma escolha entre a suposta verdade apresentada por Pedro Miranda e a verdade construída pelo povo. Levado pelas águas da enchente, o corpo de Pedro Miranda também deixaria para trás, no passado, sua identidade, sua história e a história de Domísio

²³⁶ SANTINI, Juliana. Entre a memória e a invenção: a tradição na narrativa brasileira contemporânea. *Cerrados*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB. Brasília. v. 18. n. 27. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8347/6343>>. Acesso em: 08 out. 2015.

²³⁷ SANTINI, 2009, p. 17.

.....
Justino, que continuaria a garantir a segurança e a saúde do povo de Monte Alverne como São Sebastião dos Ferros.²³⁸

A suposta morte de Pedro Miranda é, assim, a impossibilidade de se desvendar a história de Domísio, ocultada pelo emaranhado de narrativas construídas e desconstruídas acerca do crime cometido contra Donana.

Se, nos primeiros contos de Brito, os antepassados têm a sua história relatada, às vezes com diferenças, vê-se que, no conto “Lua”, a história surge apenas como reflexão para o ato de escrever. O escritor, dizendo ser incapaz de escrever “um livro de contos igual a Faca”,²³⁹ retoma, aqui, os ascendentes familiares que o atormentam desde a infância, realizando um movimento de reconciliação com os fantasmas do passado.

Semelhantemente ao desfecho narrado nos contos, o romance *Estive lá fora* também lança luz sobre o destino do assassino de Donana, confirmando que um “[t]empo depois do crime, Domísio foi encontrado morto, o corpo perfurado de balas, boiando noutro rio, o Jaguaribe. Peixes haviam comido o seu rosto. As feições depuradas em cromossomas e genes perderam-se para sempre”.²⁴⁰ Diferentemente dos fatos citados, que se aproximam e criam novas pistas acerca do crime familiar, a história de Domísio e Donana parece ser alterada no romance *Galileia*. Contrapondo a história dos contos, Domísio parece nunca ter deixado a casa do irmão e, ali, se transforma em um fantasma para Adonias, narrador do romance.

Na casa da fazenda Galileia, Domísio apresenta parte de sua história e é confrontado por Adonias, que afirma que o antepassado não permaneceu na morada do irmão e, dessa maneira, diz: “Você não ficou sempre aqui, um dia foi embora, e nunca mais se ouviram notícias suas. Uns acham que seus cunhados vingaram a irmã, outros acreditam que você conseguiu esconder-se longe, e morreu de velhice”.²⁴¹ Apontando, dessa forma, para possíveis desfechos para a história do tio, Adonias impede que a narrativa tenha fim.

Retomada a possibilidade de Domísio ter abandonado a fazenda e, até mesmo, ter morrido pelas mãos de Pedro e Luiz Miranda, a narrativa prossegue sem um

²³⁸ SANTINI, 2009, p. 15.

²³⁹ BRITO, 2015, p. 207.

²⁴⁰ BRITO, 2012, p. 53.

²⁴¹ BRITO, 2009, p. 152.

desfecho definitivo. No entanto, a hipótese de João Domísio ter saído da casa de Anacleto Justino é negada pela fala do fantasma, que, ao se dirigir a Adonias, afirma: “São invenções. Sempre estive aqui para os que me procuram”.²⁴² A presença imaginária do tio assassino na Casa Grande do Umbuzeiro, após trezentos anos de histórias familiares, indica a existência desse fantasma que permanece assombrando, ainda que indireta e imaginariamente, a memória dos Rego Castro.

O fantasma de Domísio, preso à casa onde buscara proteção, em uma conversa com Adonias, alerta o narrador de *Galileia* para a semelhança entre os crimes cometidos pelos dois. O primo Ismael, morto por uma pedra, assim acredita Adonias, é a ligação entre os dois delitos, pois, simbolicamente, a faca usada por Domísio se aproxima da pedra atirada contra Ismael, em um assassinato cometido no mesmo lugar.

A possibilidade de cometer um crime, tal como João Domísio contra Donana, parece ligar também os romances *Galileia* e *Estive lá fora*. No primeiro, Adonias aponta para a presença de um “crime que a família premeditou há anos”,²⁴³ delito incitado pela inveja. Já no segundo, Cirilo pensa na própria morte, pois cogita, conforme o narrador do romance, “jogar-se nas águas barrentas do rio Capibaribe, Cirilo não tinha clareza se atuava por vontade própria, ou se apenas repetia a sina ruim de João Domísio”.²⁴⁴ Tanto a transgressão de Adonias quanto o desejo suicida de Cirilo confirmam a propensão ao delito praticado pelo tio assassino.

O relato acerca dos antepassados, ligando o presente ao passado, se repete na obra de Brito, e essa “sina ruim” se transforma no fantasma, tal como vivenciado por Adonias, que atormenta os homens da família e que parece inevitável, ainda que se tente o suicídio, no caso de Cirilo, em *Estive lá fora*. Essa atitude reflete aquilo que move os descendentes do tio assassino. Assim, caso o narrador desse romance “sobreviva ao afogamento, morrerá de pneumonia ou remorso pelo crime de João Domísio, o fantasma cuja história o persegue desde criança”.²⁴⁵

Dessa forma, a “história narrada por sucessivas gerações fez do crime de João Domísio um legado dos homens Rego Castro, herança passível de se repetir noutros

²⁴² BRITO, 2009, p. 152.

²⁴³ BRITO, 2009, p. 142.

²⁴⁴ BRITO, 2012, p. 53.

²⁴⁵ BRITO, 2012, p. 8.

.....

assassinos potenciais”.²⁴⁶ A sina ruim a que Cirilo se refere e o crime premeditado mencionado por Adonias resumem a marca que acompanha a linhagem de Domísio, seja como um lembrete do assassinato que a família traz em sua história, seja como um sinal de uma maldade adormecida dentro de cada descendente. Afinal, conforme diz Cirilo: “Há quase trezentos anos, os homens de minha família pagam caro por esse crime, mesmo sem tê-lo cometido”.²⁴⁷

Muito além desse legado maldito, que ainda acomete a família Rego Castro, ou a potencialidade para o crime, conforme mencionado em *Galileia*, vê-se que o assassinato de Donana permanece ressoando no interior da família, refletindo a própria constituição do sujeito, representante de uma família que já se modificou e que, nesse caso, no espaço sertanejo de Arneirós, encontra-se em ruínas.

Ismael, em certo momento do romance, afirma: “O sertão a gente traz nos olhos, no sangue, nos cromossomos. É uma doença sem cura”.²⁴⁸ Essa característica aponta simbolicamente para essa mesma constituição do homem, ou seja, assim como os primos da fazenda Galileia, viajantes que não encontram seu lugar no espaço habitado pelo patriarca, a doença que acomete os homens Rego Castro e indica a ruína da casa familiar, esse gene maldito do assassinato, é, ao que parece, o que define a família e, por extensão, a narrativa.

Dessa maneira, o espaço onde se desenvolve a trama de Brito “é apenas um detalhe para as relações humanas, essa sim decadente e áspera”,²⁴⁹ de acordo com Luigi Ricciardi. No entanto, conforme Adonias, “[t]odos na Galileia preferem vagar pelo resto dos tempos a desvelar algum dos segredos que nos mantêm presos às mais sórdidas tramas”.²⁵⁰ Vê-se que o voto de silêncio dos moradores da fazenda, ainda que existam diversos mistérios e crimes dentro da família, só tem a sua condição humana, sua constituição enquanto sujeitos daquele espaço, revelada por intermédio da derrocada da fazenda, isto é, da ruína da casa familiar e dos homens que ali habitam.

²⁴⁶ BRITO, 2012, p. 52-53.

²⁴⁷ BRITO, 2012, p. 270.

²⁴⁸ BRITO, 2009, p. 19.

²⁴⁹ RICCIARDI, Luigi. *Galileia e a dura terra que é o coração humano*. Disponível em: <<http://homoliteratus.com/galileia-e-dura-terra-que-e-o-coracao-humano/>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

²⁵⁰ BRITO, 2009, p. 182.

.....

Dentre os vários crimes narrados por Brito, a transgressão cometida por Domísio parece ser, assim, a mais emblemática, visto que ela atravessa ficção e realidade, ancorando-se, inclusive, em uma tradição local a que o autor faz referência no texto “Ao lado das mulheres, sempre”,²⁵¹ publicado em seu site.

Ultrapassando as páginas dos livros, cita-se, no que se refere às figuras de Domísio e Donana, a presença de uma referência à tradição local do sertão. De acordo com Brito,

[e]sse bruto assassinato aconteceu de verdade na região onde nasci, no Ceará, no final do século XVII, e tanto a vítima como o assassino eram pessoas da minha família. A história foi incorporada à mitologia sertaneja local e eu a ouvi ainda criança.²⁵²

Apesar de não haver mais informações e, ainda, a possibilidade de isso ser um dado ficcional não poder ser afastada, verifica-se a presença de um mito sertanejo local, incorporado pelo escritor e dito como pertencente a sua família. Acrescenta-se, assim, além dos Rego Castro, descendente da família de Domísio, o próprio autor, Ronaldo Correia de Brito, como um possível sucessor dessa família marcada pelo sangue de Donana.

A narrativa do crime familiar perpassa, assim, a história pessoal de Brito, e, dessa maneira, a faca utilizada por Domísio, além da comparação com a pedra atirada contra o irmão, conforme mencionado anteriormente, parece ser, também, uma metáfora da caneta do escritor, que vê, na história do crime ocorrido, ou ficcionalizado, em sua família, o motivo, isto é, o mote da sua literatura.

Se “[e]screver, pois, é sempre reescrever”,²⁵³ conforme afirma Compagnon, a reescrita faz-se presente nos textos de Brito, e, dessa maneira, os personagens Domísio e Donana têm sua história contada e recontada, partindo da narrativa pessoal, citada pela tradição sertaneja e chegando até as páginas de Brito. Sendo assim, ao mesmo tempo em que o crime parece ser a força por trás dos textos do escritor, talvez como inspiração

²⁵¹ BRITO, Ronaldo Correia de. *Ao lado das mulheres, sempre*. Disponível em: <<http://www.ronaldocorreiaebritobrito.com.br/site2/2014/04/ao-lado-das-mulheres-sempre/>>. Acesso em: 05 set. 2015.

²⁵² BRITO, Ronaldo Correia de. *Ao lado das mulheres, sempre*. Disponível em: <<http://www.ronaldocorreiaebritobrito.com.br/site2/2014/04/ao-lado-das-mulheres-sempre/>>. Acesso em: 05 set. 2015.

²⁵³ COMPAGNON, 2007, p. 41.

.....

e fazendo com que a faca do assassinato se transforme em um instrumento de escrita, vê-se, também, que a tarefa de escrever faz com que Brito cometa uma espécie de delito, multiplicando versões e impedindo que o leitor encontre uma única verdade da história dos antepassados do escritor.

Diz-se, no romance *Estive lá fora*, que a faca nunca foi encontrada e que “[p]erderam-se os sinais da morte gravados na lâmina e o rico ouro de seu cabo, na forma de duas serpentes”.²⁵⁴ No entanto, se Domísio não foi esquecido e sua genealogia pôde até mesmo se ancorar na realidade sertaneja, e pessoal do escritor – haja vista a afirmação de os antepassados serem membros de sua própria família –, talvez tais versões transgressoras sejam a possibilidade de se encontrar a tradição que havia sido esquecida e emaranhar ainda mais, assim, o que teria acontecido com o assassino, com a família da mulher e com a arma do crime.

3.2 Rego Castro: histórias cruzadas, famílias cruzadas

O romance *Galileia*, paralelamente às referências às narrativas bíblicas, mencionadas explicitamente por Brito, relata diversas tramas elaboradas pelo escritor, que, por meio do trabalho com a palavra, são fiadas e desfiadas em meio à leitura de sua obra.

Abordando, principalmente, uma família sertaneja específica e costumes do sertão, o escritor conta e reconta várias histórias em seus textos, afirmando que: “Há uma história recorrente na minha literatura: o assassinato da personagem Donana pelo seu esposo João Domísio”.²⁵⁵

No entanto, não é somente a história do assassinato que é retomada, pois diversos episódios familiares parecem encontrar um equivalente em outras obras do autor, assim como temas específicos – a casa e uma possível genealogia familiar, por exemplo –, ou algum personagem que, a partir de suas especificidades, parece se caracterizar como sendo o “mesmo”, mas gravitando em outro texto.

²⁵⁴ BRITO, 2012, p. 52.

²⁵⁵ BRITO, Ronaldo Correia de. *Ao lado das mulheres, sempre*. Disponível em: <<http://www.ronaldocorreiaebritobrito.com.br/site2/2014/04/ao-lado-das-mulheres-sempre/>>. Acesso em: 05 set. 2015.

.....

Quando se fala sobre esse assassinato familiar, não se pode esquecer que esses personagens, a partir dos indícios dados por Brito, caracterizam-se por serem membros de uma mesma família, mas se diferem por estarem situados em páginas de diferentes livros.

Domísio e Donana, membros da família Justino e Miranda, respectivamente, são os antepassados da família Rego Castro, conforme pode ser visto em *Galileia* e, também, em *Estive lá fora*. A história começa a ser contada em “Faca”, prossegue no conto “O que veio de longe” e culmina com o surgimento da família do patriarca Raimundo Caetano e do jovem estudante de medicina Cirilo.

Se Brito, nos contos “Faca” e “O que veio de longe”, conta a história de alguns antepassados da família Rego Castro, vê-se que, em *Galileia*, a narrativa elaborada por Adonias busca, ao refazer os laços com a fazenda da família e se iniciando com os ascendentes já mencionados nos contos anteriores, apresentar a genealogia dos Rego Castro e as memórias desse núcleo familiar, incluindo os seus mistérios e delitos.

Indo além, nesse mesmo universo literário, o escritor aborda, no romance *Estive lá fora*, uma nova história para os Rego Castro, já vista nos contos citados e no romance analisado neste estudo. Representando momentos históricos distintos, observa-se que, por um lado, o primeiro romance aborda um tempo, aparentemente, presente. No segundo romance, o momento vivido pela família é marcado e se situa no período da ditadura militar no Brasil.

A narrativa de *Galileia*, conforme visto, apresenta uma possível genealogia para a família do patriarca Raimundo Caetano. Seguindo esse lugar comum, Brito também mostra, em *Estive lá fora*, uma história familiar para os Rego Castro. Ao mencionar o processo de criação do romance, o escritor afirma:

Não escrevi um romance sobre a ditadura militar – embora ela apareça em imagens de fundo –, mas sobre uma família que padece de insegurança e medo pelo destino de um de seus membros, Geraldo, que ingressou num partido político de esquerda e prega a luta armada. Cirilo, o irmão mais novo, veio morar no Recife para estudar Medicina e, a pedido da mãe, vigiar o irmão.²⁵⁶

²⁵⁶ BRITO, Ronaldo Correia de. *Ronaldo Correia de Brito relata o processo de criação de ‘Estive lá fora’*. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ronaldo-correia-de-brito-relata-o-processo-de-criacao-de-estive-la-fora,924241>>. Acesso em: 08 dez. 2015.

.....

O escritor busca, assim, abordar em seu texto a história da família Rego Castro e dos seus membros a partir da perspectiva de Cirilo. As dificuldades encontradas pelo protagonista, nessa sua árdua tarefa de cuidar do irmão, apontam para um sujeito que, não conseguindo efetuar bem a atividade imposta por sua mãe, vê-se sempre tentado a repetir a sina ruim que os homens Rego Castro herdaram da família, conforme apontado na primeira seção deste capítulo.

O narrador do romance *Estive lá fora*, ao mencionar o surgimento da família Rego Castro, inicia o seu relato afirmando que:

A história da família de Cirilo começara num engenho de Pernambuco, há trezentos anos. Envolvidos na Guerra dos Mascates, os Rego Castro fugiram para as terras férteis do vale do rio Jaguaribe, nos Inhamuns. Um tio-avô do oitavo grau, João Domísio, fez comércio e enriqueceu transportando carne jabá, em tropas de burros, do sertão até o Recife. Percorria em sentido contrário a rota de fuga. Talvez sentisse a nostalgia da cana, do cheiro da garapa e do mel cozinhando nos tachos do engenho. Na primeira viagem encantou-se com a cidade, os sinos tocando no alto das torres das igrejas, o rio largo e perene, as pontes e o mar azul. Na terceira ou quarta apaixonou-se por uma moça a quem se apresentou como solteiro, acertando casamento. Longe, a esposa o esperava com os filhos. Voltou triste aos Inhamuns, não encontrando sossego na própria casa, nem saciedade no corpo gasto de Donana. Consumido pela saudade da noiva que deixara longe, resolveu matar a esposa.²⁵⁷

Acrescentando novos detalhes, Brito retoma o surgimento da família, indicando o grau de parentesco com João Domísio e a terra habitada pelos homens Rego Castro nos últimos trezentos anos. Verifica-se, no entanto, ao se analisar o trecho citado, que sua semelhança com o relato de *Galileia* indica a existência de uma história familiar idêntica, situada dentro do mesmo universo literário e da mesma tradição sertaneja. Logo, o relato acerca do surgimento da família, principalmente ao se referir ao tio, não se difere nos dois romances.

Em *Galileia*, também é dito, ao mencionar a história de Donana, que Domísio

[a]marrado a um casamento imposto pela família, Domísio sobrevivia tocando rebanhos de bois para o Recife. Numas das viagens, apaixonou-se por uma moça jovem e risonha [...]. Mas, no sertão

²⁵⁷ BRITO, 2012, p. 51-52.

.....
distante, existiam os filhos e a esposa Donana. A única maneira de livrar-se dela seria matá-la.²⁵⁸

Confirma-se, assim, a semelhança com o mesmo relato efetuado por Cirilo, citado anteriormente.

Se Adonias aborda o surgimento do sertão, conforme visto em: “Retorno ao começo, à gênese do sertão, quando as primeiras famílias chegaram ao planalto, tangendo os rebanhos e brigando pela posse da terra”,²⁵⁹ vê-se que Cirilo, em seus diálogos epistolares com sua mãe, Célia, também tem parte do seu discurso e das suas memórias pautada por uma discussão genealógica e por teorias acerca da gênese do espaço habitado pela família.

Assim como visto em *Galileia*, a história genealógica dos Rego Castro é evocada por intermédio das memórias familiares. Enquanto Adonias é o responsável por essa rememoração no primeiro romance, vê-se que, em *Estive lá fora*, Cirilo, auxiliado pelas memórias da mãe, outra voz narrativa da obra, apresenta a genealogia da família. Logo, de acordo com o narrador, Célia Regina desenrolava “as árvores genealógicas [...] sobre a mesa após a janta, buscando nos rostos dos filhos sinais que apenas ela reconhece”,²⁶⁰ ligando, assim, os antepassados aos descendentes do presente, reconhecendo traços que justifiquem a filiação aos Rego Castro.

Enquanto Domísio e Donana têm sua narrativa elaborada a partir de uma suposta história real do escritor, envolvendo uma tradição sertaneja que permeia a história familiar de Brito, vê-se que, na ficção, a mãe de Cirilo, Célia Regina, além de reconhecer detalhes, fisionomias acerca dos filhos, comparando-os com os membros das árvores genealógicas analisadas por ela, também pode ser, a partir do trabalho do leitor/pesquisador, analisada como um personagem que encontra seu equivalente no mundo “real” do escritor, pois, de acordo com Brito:

Dediquei *Estive Lá Fora* a Ritinha Brito e João Leandro, meus pais. No longo e cansativo processo de escrita desse romance, eles estiveram amorosamente ao meu lado, na lembrança, é bem verdade. Os dois serviram de modelo à construção dos personagens Luis Eugênio e Célia Regina. Desde menino, me impressionava o esforço de meus pais para que os filhos tivessem acesso aos bens de cultura,

²⁵⁸ BRITO, 2009, p. 54.

²⁵⁹ BRITO, 2009, p. 108.

²⁶⁰ BRITO, 2012, p. 9-10.

.....

mas nunca percebi neles a cupidez por bens materiais. Trazer o conhecimento para dentro da nossa casa tornou-se uma missão de vida, que se impuseram sem reclamar. Minha mãe era professora primária, abandonando logo cedo essa profissão para cuidar da família. Já adulto, meu pai estudou sozinho, encantado com a ciência, o progresso e o trabalho; mais tarde se tornaria comerciante.²⁶¹

Verifica-se, pois, em mais um episódio, a ligação existente entre o que seria a vida real e a ficcional na obra do escritor. Acrescentando mais um detalhe acerca da genealogia dos Rego Castro, se o tio assassino e sua esposa são antepassados de Brito, conforme mencionado anteriormente, Célia Regina também poderia ter suas características aproximadas às da mãe do escritor, apontando, assim, para sua representação ficcional.

Em *Estive lá fora*, tem-se a informação de que o narrador

[d]escendia da Casa Grande do Umbuzeiro, fundada por um padre colonizador – o irmão do infeliz João Domísio – e uma índia de nome Páscoa, os pais de doze machos procriadores. A família herdeira dessa semente ainda reinava absoluta nos Inhamuns [...].²⁶²

A casa do passado também existe no presente e contém, ali, o quarto onde Domísio se escondeu, após ter pedido refúgio ao irmão Anacleto Justino. A morada continua de pé e é habitada por tio Salomão, descendente desse antepassado. Assim, a semente a que o narrador faz referência permanece nos Inhamuns, representada tanto pelos Rego Castro de *Galileia* quanto pelos homens de *Estive lá fora*, membros da mesma família.

Tal como Salomão, que “nunca deixou de investir em caprinos, e agora planta mamona, de olho nos biocombustíveis”,²⁶³ a família de Cirilo, no segundo romance, busca um futuro melhor, modifica a relação com a terra e se insere, ainda mais, na sociedade urbanizada. O narrador afirma que:

A obsessão por trabalho, estudo e sucesso movia as roldanas da casa Rego Castro, impulsionava marido e mulher desde que habitavam a fazenda dos Inhamuns e resolveram deixar a lavoura e a pecuária para trás, como coisa superada e sem perspectiva de futuro.²⁶⁴

²⁶¹ BRITO, Ronaldo Correia de. *Ronaldo Correia de Brito relata o processo de criação de 'Estive lá fora'*. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ronaldo-correia-de-brito-relata-o-processo-de-criacao-de-estive-la-fora,924241>>. Acesso em: 08 dez. 2015.

²⁶² BRITO, 2012, p. 53.

²⁶³ BRITO, 2009, p. 114.

²⁶⁴ BRITO, 2012, p. 66.

.....

Assim, as duas famílias, possuidoras de um mesmo sobrenome e habitantes de uma mesma casa, ou apenas deslocadas no espaço e tempo representado, distantes alguns anos uma da outra, constituem uma família que corta os laços, ainda que superficialmente, com o sertão, pois já se inserem em uma sociedade urbanizada e moderna, conforme observado por Adonias, ao constatar a modificação que o sertão sofreu após anos de distanciamento.

Conforme Umberto Eco, uma série literária consiste em:

[U]ma situação fixa e um certo número de personagens principais da mesma forma fixos, em torno dos quais giram personagens secundários que mudam, exatamente para dar a impressão de que a história seguinte é diferente da história anterior.²⁶⁵

A ligação entre os textos já mencionados indicaria, assim, a presença dessa série elaborada pelo escritor, pois seus contos e romances apresentam uma história que reescreve uma mesma história familiar.

Observa-se, dessa maneira, que um dos personagens fixos do romance é a própria casa, o espaço sertanejo habitado. Ao lado desse lugar, vê-se que a família permanece fixa, ainda que possua lacunas que a diferenciem totalmente. Assim, girando em torno da casa e de uma história familiar, os personagens do escritor mudam, mas a história seguinte, ainda que pareça diferente, cria uma nova versão para o relato inicial, e, dessa maneira, a família está presa a um crime do passado.

Os personagens iniciais de Brito, em “Faca” ou em “O que veio de longe”, relatam a história de uma família que experimentou eventos ruins: o assassinato da esposa e a vingança contra o marido assassino. Ao mesmo tempo, a história do primeiro conto, por intermédio do relato de ciganos que encontraram o objeto causador do ferimento mortal em Donana, lembrando um passado já esquecido, mas amaldiçoado, apresenta os primeiros antepassados dos Rego Castro.

O segundo conto retoma os personagens de “Faca”, mas, ao acrescentar Monte Alverne, cidade onde o corpo de Domísio foi parar, dá outro significado à vida do antepassado. As ruínas desse monte também serão retomadas em *Galileia*, visto que a Pedra de Jacó, “uma escultura talhada em um bloco de calcário”,²⁶⁶ encontrada naquela

²⁶⁵ ECO, 1989, p. 123.

²⁶⁶ BRITO, 2009, p. 27.

.....

região, excitou os genealogistas da família, de acordo com Adonias, pois “confirmavam um passado sefardita e holandês, estabeleciam vínculos entre os pastores esquecidos e o restante do mundo civilizado”.²⁶⁷

A ruína onde fora encontrado o vestígio acerca do surgimento dos Rego Castro também remete à narrativa bíblica. Além de apontar para um passado sefardita e holandês, a Pedra de Jacó liga o deserto hebreu ao sertão brasileiro, visto que, no capítulo 35 de *Gênesis*, Deus conversa com Jacó, trocando-lhe o nome, agora não mais Jacó, mas Israel, e o abençoando:

Deus lhe disse: Eu sou El Shaddai. Sê fecundo e multiplica-te. Uma nação, uma assembléia de nações nascerá de ti e reis sairão de teus rins. Eu te dou a terra que dei a Abraão e a Isaac; darei esta terra a ti e à tua posteridade depois de ti.²⁶⁸

Jacó, cuja promessa divina lhe garantia a terra que habitava, “erigiu uma estela no lugar onde ele lhe falara, uma estela de pedra, sobre a qual fez uma libação e derramou óleo. E Jacó deu o nome de Betel ao lugar onde Deus lhe falou”.²⁶⁹ A pedra construída pelo personagem bíblico se assemelha àquela encontrada pelos genealogistas do sertão. O nome Betel, dado por Jacó ao local onde Deus lhe falara, remete, aqui, também, ao local onde Abraão acampou e fez um altar para Iahweh, conforme o capítulo 12 de *Gênesis*.

Assim, a cidade onde o corpo de Domísio foi parar, ao lado da Pedra de Jacó encontrada ali, além de ser o cenário de uma das várias teorias acerca do surgimento desse grupo familiar, liga a narrativa bíblica ao romance de Brito, pois os Rego Castro são, nesse emaranhado de narrativas cruzadas, possíveis descendentes de Jacó, cuja terra onde se erigiu a pedra seria habitada pelos seus sucessores, conforme a promessa de Deus. Vê-se, ainda, que a terra onde Abraão acampou se torna, em *Galileia*, o lar de Raimundo Caetano, equivalente textual do patriarca bíblico. Dessa maneira, as localidades apresentadas nos textos se ligam e dão, a respeito da família de Raimundo Caetano, ou de Cirilo, indícios sobre a genealogia familiar.

Eco afirma que “para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores”,²⁷⁰ porém, têm-se, sempre, ecos de

²⁶⁷ BRITO, 2009, p. 28.

²⁶⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 80.

²⁶⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 80.

²⁷⁰ ECO, 1985, p. 21.

.....

intertextualidade e, com isso, um mundo anterior, um passado, é sempre revisitado, mas com outros olhos. Assim, se os contos e os romances de Brito fazem referências, às vezes, citações diretas de um mesmo episódio, conforme visto, a obra do escritor se utilizaria, então, da estratégia ficcional mencionada por Eco.

De acordo com o romance *Galileia*, “[a]s cidades são mundos irreais, pois só existe Galileia”.²⁷¹ Logo, o sertão dos Inhamuns é o mundo mobiliado e construído pelo escritor, segundo a perspectiva de Eco, pois tudo ocorre ali. Esse lugar comum contém as memórias da família Rego Castro e a narrativa, em ambos os romances, tem suas raízes nesse espaço sertanejo.

Brito afirma que:

Em *Estive Lá Fora*, como em *Galileia*, trato de famílias. Embora quase toda ação transcorra no Recife, a trama também remete ao Sertão dos Inhamuns, um dos cenários que mais visito. Dessa maneira, mantenho os vínculos com a paisagem de meus livros anteriores. O sertão alimenta o imaginário do personagem Cirilo, irmão de Geraldo; os antigos crimes da família o atormentam e o fascinam para a morte.²⁷²

Vê-se, assim, que o tema da família é retratado por Brito e, mais do que isso, o espaço habitado e o grupo familiar se apresentam como sendo o mesmo, ainda que em tempos distintos. O mundo sertanejo, os Inhamuns, é constituído por membros de uma mesma família, uma fazenda, uma casa em Arneirós, na maioria das vezes, ou seja, tem-se, aqui, a retomada de um espaço já construído em outros textos, mas modificado pelo escritor, que, a partir de um novo olhar, revisita esse lugar e lhe confere outros significados.

A história da família Rego Castro, ao ser analisada no conjunto da obra de Brito, pode, também, ser caracterizada, conforme Eco, como uma “saga”, pois ela é:

Uma sucessão de eventos, aparentemente sempre novos, que se ligam [...] ao processo ‘histórico’ de uma personagem, ou melhor, a uma genealogia de personagens. Na saga os personagens envelhecem, a

²⁷¹ BRITO, 2009, p. 91.

²⁷² BRITO, Ronaldo Correia de. *Ronaldo Correia de Brito relata o processo de criação de ‘Estive lá fora’*. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ronaldo-correia-de-brito-relata-o-processo-de-criacao-de-estive-la-fora,924241>>. Acesso em: 08 dez. 2015.

.....

saga é uma história de envelhecimento (de indivíduos, famílias, povos, grupos).²⁷³

A história familiar, narrada pelos contos e romances, apresenta um envelhecimento dos Rego Castro e, ainda que somente indícios possam ser depreendidos dos romances, vê-se que o núcleo familiar é o mesmo, mas, por meio de personagens e eventos novos, a família é sempre um novo grupo, pois trezentos anos foram contados, por Brito, desde o assassinato de Donana, criando, assim, uma saga familiar, ora visível, ora invisível.

A árvore genealógica de Brito, além de apresentar uma memória sertaneja, constrói “uma *rede*, na qual cada ponto pode ter conexão com qualquer outro ponto”,²⁷⁴ dessa história familiar e, por isso, poderia ser, assim, possível apontar a presença de outras genealogias em Brito e verificar, também, que a saga dos Rego Castro se comporta, de acordo com Eco, como

ad albero (o antepassado e as várias ramificações narrativas que se reportam não só aos descendentes, mas aos colaterais e aos afins, também aqui ramificando infinitamente, e talvez desviando a atenção para novos núcleos familiares).²⁷⁵

Acrescentam-se, com isso, outras famílias, tal como a de Ismael, o proscrito, cuja filha ficou na Noruega e a quem não é permitido vê-la, ou a do delegado, parente de Cirilo, cuja fala do narrador em: “[R]econheciam traços dos índios jucás, primeiros habitantes dos Inhamuns, dizimados até só restarem as mulheres, os úteros de gerações sertanejas”,²⁷⁶ apresenta, ainda, um aspecto constitutivo dos Rego Castro, isto é, a presença do sangue dos índios jucás. Assim, a família parece estar sempre se modificando, ganhando novos membros e criando uma “rede” familiar espalhada pelos vários textos de Brito.

Portanto, vê-se aqui a presença de uma ligação entre os Rego Castro do romance *Galileia* com a família de *Estive lá fora*. Além do sobrenome, mencionado por ambos os romances, e dos mesmos antepassados, Domísio e Donana, o espaço habitado pelas duas famílias é igual, o sertão dos Inhamuns. Os Rego Castro são, assim, os mesmos nos dois romances, mas encontram-se deslocados no tempo, sendo um deles o

²⁷³ ECO, 1989, p. 125.

²⁷⁴ ECO, 1989, p. 338.

²⁷⁵ ECO, 1989, p. 125.

²⁷⁶ BRITO, 2012, p. 53.

reflexo de uma decadência que já vem se arrastando desde o período da ditadura militar, pois “a árvore genealógica dos Rego Castro chama atenção com Geraldo, um ramo que começa a dar trabalho ao regime”,²⁷⁷ e que, no futuro, encontrará uma casa em ruínas, com a família de Raimundo Caetano.

3.3 Relatos familiares: um tema recorrente

A família e a casa são, conforme já mencionado, um dos temas centrais dos romances e dos contos de Brito. Além dos Rego Castro, apresentados em *Galileia* e *Estive lá fora*, assim como os indícios de seus antepassados em “Faca”, “O que veio de longe” e “Lua”, o escritor apresenta outros relatos familiares em sua obra.

Para Schneider Carpeggiani,²⁷⁸ ao analisar *O amor das sombras*, reflexão que também pode ser transferida para os outros textos de Brito, a figura da casa é de extrema importância para o autor. Nesse espaço, os personagens encenam memórias, buscam o seu pertencimento, a sua identidade, ou descobrem que não há, ali, lugar para eles. A alegoria da casa aponta para alguns episódios específicos, confirmando, assim, a presença desse lugar tão importante para os personagens e para o escritor. Ainda segundo ele, após a sua análise do livro de contos, pode ser percebida “a alegoria constante da casa”,²⁷⁹ que atravessaria grande parte dos escritos de Brito.

Algumas “famílias” distintas são recriadas em sua obra, abordando aspectos diferentes e conclusões diversas para os dilemas familiares. Em *Galileia*, vê-se que o grupo familiar representado “deixa de ser uma instituição para se tornar um simples ponto de encontro de vidas privadas”,²⁸⁰ rompendo, dessa maneira, com o modelo tradicional de família e buscando “uma dissolução da família e reafirmação dos indivíduos”.²⁸¹

²⁷⁷ BRITO, 2012, p. 110.

²⁷⁸ CARPEGGIANI, Schneider. *Ronaldo escuta os fantasmas da casa*. Pernambuco. Nº 113, Jul. 2015. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_113_web.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

²⁷⁹ CARPEGGIANI, 2015.

²⁸⁰ MATA, Anderson Luís Nunes da. *Como vai a família? As reconfigurações da instituição familiar no imaginário do romance brasileiro contemporâneo*. *Iberic@l: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*. 2014, p. 3. Disponível em: <<http://iberical.paris-sorbonne.fr/02-09/>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

²⁸¹ MATA, 2014, p. 9.

.....

Já em *Estive lá fora*, um sujeito, apesar do desejo de reunir o irmão e, conseqüentemente, a família, não consegue ultrapassar as barreiras que lhe são impostas e, assim, conforme aponta o narrador acerca de Cirilo:

Revê, como num filme projetado ao contrário, imagens de Geraldo e João Domísio separadas pelo tempo. Conclui que já não é mais um deles, vive e pulsa sozinho. Olha o espelho sujo da água, tenta enxergar o corpo do irmão arrastado para o oceano, em meio à correnteza. Talvez fique esperando que ele passe, sem fazer nada como os seus amigos pescadores. E se recusar-se a morrer junto com os mortos da família?²⁸²

Existe, dessa maneira, uma possibilidade de rompimento definitivo com a família Rego Castro. A imagem, como num filme partido, e o espelho sujo da água turvam a representação perfeita do relato.

Os relatos familiares podem ser vistos em diversos contos do autor. Tanto em “Redemunho”, de *Faca*; “Brincar com veneno”, de *Livro dos homens*; e “Mellah”, de *O amor das sombras*, o autor aborda algum aspecto acerca da casa familiar, seja ao pertencimento do sujeito ali, aos segredos familiares, seja a impossibilidade de uma família se desenvolver nessa morada infrutífera. Além dos textos analisados nesta dissertação, outros poderiam ser lembrados.²⁸³

Observa-se que, de acordo com Anderson Luís N. da Mata, “a instituição da família, tal como a conhecemos, é uma construção da modernidade”,²⁸⁴ mas que, no entanto, continua se modificando na contemporaneidade. Essa diversidade familiar é representada nos contos de Brito.

Em “Redemunho”, além de citar o episódio do transporte do piano e a chegada dos homens ao sertão, fato que será visto e retomado em outros textos do escritor, tem-se a história de Leonardo Bezerra, que, abandonado pela esposa, Elvira, vive com a mãe em uma casinha no sertão. Sem comida, no período de seca, evitando a partida, já feita pelos outros moradores, tem-se um revelador diálogo entre mãe e filho.

²⁸² BRITO, 2012, p. 289.

²⁸³ Verifica-se que, em diversos outros contos, o tema da família e da casa é abordado pelo escritor. Citam-se “Mentira de amor”, de *Faca*; “Milagre no Juazeiro” e “O amor das sombras”, de *Livro dos homens*; “Mãe numa ilha deserta”, de *Retratos imorais*; e “Helicópteros”, de *O amor das sombras*. Contudo, para o propósito deste estudo, apenas os três contos citados anteriormente no texto serão analisados nesta dissertação.

²⁸⁴ MATA, 2014, p. 2.

.....

A história da família ocupa uma parte da conversa entre os dois personagens. Após o pedido da mãe, Catarina Macrina, em: “Pegue as árvores genealógicas e leia a número três para mim”,²⁸⁵ vê-se que

Leonardo abriu um baú de cedro, taxeadado com as iniciais da família. Tirou uns papéis amarelos e desdobrou-os com cuidado. O mais precioso deles estava forrado a pano, posto em rolo cilíndrico para não se rasgar nas dobras.²⁸⁶

Dali, dos guardados genealógicos, a história familiar é descrita. Tendo o seu início com Pedro Cavalcanti de Albuquerque,

filho de Manoel Gonçalves de Siqueira, Cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Isabel Cavalcanti; neto paterno de Pedro Gonçalves Siqueira; neto materno de Antonio Cavalcanti de Albuquerque, fidalgo da casa real, que governou as capitâneas do Grão Pará e Maranhão, pelos anos de 1630; bisneto de Felipe Cavalcanti, fidalgo florentino, e de D. Catarina de Albuquerque, a velha...²⁸⁷

Enquanto Catarina se mostra orgulhosa da família, o filho não se importa com aquilo que os Cavalcanti já foram no passado. Leonardo afirma que: “Não somos mais nada. Da família só guardamos o piano, uns móveis capengas e essa casa, ameaçando cair”,²⁸⁸ mostrando, assim, o desprezo pela família.

Além das narrativas genealógicas, vê-se que esse relato familiar exhibe o desfecho da história de Leonardo, abandonado pela esposa. Imaginando que sua mulher “o deixou por um cigano sem futuro, que roubava cavalos e galinhas com o seu bando”,²⁸⁹ conforme afirmara sua mãe, o filho mata os ciganos que acamparam na terra da família, pensando que, assim, encontraria Elvira.

Contudo, Leonardo, após não ter encontrado a mulher com os ciganos que acabara de assassinar, imagina ter sido enganado pela mãe, cuja história acerca da fuga da mulher estaria encobrindo outro acontecimento. A hipótese de Leonardo é, então, que Catarina tenha escondido o fato de o outro filho, irmão do narrador, ter fugido com Elvira, e, assim, para acabar com essa dúvida, Leonardo afirma que: “A mãe tivera

²⁸⁵ BRITO, 2003, p. 40.

²⁸⁶ BRITO, 2003, p. 40-41.

²⁸⁷ BRITO, 2003, p. 41.

²⁸⁸ BRITO, 2003, p. 41.

²⁸⁹ BRITO, 2003, p. 42.

forças para enterrar o seu irmão. Mais forças teria ele para desenterrá-lo, se estivesse ali”.²⁹⁰ Encerra-se, assim, o conto com a dúvida acerca do destino da mulher de Leonardo.

O conto “Brincar com veneno”, ao contrário da genealogia ampla dos Cavalcanti, ou dos Rego Castro, caracteriza-se por ser uma história em que a impossibilidade de se ter uma descendência perpassa todo o conto, caminhando ao lado da ideia de morte, concretizada, aparentemente, no fim do texto.

A relação entre Heitor e Leocádia, marido e mulher, é descrita como infrutífera, pois Heitor perdera os movimentos das pernas e tornara-se impotente após o cavalo Caronte tê-lo derrubado da sela. Assim, acusando o marido da sua situação, Leocádia afirma que: “Fui condenada a viver com o útero vazio”.²⁹¹ Por isso, a mulher da casa dá a sentença de morte para o cavalo, obrigando-o a morrer de fome e se tornar um animal seco, como ela o é sem um filho para gerar.

Ao lado da impossibilidade de se ter uma descendência, o texto de Brito, corroborando esse aspecto infrutífero da relação, insere o desejo de morte de Leocádia, que, não suportando essa situação, conforme dito em: “– Eu só posso resignar-me, partir ou morrer”,²⁹² dirige-se rumo ao “lado esquerdo da casa, onde as serpentes se debatiam enjauladas”,²⁹³ indicando, assim, a sua possível morte.

Por fim, em “Mellah”, o narrador traz uma discussão acerca dos primeiros membros da nação, dos ancestrais da família. Ele afirma que, segundo o pai, “os mais antigos da nação chegaram ao Magrebe após a queda do Primeiro Templo, ocorrida no reinado de Nabucodonosor, rei da Babilônia”.²⁹⁴ No entanto, não se encontraram vestígios dessa identidade.

Novas versões vão sendo apontadas, pois, conforme garante um tio, “os primeiros vieram com os fenícios, antes da era cristã. Judaizaram as tribos berberes e resistiram à invasão árabe e ao Islã”.²⁹⁵ Contudo, a fala do narrador, ao se perguntar

²⁹⁰ BRITO, 2003, p. 51.

²⁹¹ BRITO, 2005, p. 47.

²⁹² BRITO, 2005, p. 54.

²⁹³ BRITO, 2005, p. 54.

²⁹⁴ BRITO, 2015, p. 87.

²⁹⁵ BRITO, 2015, p. 87

.....

quem seria ele para duvidar de um rabino, denuncia a falta de confiança nessa informação.

Para além da discussão acerca dos ancestrais, o conto “Mellah” revela a migração da família do narrador, que saiu da África rumo a São Paulo, e a importância da cidade na vida do grupo familiar, pois, segundo o narrador, “[a]s cidades se reconhecem pelo cheiro”.²⁹⁶ Assim, a cidade tem importância para a família, pois indica, para o narrador anônimo, a pergunta acerca do “sentimento de exílio e de não pertencer a nenhuma cidade”.²⁹⁷

Dessa maneira, mais que o relato familiar desse grupo sem nome, tem-se, aqui, o não pertencimento desse narrador, que “não consegue recompor a paisagem que trouxe nos olhos, quando atravessou o mar, repetindo sua gente”,²⁹⁸ e que, por isso, seu não lugar é definido, em parte, pela lembrança do surgimento do seu povo, dos primeiros homens da nação, dos ancestrais de sua família.

Portanto, a obra de Brito, ao apresentar a família Rego Castro, insere a existência de uma série literária em sua obra, pois os aspectos que compõem a narrativa dessa família podem ser encontrados em diversos contos e romances do autor. O grupo familiar pode ser representado, também, como uma saga familiar, apresentando, dessa forma, o desenvolvimento dos Rego Castro, ao longo dos textos analisados, incluindo o envelhecimento da família, seus trezentos anos de história e o surgimento de novos personagens, outras ramificações.

²⁹⁶ BRITO, 2015, p. 90.

²⁹⁷ BRITO, 2015, p. 91.

²⁹⁸ BRITO, 2015, p. 91.

Considerações finais

No romance *Galileia*, a fazenda dos Rego Castro é um local de ruínas, a casa já não se sustenta, e o patriarca, Raimundo Caetano, é o doente que a família espera que não morra, pois, de acordo com o narrador Adonias: “com ele enterraremos a Galileia e parte da nossa história”.²⁹⁹

Ao chegar à fazenda familiar, ele afirma:

Pulamos da camioneta, os três ao mesmo tempo. Parecemos bailarinas de nado sincronizado: as batidas do coração marcam nosso ritmo, direita, esquerda, direita, esquerda. Pisamos o chão de cascalhos, contemplamos a paisagem, sacudimos a poeira do enfado e nos dirigimos para a casa de Raimundo Caetano. Ninguém corre ao nosso encontro, nem Aleph, o cão do avô. A bagagem continua no carro, estamos de paisagem.³⁰⁰

A ausência do cachorro Aleph aponta para presença do animal dentro da casa, cuja ruína é visível. Ainda que a morada dos Rego Castro não seja demolida, a possibilidade de continuar existindo se torna mais escassa com o tempo.

No artigo “O Aleph, Beatriz e a Cabala em Jorge Luis Borges”,³⁰¹ Lyslei Nascimento, após abordar o surgimento da letra hebraica e sua importância na cabala, analisa o conto “O Aleph”, de Jorge Luis Borges. Segundo Nascimento, o conto evidencia o

caráter fabulatório da letra hebraica e o caráter de cabalista do escritor argentino. Ao exibir a proliferação de relatos possíveis, diante da complexa e artificiosa reinvenção desse signo enquanto uma metáfora da escritura, Borges faz vislumbrar, também, a criação de replicantes da escritura, clones, às vezes perversos, antagônicos ou tão similares que fazem confundir a própria noção de original.³⁰²

²⁹⁹ BRITO, 2009, p. 106.

³⁰⁰ BRITO, 2009, p. 91.

³⁰¹ NASCIMENTO, Lyslei. O Aleph, Beatriz e a Cabala em Jorge Luis Borges. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte. v. 2. n. 3. Out. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/viewFile/1633/1720>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

³⁰² NASCIMENTO, 2008, p. 2.

.....

Indicando a propagação de relatos possíveis, que, posteriormente, irão se enquadrar dentro de uma rede narrativa, a originalidade da obra é contraposta à existência de versões.

Segundo Nascimento, “a casa, onde supostamente está o Aleph, está prestes a ser demolida”,³⁰³ e esse também é o cenário da fazenda Galileia. A casa familiar “reflete a doença do avô. A mesma infecção que destrói sua carne parece arruinar a terra”.³⁰⁴ É nesse cenário degradado, adverte a pesquisadora, e em vias de extinção, que se desencadeia a proliferação do Aleph: a narrativa do sem-fim. Desse modo,

[e]ssa proliferação de relatos, não mais estruturados sob a égide do absoluto, mas dos fragmentos e da ruína, assume-se, principalmente, num dilema com a linguagem e num rearranjo destituído dos limites hierárquicos da tradição cultural e literária.³⁰⁵

A narrativa do sem-fim revela, portanto, a incapacidade de se alcançar uma única história. No romance de Brito, uma narrativa absoluta dos Rego Castro é também impossível. A casa em ruínas, as inúmeras referências aos textos bíblicos e, por último, essa referência, quase inusitada, a um cão chamado Aleph no sertão brasileiro aponta para a literatura como uma rede de livros, escritores e textos, na enunciação. Se, no enunciado, o surgimento da biografia ou da história familiar e da gênese do sertão dá-se por meio de narrativas que são continuamente postas em xeque, fraturadas pela ironia e assumidamente falaciosas, fragmentadas, na enunciação, evidencia-se o caráter fabulatório e infinito das possibilidades narrativas. As mil e uma histórias no romance, conforme visto ao se analisar a personagem Júlia, a Sherazade do sertão, ou os vários contadores de histórias da família, indicam essa proliferação de narrativas em Brito.

No conto “O Aleph”, conforme afiança Nascimento,

o mundo perdeu o sentido e foi recriado por Borges, de forma paralela, quase diabólica, exibindo a tradição a partir da morte. A morte de Beatriz, da aspiração e promessa do conhecimento, configura-se, assim, como uma outra relação com o sentido das coisas deixadas pela tradição. Essa relação se dá por meio de imagens degradadas. Restos imaginários e degredados de Beatriz se avolumam e se multiplicam como os retratos que o personagem Borges

³⁰³ NASCIMENTO, 2008, p. 3.

³⁰⁴ BRITO, 2009, p. 111.

³⁰⁵ NASCIMENTO, 2008, p. 6.

.....
contempla a cada ano no aniversário de morte da amada, na casa da Rua Garay.³⁰⁶

Em *Galileia*, vê-se uma situação análoga, pois o mundo criado por Brito, ancorado numa tradição em que os textos bíblicos possuem condição privilegiada, na ruína da fazenda Galileia e, também, na decadência da família Rego Castro, faz o leitor vislumbrar nessa tradição um tecido cada vez mais filigranado e, por isso mesmo, sujeito às possibilidades de preenchimento de lacunas, pela ficção. O escritor modifica, por meio da reencenação e da reescrita, restos imaginários e degredados, agora não mais de Beatriz, como no conto de Borges, mas da família Rego Castro, fazendo multiplicar os relatos familiares, visto que Adonias, ao rememorar a infância na fazenda, ou descobrir novas informações a respeito dos homens da família, faz avolumar as versões narrativas, cria variantes, altera os registros.

Brito, ao utilizar a narrativa bíblica como matéria textual, fornece uma importante chave de leitura para sua obra. Em uma entrevista, o autor afirma:

O livro que mais li, sempre releio e vou continuar lendo por toda minha vida é a Bíblia. No meu entendimento, trata-se de um excelente livro de narrativas. A Bíblia é um livro de autores, de várias vozes interessantíssimas. Se me perguntam qual foi o autor que mais me influenciou, confesso que são os autores da Bíblia. Nunca busquei na Bíblia um livro religioso, mas uma obra de narrativas, de metafísica e poesia. As profecias de Isaías, Ezequiel e Jeremias são a mais alta poesia que a humanidade produziu.³⁰⁷

A reescrita dos episódios bíblicos, empreendida por Brito, no entanto, não é inocente e, dessa maneira, ao reescrever vários episódios bíblicos, conforme analisado no capítulo 1, ele atualiza a narrativa das Escrituras, reinventando-as pela ficção. Para Ribeiro: “No caso de Galiléia o reconhecimento pode ser feito pela estrutura discursiva que dessacraliza o texto sagrado”.³⁰⁸

Dessa maneira, verificou-se, no capítulo inicial desta dissertação, que a construção dos personagens de Brito, semelhantes aos personagens homônimos do

³⁰⁶ NASCIMENTO, 2008, p. 3-4.

³⁰⁷ BRITO, Ronaldo Correia de. *Um escritor na biblioteca*: Ronaldo Correia de Brito. Cândido. Entrevista concedida ao Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=414>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

³⁰⁸ RIBEIRO, 2011, p. 24.

.....

relato bíblico, desconstroem o sentido das histórias bíblicas propondo versões desviantes das Escrituras. A reescrita do episódio de Abel e Caim, protagonizada por Adonias e Ismael, reflete a mudança ocorrida no texto inicial, já que, no romance *Galileia*, o valor que os primos têm na fazenda é diferente, e, mesmo que Adonias seja o assassino, viu-se que o crime cometido seria perdoado, pois os personagens, aqui, são intercambiáveis, e aquele que seria o culpado torna-se inocente, ocorrendo o inverso também.

O motivo do assassinato, a inveja, em ambos os textos, é semelhante. Na entrevista citada, Brito assevera: “Concordo com o professor Lourival Holanda, quando ele faz uma leitura de *Galileia* pela ótica da inveja de Adonias por Ismael. Nessa inveja cabe tudo: o desejo de ser ou ter o outro e o impulso de matá-lo com uma pedrada”.³⁰⁹ Dessa forma, ainda que se diferencie da narrativa bíblica, Brito não se afasta dela completamente, tal qual no episódio de Ismael, que, no romance, é visto como o filho preterido.

Por fim, o relato sobre Davi é o que mais se distancia da narrativa bíblica, porque, ao mesmo tempo em que mantém, na visão dos membros da família Rego Castro, todas as características que o ligam ao pastor de ovelhas que se tornaria rei de Israel, já que é visto como o homem belo, inteligente, músico de sucesso e um príncipe, na vida particular de Davi, tal como a confissão feita a Adonias, aponta para um personagem muito diverso, pois sua vida de amores e viagens ao lado de outros homens é o contrário daquilo que a família espera.

Domísio e Donana, conforme análise feita no capítulo 3, representariam, assim, camadas de histórias que apontariam para as origens familiares, visto que a história tem seu início no conto “Faca”, sendo retomada, posteriormente, nos contos “O que veio de longe” e “Lua” e nos romances *Galileia* e *Estive lá fora*.

Ao abordar o surgimento da família, seja em *Galileia*, abarcando, ainda, as várias versões presentes no romance, *Estive lá fora* ou “Redemunho”,³¹⁰ é um projeto

³⁰⁹ BRITO, Ronaldo Correia de. *Ronaldo Correia de Brito: Galileia, Ruínas e Labirintos do sertão*. Entrevista concedida a José Inácio Vieira de Melo. Disponível em: <<http://jivmcavaleirodefogo.blogspot.com.br/2009/08/o-codigo-do-livro-dos-homens.html>> Acesso em: 02 fev. 2015.

³¹⁰ Cita-se, ainda, o conto “Bilhar”, de *O amor das sombras*, cuja análise não foi feita nesta dissertação, mas no qual o escritor retoma o tema da genealogia e a existência de versões, ou fabulações, acerca dos antepassados.

poético do escritor a elaboração de uma gênese do sertão. A construção ficcional do espaço sertanejo é, dessa maneira, evidenciada em vários textos. Assim, a escrita de Brito se caracteriza por apresentar uma espécie de série literária, uma saga familiar construída, que faz migrar espaço, tempo, voz e personagens de texto a texto.

Apontou-se, no capítulo 3, os conceitos de série e saga, cunhados por Eco, e retoma-se, aqui, tal proposição, pois, ainda que tenham sido vistas mudanças acerca da família apresentada por Brito, observou-se que os Rego Castro são os mesmos nos dois romances do escritor.

Ressalta-se que a história narrada é diferente. No primeiro, a narrativa se desenvolve na fazenda Galileia, no sertão dos Inhamuns, e os personagens efetuam um movimento que implica a saída da cidade em direção ao interior, isto é, os personagens, procurando encontrar o avô, Raimundo Caetano, partem em direção à casa do patriarca.

Já no segundo romance, o personagem Cirilo deixa o interior do sertão e segue para Recife, a fim de se tornar um médico, encontrar/cuidar do irmão primogênito, Geraldo, militante no período ditatorial. Sua ida e seus estudos fazem com que Cirilo também alcance a primogenitura da família, pois, incapaz de ajudar o irmão, seus feitos serão os únicos que poderão trazer alguma glória, por intermédio da sua formação médica, para a família Rego Castro. As histórias, distantes alguns anos uma da outra, apresentam uma mesma família, saída do sertão dos Inhamuns, ou obrigadas a voltar a tal espaço.

Alguns dos personagens são diferentes, e o espaço ocupado pela narrativa é distinto, mas o envelhecimento dos personagens, a ruína da fazenda Galileia, que em nada reflete o esplendor do passado, assim como as situações descritas, evocam os mesmos antepassados familiares: Domísio, Donana e suas respectivas famílias, parentes dos homens que chegaram inicialmente ao sertão, uma mistura de etnias que faz com que o narrador, ao se encontrar perante as várias versões a respeito do espaço sertanejo, não seja capaz de elaborar uma genealogia confiável.

Por fim, verificou-se que a escrita de Brito é pautada pela autorreflexividade e pela consciência que o autor tem acerca do texto elaborado por ele. Se, para Ribeiro, “a paródia é essa forma importante de autorreflexividade devido ao fato de incorporar aquilo que contesta, além de questionar a ‘ideia de originalidade’”,³¹¹ vê-se que o

³¹¹ RIBEIRO, 2011, p. 28.

escritor, ao ficcionalizar várias versões acerca do passado familiar dos Rego Castro, retomando Nascimento, faz “confundir a própria noção de original”.³¹²

Para Compagnon, “recorte e colagem são as experiências fundamentais com o papel, das quais a leitura e a escrita não são senão formas derivadas, transitórias, efêmeras”,³¹³ como se pode perceber no texto de Brito, pois o autor, por intermédio da reescrita, está sempre recortando e colando novas informações aos seus textos, reelaborando continuamente a genealogia dos Rego Castro e a vida do personagem Domísio.

Brito reconhece também o papel ocupado pela sua escritura na literatura contemporânea, pois, a partir da fala do narrador de *Galileia*, ou da narrativa de *Estive lá fora*, reconhece-se, indiretamente, a incapacidade de escrever algo que seja minimamente original para o autor. Vê-se, então, que, de acordo com Adonias: “Os outros escritores se antecipam a mim, escrevem o que gostaria de ter escrito. Já pensaram tudo, nada sobrou que eu possa inventar”.³¹⁴

Já Cirilo, apontando para a inferioridade que o texto de qualquer escritor possa ter hoje, corroborando a tese de que tudo que poderia ter sido escrito já o foi, menciona a fala do amigo Álvaro, que diz: “O tema foi esgotado por Carlos Pena Filho. Qualquer verso que você escreva será inferior aos dele”.³¹⁵ No entanto, na escrita contemporânea, não é uma questão de superioridade ou inferioridade que está sendo colocada, mas a capacidade do escritor de se inscrever na tradição, trabalhando com restos, ruínas.

Brito, no conto “Lua”, retoma o que seria essa incapacidade de escrever como outrora já o fez, caracterizando a impossibilidade de se escrever como os antigos o fizeram e como ele mesmo o tinha feito anteriormente. O escritor afirma que: “Não consigo escrever como há quarenta anos. Nunca mais escreverei um livro de contos igual a *Faca*”.³¹⁶

Em sua reflexão acerca da escrita, Brito comenta a criação da história de Domísio e as mudanças sofridas pelo escritor. Assim, afirma:

³¹² NASCIMENTO, p. 2.

³¹³ COMPAGNON, 2007, p. 11.

³¹⁴ BRITO, 2009, p. 84.

³¹⁵ BRITO, 2012, p. 35.

³¹⁶ BRITO, 2015, p. 207.

.....

Mesmo percorrendo a estrada que me leva à casa onde se escondeu Domísio Justino, a quem acrescentei um prenome João, para tornar mais próximo e familiar o assassino que me persegue desde a infância. Durante minha vida repeti a história do tio infeliz, contei-a sempre igual, até o cansaço. Não me venha citar o rio de Heráclito, diferente a cada travessia. Não mudemos os detalhes dos acontecimentos. Nenhuma mudança é importante em si mesma, ela é sintoma ou consequência de uma carência ou imperfeição. Soa paradoxal, mas as coisas mudam porque através do movimento elas buscam o repouso, um acordo de contrários. Meu movimento é a busca de um remédio que anule a obsessão. Repito essa história desejando reconciliar-me com os fantasmas que me apavoram. Luto e me reconcilio, luto novamente e desse modo progrido.³¹⁷

Vê-se, assim, que Brito tem consciência a respeito da repetição, ou a compulsão por repetição, no caso de Abel e Caim, conforme citado no primeiro capítulo, e a escrita do episódio de Domísio e Donana se caracteriza, enfim, como um dos motivos da sua literatura, cuja distância temporal, que separa antepassado e escritor, foi reduzida por meio de um prenome, reflexo dessa possível carência a que o autor faz menção.

A consciência que Brito tem de sua escrita se aproxima das reflexões elaboradas por Wander Melo Miranda,³¹⁸ cuja reflexão denuncia “o esgotamento da experiência do eu singular e da prática estilística estritamente pessoal”,³¹⁹ culminando com a pilhagem dos mais variados estilos e textos. Segundo essa perspectiva, a obra de Brito estaria constantemente se apropriando do relato bíblico e das narrativas orais do sertão, pois o escritor, tal como o copista, estaria vivendo “contemporaneamente em duas dimensões temporais – a da escrita e a da leitura”,³²⁰ modificando o texto lido, seja a narrativa produzida anteriormente por ele, seja a rede narrações básicas, a que Piglia faz referência. Confirmando isso, vê-se que, em *Galileia*, os narradores, ao prefigurarem a figura do escritor, fazem com que do emaranhado narrativo surja um reflexo entre a narrativa ficcional e o trabalho de Brito, pois Adonias, ao lado de Júlia, estaria sempre pilhando os discursos anteriores, seja as Escrituras lidas pelo avô Raimundo Caetano, seja os tratados genealógicos de Salomão, escrevendo e reescrevendo a história dos Rego Castro.

³¹⁷ BRITO, 2015, p. 207-208.

³¹⁸ MIRANDA, Wander Melo. A liberdade do pastiche. In: _____. MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010, p. 131-136.

³¹⁹ MIRANDA, 2010, p. 132.

³²⁰ MIRANDA, 2010, p. 132.

.....
Karl Erik Schollhamer³²¹ afiança que:

[V]emos alguns escritores trazendo, para dentro de suas ficções, as condições factuais de criação, ou o material nitidamente autobiográfico que envolve, tirando proveito da tensão entre o plano referencial e o plano ficcional, ora para confundir os limites entre essas instâncias, ora, como parece ser a tendência que prevalece, para inserir índices de um real originário na experiência íntima que ancore a ficção de maneira mais comprometida.³²²

Se, conforme apontado anteriormente, Domísio e Donana foram membros da família de Brito, essa reincidência do episódio em seus textos aponta para a tentativa do escritor de se reconciliar com o passado familiar, seja no plano literário, cujos personagens estão em constante diálogo com os fantasmas do passado, seja na vida real de Brito, cujas referências ao passado indicam a sua suposta ascendência familiar. Dessa maneira, vê-se que Brito confunde o leitor, deixando a fronteira que separa ficção de realidade mais porosa, acrescentando índices dessa referência factual na história dos Rego Castro e, assim, adotando um traço da literatura contemporânea, conforme aponta Schollhamer.

Brito, ao finalizar o romance *Galileia*, deixa a história em aberto, colocando Adonias dentro de um círculo de motos, prendendo-o e não o deixando seguir adiante. Segundo o narrador, “[a]té bem pouco tempo, o mundo em volta de mim era compreensível e amável. Agora, seu significado me foge por completo”.³²³ No enunciado, evidencia-se a impossibilidade de continuar a viagem para Recife, esquecer a fazenda Galileia, e aponta-se, também, para a incapacidade de o narrador abandonar as suas raízes sertanejas e encontrar sentido em um mundo que é, para ele, condicionado pelos desejos da família, pelas versões e pelas histórias criadas na casa do patriarca.

De forma semelhante, o romance *Estive lá fora* também se encerra com Cirilo se perguntando o que aconteceria se ele não quisesse “morrer junto com os mortos da família”,³²⁴ pois o narrador, também, se vê impossibilitado de prosseguir com sua vida e a possível morte de Geraldo seria o ato redentor do destino. Abandonando a tarefa de cuidar do irmão, Cirilo poderia ficar, ao tentar “enxergar o corpo do irmão arrastado

³²¹ SCHOLLHAMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

³²² SCHOLLHAMER, 2009, p. 114.

³²³ BRITO, 2009, p. 236.

³²⁴ BRITO, 2012, p. 289.

.....

para o oceano, em meio à correnteza”,³²⁵ apenas “esperando que ele passe, sem fazer nada”.³²⁶ Mas, na enunciação, abandonar o passado é, ao mesmo tempo, desejo e impossibilidade para os narradores dos textos e do escritor também.

Enfim, viu-se, na obra de Brito, que a presença de diversas histórias familiares, os contos citados no capítulo 3 e os romances analisados, assim como a ligação existente entre *Galileia* e *Estive lá fora*, revelam a existência desse tema recorrente na obra de Brito: a família e, por consequência, a casa habitada pelos personagens.

Brito se insere, ele mesmo, no romance ao abordar a presença de uma referência aos antepassados Domísio e Donana em sua história pessoal de vida, sendo um episódio que o marcou profundamente e é, aqui, transportado para a ficção. Contudo, se Eco afirma que para contar é necessário elaborar um mundo textual, com todos os seus detalhes e nuances, e, nesse ato, se têm, sempre, ecos de intertextualidade, já que “os livros falam sempre de outros livros”,³²⁷ vê-se que, aqui, o sertão pessoal do autor passa a engendrar o espaço ficcional para a encenação da história da família Rego Castro, e, além de falar de outros livros, o romance fala sobre outras narrativas familiares: a história de Ronaldo Correia de Brito.

Portanto, ao se analisar o romance *Galileia*, desdobrando-se alguns aspectos em outras obras do escritor, foi possível vislumbrar um perfil da obra de Brito. Sua escrita revela uma estratégia crítica, que desconstrói o que poderia ser uma prática classificatória, uma submissão a textos anteriores, referendando a construção que esteja ancorada em uma ideia de original, superioridade ou inferioridade, ou seja, uma questão de hierarquia, seja na trama das histórias, seja na relação que se estabelecem entre textos e autores.

³²⁵ BRITO, 2012, p. 289.

³²⁶ BRITO, 2012, p. 289.

³²⁷ ECO, 1985, p. 20.

Referências bibliográficas

Bibliografia do autor

BRITO, Ronaldo Correia de. *Atlântico*. Recife: Mariposa Cartonera, 2015.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Ao lado das mulheres, sempre*. Disponível em: <<http://www.ronaldocorreiaebritobrito.com.br/site2/2014/04/ao-lado-das-mulheres-sempre/>>. Acesso em: 05 set. 2015.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

BRITO, Ronaldo Correia de. *O acerto de contas ficcional de um eterno retirante*. Entrevista concedida a Schneider Carpeggiani. Set. 2012. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/old/suplemento/73-entrevista/701-o-acerto-de-contas-ficcional-de-um-eterno-retirante.html>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Cântico para um mundo em dissolução*. 09 mai. 2005. Entrevista cedida a Eleuda de Carvalho. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/ecarvalho2.html>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Ronaldo Correia de Brito e o sertão entre o universo masculino e feminino*. 22 jun. 2010. Entrevista concedida a Bruno Dorigatti. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10330>>. Acesso em: 27 out. 2015.

BRITO, Ronaldo Correia de. *O código do livro dos homens*. Entrevista concedida a José Inácio Vieira de Melo. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/jinacio18.html>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Um escritor na biblioteca: Ronaldo Correia de Brito. Cândido*. Entrevista concedida ao Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=414>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Ronaldo Correia de Brito: Galileia, Ruínas e Labirintos do sertão*. Entrevista concedida a José Inácio Vieira de Melo. Disponível em: <<http://jivmcavaleirodefogo.blogspot.com.br/2009/08/o-codigo-do-livro-dos-homens.html>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

BRITO, Ronaldo Correia de. Entrevista cedida a José Inácio Vieira de Melo. 20 mar. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/na0KWU>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

BRITO, Ronaldo Correia de. Entrevista concedida ao *Diário de Pernambuco*. Disponível em: <http://www.old.pernambuco.com/diario/2003/02/22/viver12_1.html>. Acesso em: 17 mar. 2014.

BRITO, Ronaldo Correia de. Entrevista concedida a J. Guedes, *Jornal A Praça*, 29 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.joserobertoduarte.com.br/entrevistas/item/1288-entrevista-ronaldo-correia-de-brito-escritor>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

BRITO, Ronaldo Correia de. Entrevista concedida a Thiago Corrêa. 27 out. 2014. Disponível em: <<http://www.vacatussa.com/entrevista-ronaldo-correia-de-brito/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Estive lá fora*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Faca*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Galileia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BRITO, Ronaldo Correia de. Helicópteros. In: _____. *Granta 12: Líbano e Síria*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 55-68.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Livro dos homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BRITO, Ronaldo Correia de. *O amor das sombras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Retratos imorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Ronaldo Correia de Brito relata o processo de criação de 'Estive lá fora'*. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ronaldo-correia-de-brito-relata-o-processo-de-criacao-de-estive-la-fora,924241>>. Acesso em: 08 dez. 2015.

Bibliografia sobre o autor e sua obra

ALVES, Rodrigo Damacena; DERING, Renato de Oliveira. Contística e imaginário cultural: a identidade perdida no conto “Milagre em Juazeiro”, de Ronaldo Correia de Brito. *Revista Litteris*, n. 10, set. 2012. Disponível em: <[http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/CONTISTICA_E_IMAGINARIO_CULTURAL_RENATO_DERING_E_RODRIGO_ALVES_\(1\).pdf](http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/CONTISTICA_E_IMAGINARIO_CULTURAL_RENATO_DERING_E_RODRIGO_ALVES_(1).pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2014.

ANDRADE, Francisco Gomes de; MOURA, Maria Cândida Santos e. Literatura e memória: o ser-tão no romance *Galileia* de Ronaldo Correia de Brito. In: _____. *X Encontro Nacional de História Oral*. Testemunhos: história política. Recife, 2010. Disponível em:

.....
<http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270428043_ARQUIVO_ArtigoB.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2014.

ARAUJO, Diego Menezes de. O retorno dos primos Rego Castro à Galileia: testemunhando o passado através do presente. *Anais eletrônicos do VI ENPOLE*. Universidade Federal de Sergipe, 2015. Disponível em: <http://enpoleufs.com.br/textos/Diego_Menezes.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2015.

ASSIS, Laura. Tensões, intercessões e dissoluções: a desestabilização do conceito de nação na literatura brasileira contemporânea. *Travessias interativas*. Jul-Dez, 2013, Edição VI. Disponível em: <http://www.travessiasinterativas.com/_notes/vol6/art%20Laura%20ASSIS_vol%206.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

AUDIGIER, Émilie. Os desafios de traduzir *Faca* de Ronaldo Correia de Brito. In: _____. *XIII Encontro da ABRALIC*, out. 2012, Campina Grande. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2012_1434241937.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2015.

BARBOZA, Luciana. Terral e Aracati: o lugar do sertão em *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito. *Revista Garrafa 24*, maio-agosto, 2011. Disponível em: <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa24/volii/terralearacati_lucianabarboza.pdf>. Acesso em: 04 set. 2015.

BELMAR, Cícero. *Ronaldo esteve lá fora?* Interpoética, 2014. Disponível em: <http://www.interpoetica.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1613&catid=72>. Acesso em: 06 mar. 2015.

BRANDÃO, Eli; LIMA, Isabelly Cristiany Chaves. Histórias cruzadas e abertas em *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito. *Revista Colineares*, n. 1, v. 2, jul./dez. 2014, p. 52-63. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/colineares/article/view/956>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

CARPEGGIANI, Schneider. *Ronaldo escuta os fantasmas da casa*. Pernambuco. Nº 113, Jul. 2015. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_113_web.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

CLARK, Nathália Perry. *Faca-face de um feminino sertanejo: impressões do regionalismo contemporâneo em Ronaldo Correia de Brito*. 2011. 208 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

CRISPIM, Regina Marta de Sousa. *O sertão na literatura brasileira: história e estórias de uma tradição*. 2012. 355f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

D'ANDREA, Moema Selma. *Galileia: o conflito épico de um sertão urbanizado*. Graphos. João Pessoa, v. 12, n. 2, dez./2010. Disponível em:

.....
<<http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/10911/6116>>. Acesso em: 29 set. 2014.

DANTAS, Marcelo. Ronaldo Correia de Brito traça painel memorável e sombrio em novo livro. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/09/1680527-ronaldo-correia-de-brito-traca-painel-memoravel-e-sombrio-em-novo-livro.shtml>>. Acesso em: 15 set. 2015.

FERNANDES, Rinaldo de. O conto brasileiro do séc. XXI. *Revista Graphos*, v. 14, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/13407/8087>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

FERREIRA, Carla Érica de Oliveira. *Anacronismo ou resignificação: Galileia e o regionalismo*. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

FERREIRA, Carla Érica de Oliveira. Regionalismo na contemporaneidade: as vozes da crítica em torno de *Galileia*. *Anais do SILEL*, v. 2, n. 2, Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/2516.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2013.

FERREIRA, Gustavo Henrique. Lua Cambará: corporeidade, mito e tragédia nos sertões de Ronaldo Correia de Brito. *Anais do CID*. v. 1, jul./dez. 2012, p. 80-93. Disponível em: <<http://www.cecle.ileel.ufu.br/cid/anais/anais/gustavo.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

HOLANDA, Lourival. Sertão: entre pedras e parabólicas. *Revista Coletiva*. n. 6, out. nov. dez., 2011. Disponível em: <http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=70:sert%C3%A3o-entre-pedras-e-parab%C3%B3licas&tmpl=component&print=1>. Acesso em: 05 nov. 2014.

LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antonio. Confluências, contrastes e resistências no regionalismo brasileiro: Guimarães Rosa e Ronaldo Correia de Brito. In: _____. *VI Congresso Nacional Associação Portuguesa de Literatura Comparada / X Colóquio de Outono Comemorativo das Vanguardas, 2009/2010*, Universidade do Minho. Disponível em: <http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/pub_maria_leonel.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antonio. O regional e o universal na representação das relações sociais. *Revista Cerrados*. v. 18, n. 28, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8319>>. Acesso em: 16 mai. 2015.

LESQUIVES, Juliana Oliveira. Atravessando sertões-mundo: no rastro de migrações e diásporas e a reconfiguração do nordeste em *Galileia*. *Revista Inventário*. Jul./Dez., 2012. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/11/atravessando%20sertoes-mundo%20finalizando.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

.....

LESQUIVES, Juliana Oliveira. *Sertões, diásporas e parabólicas: estudo de representações do Nordeste contemporâneo no romance Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito. 2012. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2012.

LIMA, Isabelly Cristiany Chaves. *Tecidos messiânicos em Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013.

MADEIRA, Wagner Martins. *Sertão desdobrado*. 2009. Disponível em: <<http://historianovest.blogspot.com.br/2009/11/sertao-desdobrado.html>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

MELO, Mônica dos Santos. *A resignificação do sertão em Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito: Problematização da dimensão regional do romance no contexto da contemporaneidade. 2014. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

MOURA, Maria Cândida de Souza e. *As dimensões da memória e suas inter-relações no romance Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito. 2014. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014.

NETO, Adalberto Bastos. O espaço, o tempo e o ser: uma análise cronotópica do romance *Galileia*. *Revista Estação Literária*. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina: Londrina. v. 10, jul–dez, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10A-Art8.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

PIEIRO, Jorge. O sertão existencialista de Ronaldo Correia de Brito. *Germina – Revista de literatura e arte*. Jun. 2010. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/2010/colunapanaplo_jorgepieiro_jun10.html>. Acesso em: 23 jan. 2015.

RIBEIRO, Elizabeth Francischetto. *A paródia bíblica em Galileia de Ronaldo Correia de Brito*. 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

RIBEIRO, Elizabeth Francischetto. O patriarcalismo em Galileia de Ronaldo Correia de Brito. *Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura*. São Cristóvão, SE: GELIC/UFS, v. 4, maio, 2012. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/29428398/o-patriarcalismo-em-galileia-de-ronaldo-correia-de-brito>>. Acesso em: 22 out. 2014.

RICCIARDI, Luigi. *Galileia e a dura terra que é o coração humano*. Disponível em: <<http://homoliteratus.com/galileia-e-dura-terra-que-e-o-coracao-humano/>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. O sertão globalizado em *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito. 1º CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários –, 4º

CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários –, *Anais*, Jun. 2010. Disponível em: <<http://www.cielli.com.br/downloads/57.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2013.

SANTINI, Juliana. A palavra que faz o passado: narrativa e tradição na literatura e no cinema brasileiro dos últimos anos. *Rev. Let. & Let.* Uberlândia-MG, v. 27, n. 2, p. 331-346, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25748/14197>>. Acesso em: 07 abr. 2015.

SANTINI, Juliana. Entre a memória e a invenção: a tradição na narrativa brasileira contemporânea. *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB.* Brasília, v. 18, n. 27, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8347/6343>>. Acesso em: 08 out. 2015.

SANTINI, Juliana. Livro dos homens, de Ronaldo Correia de Brito. *Revista Transdisciplinar de Letras, Educação e Cultura*, v. 2, n. 4, jan./jun., 2006. Disponível em: <http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n4/arquivos/v4/resenhajulianasantini.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2014.

SANTOS, Joelson. *Faca e seus cortes: o sertão trágico e feminino de Ronaldo Correia de Brito*. 2014. 133f. Dissertação (Estudos de linguagem) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.

SANTOS, Joelson Santiago. Imagens de velhice e loucura em Ronaldo Correia de Brito. *Anais do XVI CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012, p. 1990-1996. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_2/177.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2014.

SANTOS, Maria David. Da arte de narrar à riqueza da experiência: os interstícios de memória em “Mentira de amor”, de Ronaldo Correia de Brito. *Anais do V SENALIC*. São Cristóvão: GELIC, v. 5, 2014. Disponível em: <http://200.17.141.110/senalic/V_senalic/textos_VSENALIC/Maria_David.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2015.

SILVA, Márcia Rios da. Na viagem pelo sertão de Galileia, outras modulações regionais. *Navegações*, v. 5, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/12782/8542>>. Acesso em: 5 jun. 2013.

STRINGHINI, Viviane C. M. Galileia. *Revista Travessias*. v. 4, n. 2. 2010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4198>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

VASCONCELOS, Carlos Roberto Nogueira de. *Sertão de pedra e argila: tradição, ruptura e modernidade no romance Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito. 2013. 89f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

.....

Bibliografia geral

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ASSIS, Machado de. A cartomante. In: _____. *Contos: seleção de Deomira Stefani*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1977, p. 75-80.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BÍBLIA. Hebraico. *Bíblia de Jerusalém*. Trad. Euclides Martins Balancin [et al.]. São Paulo: Paulus, 2012.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Ver. Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ECO, Umberto. A inovação no seriado. In: _____. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 120-139.

ECO, Umberto. O antiporfirio. In: _____. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 316-341.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Trad. Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ELIOT, T. S. *Notas para a definição de cultura*. Trad. Eduardo Wolf. São Paulo: É Realizações, 2011.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOMBARDI, Andrea. Onde está nosso irmão Abel? In: _____. SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003. p. 211-227.

MAAS, Anthony. Genealogy (in the Bible). *The Catholic Encyclopedia*. v. 6. New York: Robert Appleton Company, 1909. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/06408a.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

MATA, Anderson Luís Nunes da. *Como vai a família?* As reconfigurações da instituição familiar no imaginário do romance brasileiro contemporâneo. *Iberic@l: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*. 2014. Disponível em: <<http://iberical.paris-sorbonne.fr/02-09/>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

MIRANDA, Wander Melo. A liberdade do pastiche. In: _____. *Nações literárias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010, p. 131-136.

NASCIMENTO, Lyslei. O Aleph, Beatriz e a Cabala em Jorge Luis Borges. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte. v. 2. n. 3. Out. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/viewFile/1633/1720>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: _____. CONGRESSO ABRALIC, 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SEGRAC, 1991. p. 60-66.

QUINTÃO, Glauber Pereira. *Genealogia literária em A estranha nação de Rafael Mendes, de Moacyr Scliar*. 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SANTOS, Márcio César Pereira dos. *Narradores e escribas nos romances bíblicos de Moacyr Scliar*. 2014. 219 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Trad. Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SCHOLLHAMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SELLIER, Philippe. Caim. In: _____. BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind... [et al.]. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000, p. 138-145.

SELLIER, Philippe. Davi ou Do itinerário. In: _____. BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind... [et al.]. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000, p. 212-216.

SOUZA, Raquel. Memória e imaginário. In: _____. BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 247-268.

SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

.....

WEIGEL, Sigrid. *Genealogy: on the iconography and rhetorics of an epistemological topos*, 2006. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/sweigel/>> Acesso em: 18 jul. 2014.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A “literatura” medieval*. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.